

PARA UMA TAREFA ONDE NEM TUDO SÃO ROSAS SOARES NOMEADO HOJE

Um diploma presidencial, datado de hoje, nomeia Mário Soares Primeiro-Ministro do II Governo Constitucional. Um comunicado da Presidência da República, emitido ao fim da manhã, dá conta de que o atraso de quatro dias na nomeação de Soares (que na quinta-feira passada aceitara formar Governo) foi decidido «de modo a que o prazo constitucional entre a nomeação e a apresentação do programa na Assembleia da República decorra em condições que salvaguardem a constituição do Governo e a elaboração desse programa». Mário Soares terá agora dez dias para se apresentar ao Parlamento, prazo que expira na quinta-feira da próxima semana. Os deputados, por seu turno, terão 48 horas para tomar conhecimento do programa, não podendo os debates prolongar-se por mais de cinco dias.

Corre curto o tempo para Soares num momento que nem tudo são rosas no acordo PS/CDS, sobretudo no que se refere à sua «incidência governamental». Dificuldades quanto às «personalidades» do CDS que integrarão o próximo Executivo fizeram com que as diligências «marcassem passo» no último fim-de-semana.

Esta noite uma reunião do Secretariado Nacional do CDS poderá adiantar alguma coisa quanto às pretensões deste partido. Em causa estarão especialmente as contrapropostas do PS, que tentaria evitar que certas figuras da direita ocupassem alguns postos de destaque, entre outros (dizem fontes socialistas) o dos Negócios Estrangeiros. O número de lugares que o CDS pretende seria outra das dificuldades: três Ministérios e cinco Secretarias de Estado seriam de mais na óptica do PS (dizem ainda as mesmas fontes) sobretudo quando adicionado as exigências em termos de «na-

cionalizadas» e Administração Pública.

Além destas questões, também não é pacífica a participação de alguns dirigentes socialistas no Governo. Salgado Zenha, que continua a ser insatisfeito, vem recusando participar; diz-se que Barreto opõe igualmente resistências, mas que estas poderão ser vencidas se Soares avalizar a sua política agrícola, ou seja, uma nova dinâmica nos ataques à Reforma Agrária; Gonilha também não está certo no Trabalho, enquanto ninguém sabe exactamente o que fazer com Jorge Campinos. Estes três «ministeriáveis» estiveram ontem com Mário Soares, na sua residência ao Campo Grande, em Lisboa e não em Nafarros, como ainda hoje dizem alguns órgãos de Informação.

Dificuldades assolam também o sector da Economia e Finanças, onde (fontes socialistas ainda) indicam nomes como os de Vitor Constâncio, Silva Lopes, Sousa Gomes, Rui



Soares, Soares, Amaral: Belém pôs hoje «a correr» o prazo concretização do Governo no momento em que dificuldades entre o PS e o CDS vêm a público.

Vila e António Guterres.

Para além dos contactos mencionados, nada mais transpirou. Tudo continua a decidir-se nas costas do País, indiferentemente às consequências que advirão para o seu futuro imediato.

Pouco «cor-de-rosa» é também o matiz das relações dos dirigentes socialistas com as suas bases. Mais de 22 sessões de esclarecimento decorreram este fim-de-semana ao nível das Federações Distritais do PS. Com «certa inquietação» é como círculos dirigentes do PS classificam a situação. Tal «inquietação» traduziu-se já na saída de 16 mili-



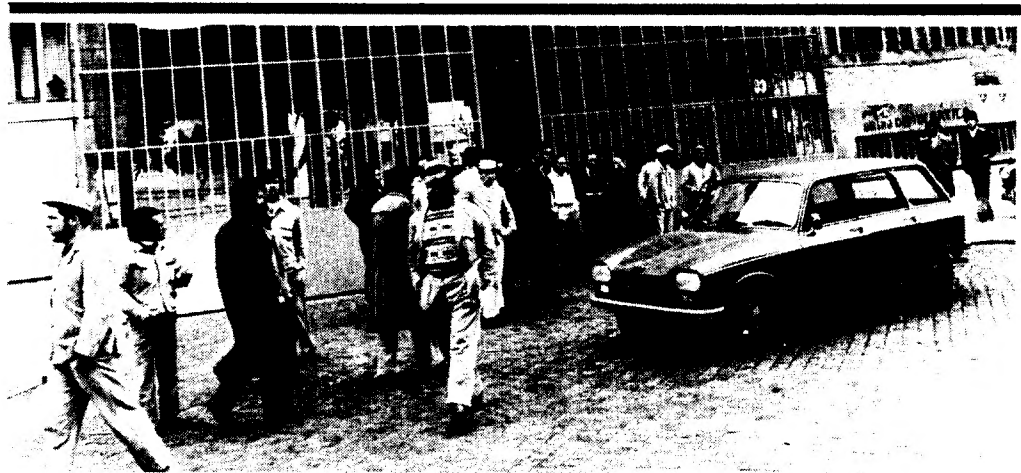
tantes de Aveiro, que no seu pedido de demissão acusam os dirigentes do PS de uma prática «que tem vindo a encaminhar o nosso País para vias bem diferentes das preconizadas no seu programa» (programa do PS, leia-se). Também em Valpaços (distrito de Vila Real) o fundador da secção local do PS e outro dirigente, este da organização concelhia, tornaram pública a sua intenção de abandonarem o partido. Outras reacções estendem-se a diversos pontos do País, dando o Partido Comunista conta da presença de militantes do PS em alguns dos seus comícios e sessões de es-



clarecimento também em grande número no último fim-de-semana.

Finalmente, assinala-se a onda de protestos que percorre o País de norte a sul e se traduz num crescente número de manifestações de repúdio pela coligação PS/CDS, quer por parte de formações partidárias de esquerda, quer, sobretudo, a partir de sindicatos e outras organizações representativas dos trabalhadores, estas de especial importância quando nos textos do acordo entre aqueles dois partidos se aponta com insistência para o tão falado «Pacto Social».

(Mais noticiário nas páginas interiores)



Operários em greve esta manhã, numa das empresas do grupo da Sociedade Nacional de Sabões.

Operários dos Sabões em greve

● A partir de quarta-feira pode faltar a margarina

«Os trabalhadores não estão interessados em fazer greve, estão interessados em trabalhar. Mas a resolução dos problemas não se fará à custa dos nossos direitos».

Estas são algumas das declarações proferidas por trabalhadores do grupo de empresas da Sociedade Nacional de Sabões, um dos grupos de capital privado mais importantes

no nosso País, que às 0 horas de hoje entraram em greve por tempo indeterminado para, entre outras reivindicações, conseguirem que a administração se dignasse dialogar com a sua estrutura representativa.

Por decisão tomada em plenário, os representantes dos trabalhadores do grupo, tinham concedido à administração um prazo para satisfa-

zer três reivindicações fundamentais: a manutenção dos horários de 40 horas que vêm sendo praticados há dois anos, a não admissão de ex-comandos e reunião com a administração para tratar vários problemas, entre eles o da situação criada dentro da empresa pelo eng. Marques de Sou-

Continua na pag. 20

Brizzola em Lisboa como quem "se aproxima de casa"

«Chegar a Portugal é sentir-mo-nos a aproximar de casa», afirmou na manhã de ontem, na Portela, à sua chegada de Nova Iorque, o ex-governador do Rio Grande do Sul (Brasil), Leonel Brizzola, ao comentar o seu exílio da terra natal, desde 1964.

Muitos amigos do popular dirigente político brasileiro estiveram presentes no aeroporto, nomeadamente, o também ex-governador, Miguel Arraes, de Pernambuco, prof. Moniz Bandeira (vindo expressamente de Paris para abraçar Brizzola), capitão Altair Campos, frei Bento Domingues e João Tito de Moraes, este em representação do secretário-geral do PS.

Foi comovente o longo abraço de Brizzola e Arraes (radicado em Argel), dois homens que a ditadura brasileira separou desde há 14 anos, quando tiveram de abandonar o Brasil. Brizzola completava ontem, dia da sua chegada a

Lisboa, 56 anos, e não pôde esconder a emoção do retorno a Portugal. Pais que visitou anonimamente em 1958, com sua mulher Neusa pouco depois da eleição como governador do Rio Grande do Sul.

Manifestando a intenção de se avistar com o secretário-geral do PS, a fim de lhe agradecer, a «hospitalidade da pátria-mãe, quando o Governo do Uruguai decidiu cancelar o asilo político que nos concedera até então», Brizzola escusou-se a responder acerca das próximas eleições no Brasil alegando que 14 anos de exílio, sete dos quais de internamento, o impediram de estar completamente actualizado sobre a situação política brasileira.

Quanto ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) de que foi uma figura de proa, Brizzola disse que, embora o actual regime o tenha extinguido, ele nunca deixou de existir por-

Continua na pag. 20

Quatro freiras mortas num desastre de viação

Sete mortos e 33 feridos, 17 dos quais em estado grave, é o balanço dos 48 acidentes de viação registados este fim-de-semana nas estradas portuguesas.

Um dos desastres mais graves registou-se no troço entre Quebradas e Asseiceira, quando se despetou a carrinha em que seguiam cinco religiosas do Colégio do Ramalhão (Sintra) de regresso de um encontro em Fátima. Quatro das freiras tiveram morte imediata, enquanto a outra se encontra internada em estado grave.

Entre as freiras mortas, conta-se a madre superiora-geral da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena (Colégio do Ramalhão), madre Maria do Perpétuo Socorro de 57 anos (que conduzia o veículo); a ex-madre superiora-geral da mesma Congregação, Maria do Sagrado Coração de Jesus de 65 anos, a irmã Deolinda, de 39 anos, encarregada da classe infantil, e a irmã Maria de S. João da Cruz, responsável pela Primária das internas. A irmã Natividade, a sobrevivente, também de 39 anos, foi operada esta noite a várias fracturas expostas. Os corpos das religiosas falecidas deverão estar ainda hoje expostos no Colégio do Ramalhão.

Por outro lado, e num acidente verificado em S. Marcos da Serra, faleceu um garoto de seis anos quando o veículo em que viajava com sua mãe e uma irmã de quatro meses foi apinhado pelo comboio na passagem de nível.

A mãe (e condutora) foi transferida para o Hospital de Santa Maria em estado grave, enquanto o bebé se encontra internado no Hospital de Portimão. O automóvel foi arrastado metros mais de 550 metros pelo «rápido» de Lisboa.

Entretanto, e apesar da neve e chuva que têm caído, as estradas encontram-se todas transitáveis, à excepção da que liga Torre a Seia, perto da Covilhã.

Governador
de Faro
acha urgente
unir forças
progressistas

(Pag. 8 e 9)

post-scriptum



A crescente violência nos meios estudantis levou a graves confrontos no Liceu D. Dinis

Redutos fascistas no ensino, diz Cardia

«A educação é um dos redutos em que os métodos fascistas teimam em persistir. E o fascismo é, por natureza, ódio à inteligência, à cultura, à competência, ao trabalho.

O Governo fará o que estiver ao seu alcance para modificar esse estado de coisas».

Palavras do (silencioso) ministro Cardia a propósito de recentes provocações e violências fascistas em liceus de Lisboa e Porto? Não senhor. São palavras da sua caudalosa comunicação pela TV, em 28 de Outubro de 1976, pelo início da sua democrática gestão governativa.

Leitor devidamente identificado.

Até quando o descaramento dos fascistas?

A lamentável e anticonstitucional propaganda fascista, nos órgãos de informação, continua acesa em vários jornais criados exclusivamente para destruir a Democracia em Portugal e as liberdades adquiridas em 25 de Abril de 1974.

Em 15/11/77, o «jornal» «O Retornado», da direcção do sr. Arthur Ligne (português?), nas suas páginas centrais, publicava uma «notícia» (?), da qual constava a existência de toneladas de armas e munições em diversos sítios deste Portugal, em poder de organizações de trabalhadores e políticas (de esquerda).

E adiantava pormenores: «Em Santarém, um indivíduo de nome Albino Ferreira, altamente envolvido com o Partido Comunista Português, é depositário de armas e munições em quantidades não conhecidas com exactidão, mas sabe-se ter andado a treinar com alguns tipos de armas na região de Évora, entre os quais uma pistola-metralhadora Beretta».

É claro que o meu nome completo não é Albino Ferreira, mas Albino Paulo Vieira Ferreira. Mas também é verdade, que não é conhecida em Santarém outra pessoa com tal nome.

No mesmo número do referido «jornal», diz-se que o seu director já tem 60 processos em Tribunal por abuso de liberdade de Imprensa. Escusado, seria pois, repudiar em relação à minha pessoa a vil e insidiosa calúnia.

Até quando os inimigos da liberdade continuarão a sua campanha contra a nossa jovem Democracia, propagando mentiras e ideologia fascista?

Para que a verdade venha a público e porque «O Retornado» se recusou a publicar este esclarecimento, alegando que «juridicamente» a pessoa não era a mesma, espero que nas colunas do jornal que V. Ex.ª dirige e que tantas provas tem dado em prol da verdade e da justiça, se informe dignamente toda a população.

Albino Paulo Vieira Ferreira
SANTARÉM

Amarico

No suplemento «Exclusivo» da edição do «DL» de 17 do corrente, saiu um artigo sobre a Etiópia que refere o «aramaico» como sendo a língua oficial falada naquele país. Com efeito é o «amárico» o idioma utilizado naquele país africano, e não o «aramaico» (língua de antigos povos da Ásia Menor), como erradamente se refere.

H.B.N. — leitora devidamente identificada.

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

MDP E PRP TOMAM POSIÇÃO

Forças políticas repudiam coligação PS-CDS

Algumas organizações políticas da esquerda portuguesa, afastadas dos canais públicos da Comunicação Social pela sua falta de representação parlamentar, têm vindo a emitir, nos últimos dias, comunicados acerca da situação política actual e designadamente a propósito do acordo PS-CDS de que vai resultar o II Governo Constitucional. Depois da FSP e da LCI, de cujas posições já demos conta na nossa edição de sábado passado, tomaram posição o MDP e o PRP. Umas e outras organizações criticam em termos bastante áspers o acordo em questão, denunciando a falta de apoio social, popular, que vai dificultar a acção do futuro elenco governativo, e prevendo o agravamento das condições de vida para a generalidade dos portugueses, mercê da linha que o II Governo vai seguir.

«A solução que Mário Soares procura concretizar após a submissão da direcção do PS à direita reacçãoária não serve os interesses do País e do povo», diz o MDP. Para esta organização, «o CDS será, na área do poder a que nunca ascenderia pela vontade do voto popular, uma via para as forças antidemocráticas exercerem o domínio do aparelho de Estado, pressionará para uma governação hostil aos interesses das camadas populares, será a voz avalizada pelos dirigentes socialistas para a lenta e gradual inflexão do espírito do

texto constitucional». Quanto ao futuro Governo — prevê o MDP —, ele «aprofundará a política incoerente do I Governo Constitucional, agravando a crise económica, financeira e social, fazendo perigar a independência nacional, pondo em risco a própria democracia. Pela sua composição, com governantes que só não foram ministros caetanistas por falta de tempo ou de oportunidade, um tal Governo enfrentará uma forte desconfiança e animosidade populares: a sua base de apoio popular será ainda menor que a do Governo anterior».

Diz o PRP: «Se o Governo PS tem sido o que se sabe em termos de desrespeito total pelas suas promessas, em termos de ausência total de princípios dos dirigentes deste partido, em termos de política gravemente atentatória dos interesses dos trabalhadores e da independência nacional, um Governo PS-CDS será necessariamente o reforço e aprofundamento dessa mesma política, o aumento da exploração e das medidas repressivas, o combate às conquistas e às liberdades adquiridas pelos trabalhadores e antifascistas no pós-25 de Abril. O governo PS-CDS será um Governo ferozmente inimigo dos trabalhadores, mas as condições em que vai tentar governar não lhe serão favoráveis e está destinado ao repúdio dos trabalhadores e antifascistas e ao fracasso a curto prazo. Pela luta de massas que se avizinha e pelas contradições internas do próprio bloco governamental (dado estarmos perante forças no poder que representam os interesses de diferentes fracções de classe da burguesia), rapidamente as dificuldades de vária ordem e os conflitos no seio do próprio governo estalarão e cairá num novo impasse que poderá desembocar ou em eleições antecipadas ou num golpe da extrema-direita».

Outras reacções são por exemplo, as de órgãos ou organizações representativas de trabalhadores. Num registo inevitavelmente selectivo, tomaram posição pública a Assembleia Geral de delegados dos professores da zona da Grande Lisboa, a Comissão Inter-sindical e a Comissão de Trabalhadores da Siderurgia Nacional, o Secretariado das Comissões de Trabalhadores e Secretariado das Empresas Intervencionadas da Zona de Vila Franca de Xira, o Sindicato

dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul, o Secretariado da Cintura Industrial de Setúbal.

A título exemplificativo do teor das posições reactivas à formação dum II Governo com-participado pelo PS e pelo CDS, diga-se que os professores da Zona da Grande Lisboa, em assembleia geral, aprovaram uma moção contendo, entre outras alusões referentes à situação socioprofissional dos interessados, uma passagem onde se declara a «profunda apreensão e desagrado pela previsível (e ainda mais acentuada) inflexão à direita, que virá inevitavelmente a verificar-se na actuação do MEIC, caso o CDS entre efectivamente no Governo».

Além destes protestos recebemos ainda moções de repúdio do Sindicato dos Metalúrgicos de Setúbal, da UCP «Pedro Soares», dos trabalhadores da LACOBEL e de 36 trabalhadores da Escola Preparatória Afonso III, de Faro.

OUTRAS REACÇÕES

Em numerosas sessões de esclarecimento, comícios e festas o PCP esclareceu este fim-de-semana as suas bases de militantes e simpatizantes sobre a ruptura nas conversações com o PS e a situação resultante da aliança deste partido com o CDS. A posição defendida pelos comunistas pode ser resumida no esclarecimento de Joaquim Gomes, do Comité Central daquele partido, durante uma sessão de esclarecimento na Marinha Grande: o PCP continua aberto a conversações com o PS, não para dar cobertura a um Governo de direita mas para apoiar um Governo de democratas.

Dirigentes comunistas denunciam papel do PS nas negociações

Em numerosas sessões de esclarecimento, comícios e festas o PCP esclareceu este fim-de-semana as suas bases de militantes e simpatizantes sobre a ruptura nas conversações com o PS e a situação resultante da aliança deste partido com o CDS. A posição defendida pelos comunistas pode ser resumida no esclarecimento de Joaquim Gomes, do Comité Central daquele partido, durante uma sessão de esclarecimento na Marinha Grande: o PCP continua aberto a conversações com o PS, não para dar cobertura a um Governo de direita mas para apoiar um Governo de democratas.

Ainda quanto à ruptura das conversações PS/PCP acusou os socialistas de má fé durante as negociações, procurando que os comunistas dessem credibilidade a um Governo de direita e provocando assim uma situação que levasse ao seu descrédito perante as massas populares.

Esta posição seria retomada por José Magro, também do CC do PCP, durante um comício-festa unitário que reuniu mais de mil pessoas em Cascais. Disse este dirigente que não foram as dificuldades nas negociações com o PCP que empurraram o PS para as cedências ao CDS, mas a pressão dos «centristas» no sentido de levar os socialistas a cederem e a encerrarem as negociações com os comunistas.

Na altura foi aprovada por aclamação uma moção em que as centenas de participantes no comício-festa manifestaram o seu repúdio pela coligação PS/CDS.

Joaquim Gomes definiu ainda o que o seu partido entende dever ser a actuação futura dos trabalhadores e democratas: uma acção firme de repúdio por um Governo PS/CDS conduzida com serenidade e no quadro balizado pela Constituição.

ACÁCIO BARREIROS NO PORTO

“Vamos ter um Governo CDS com personalidades PS”

PORTO, 23 — Acácio Barreiros, deputado da UDP, afirmou ontem nesta cidade que o Governo em formação vai ser um Governo CDS com algumas personalidades do PS» adiantando também que os trabalhadores «estão revoltados por verem o CDS no Governo».

O deputado da UDP discursou, como convidado, no comício organizado pelo PCP(R). A sua intervenção caracterizou-se por um cerrado ataque à prevista formação de um Governo PS/CDS, sendo os seus ataques centrados, nomeadamente, na entrega dos

Ministérios da Justiça e dos Negócios Estrangeiros ao CDS.

«Ao entregar as relações exteriores ao CDS, será este partido quem vai escolher os amigos e inimigos de Portugal», disse Barreiros.

A UDP reunirá na parte da manhã, igualmente no Porto, o seu Conselho Nacional. Ao falar no comício, Acácio Barreiros assegurou que a reunião se efectuará no Norte «porque é sobretudo no Norte que o CDS tem força e é aqui, portanto, que é preciso travá-lo».

FOLHA OFICIAL

No «Diário da República» 1.ª Série, n.º 18, foi publicada a seguinte legislação:

Conselho da Revolução: Resolução n.º 10/78: Designa o major Vitor Manuel Rodrigues Alves para substituir o presidente da Comissão Constitucional durante o período em que estará ausente no estrangeiro. Declaração: De ter sido rectificado a Portaria n.º 790/77, de 27 de Dezembro, que dá nova redacção aos n.ºs 5.º e 6.º da Portaria n.º 71/78, de 10 de Fevereiro.

Presidência do Conselho de Ministros: Declaração: De ter sido rectificado o Decreto n.º 189/77, publicado no 4.º suplemento ao «Diário da República», 1.ª série, n.º 302, de 31 de Dezembro.

Ministério da Justiça: Portaria n.º 43/78: Aumenta o quadro do pessoal do Tribunal da Comarca de Felgueiras.

Ministério das Finanças: Portaria n.º 44/78: Visa a liquidação de contribuições, impostos e taxas que tenha por base o ouro ou moeda estrangeira, para a qual estabeleça os respectivos ágio e câmbio médios.

Ministérios das Finanças e dos Transportes e Comunicações: Portaria n.º 45/78: Fixa em 8 a permissão relativamente ao exercício de 1076.

Ministério do Comércio e Turismo: Portaria n.º 46/78: Fixa a remuneração dos mandatários no Mercado Abastecedor de Chaves de Oliveira, no Porto.

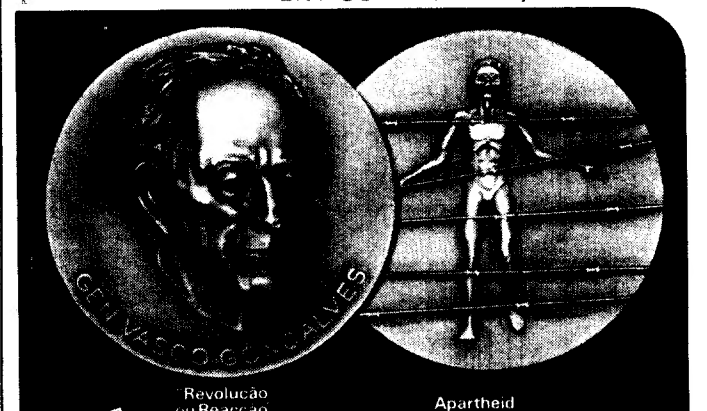
Ministério dos Assuntos Sociais: Portaria n.º 47/78: Estabelece normas sobre a integração de funcionários da Creche e Jardim-de-Infância de Santo António no quadro da Misericórdia de Lisboa.

Em ALVERCA o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16

MEDALHAS

Mod. 80mm Numeradas | Bronze

ENVIOS A COBRANÇA



300\$

Pedidos ao

Atelier Belo Marques

R. da Trindade, 5, 2.º Dto. Tel. 3712 54 LISBOA

ponto a ponto



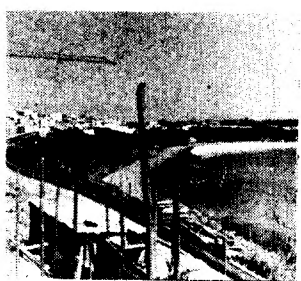
Correspondendo a um convite do Conselho Mundial da Paz para se integrar numa delegação internacional que se desloca aos Estados Unidos por iniciativa do Comité Norte-Americano para o Desarmamento e o Desanuviamiento, parte amanhã para Nova Iorque o general Costa Gomes, membro da Presidência do CMP. Durante a sua estadia nos Estados Unidos, a delegação participará em «Diálogos Internacionais sobre Desarmamento e Desanuviamiento», a realizar em Washington, e em Nova Iorque.



O Prémio Valle-Flor de 1977 foi atribuído ao jovem José Emanuel pela sua acção aquando do desastre do Boeing dos TAP no Funchal, em 19 de Novembro do ano passado. José Emanuel distinguiu-se pela forma como actuou para salvar o pequeno Daniel Duque, que viajava consigo no momento do acidente. O montante do prémio ascende a 25 contos.



A Câmara Municipal de Sesimbra, no seu plano de actividades para 1978, tem prevista a construção de 242 a 262 fogos na área do concelho. Aquele município tem actualmente em curso a construção de 149 outros fogos.



Moradores do Areal (área de Sines) queixam-se de que frequentemente à noite falta energia eléctrica naquele bairro de 250 fogos onde funciona uma escola-piloto iniciativa privada. Onde se pretende construir uma «cidade modelo», faltam condições básicas de existência, motivo que leva um grupo de residentes no referido bairro a apelar às entidades competentes.

ANTÓNIO SÉRGIO — A SUA CASA

Helena Cidade Moura

Quando António Sérgio esperava na cama a morte rodeado de silêncio, a solidão da sua casa, o ranger das escadas, o sol que entrava entre as estantes, os sofás vazios e a secretária abandonada aos papéis... era o cenário desolado, como se alguma coisa de nós próprios estivesse suspenso, também à espera da morte.

A sua passada larga, o seu sorriso, o seu carinho, a criatividade imensa da sua inteligência livre, a quietude da sua companhia, verdadeira companhia, abriam um espaço que faltava... mas, apesar do silêncio e do peso, aquele lugar era, nesse tempo e apesar de tudo, bem mais acolhedor e arejado que maior parte de todos os outros.

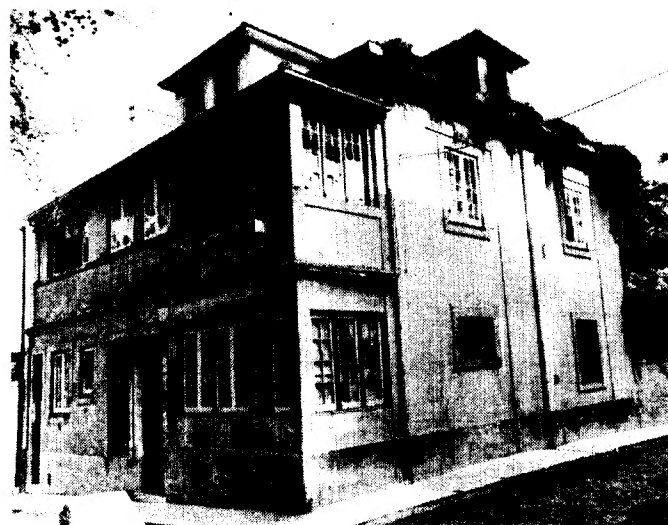
No absoluto isolamento e na mais completa imobilidade, António Sérgio mantinha a vida atenta, amordaçada por um desinteresse determinado que tinha muito duma profunda frustração. Quando raramente consentia uma certa abertura naquela carapaça em que se envolvia, logo aparecia uma nega da sua inteligência brilhantíssima e da paixão com que viveu. Nesses instantes ressurgia em nós uma esperança da qual o prof. Barahona Fernandes, seu médico e amigo, partilhava com dificuldade.

Para além da sua obra que nós sabíamos ficaria, para além da marca da sua personalidade que sabíamos dificilmente se apagaria, era a sua existência de amigo, de Pai e o que ela representava para nós de estímulo e segurança, de clareza intelectual, de fermento de acção que nos abria horizontes, éramos nós que recusávamos a sua morte.

António Sérgio era um intelectual interveniente, um político para quem a pedagogia era uma forma de expressar e agir a um pedagogo para quem a pedagogia era acção política. A sua passagem no mundo não foi a sua obra, foi a sua vida. Todo o seu trabalho intelectual era fruto do desejo de intervir socialmente, de explicar os

factos, as coisas, a história, numa ânsia de alargar o entendimento, de implantar o raciocínio científico, de ensinar a ver, a pensar, a experimentar.

As cartas do exílio que conservo, enviadas a meu pai, Heráclito Cidade, estão todas elas enervadas dessa luta constante, desse empenhamento em intervir, consciencializando, dignificando, ensinando. «Além das dificuldades em que a emigração me colocou e que não de durar bastante tempo depois dela, pelas dívidas contraídas, o meu interesse é ali cívico, pois que a doutrinação reaccionária me parece absolutamente necessário opor uma intensa doutrinação liberal»



(...) «Os políticos com quem tenho falado nos problemas da educação republicana do nosso público concordam todos com a necessidade de tornar acessíveis ao português médio bons livros estrangeiros de doutrinação democrática, e no indispensável, que é proteger o Estado a difusão de tais livros começando por os comprar para todas as bibliotecas, escolas, distribuição de prémios, etc.» (Paris, Fevereiro, 1930) «Realizei em tempo

relativamente curto, o programa que expus quando me nomearam para a Comissão de Assistência, empregar todos os emigrantes que quisessem emprego não nos preocupando com os outros (que foram só dois). Era a doutrina que eu aconselhava há muito, mas tida como irrealizável. Como não pertencia à Comissão de Assistência, limitava-me a pregar. Uma vez nomeado para ela, tratei de pôr em prática a minha ideia (...) Custou, deu trabalho a este seu criado, mas fez-se. Não há já Comissão de Assistência a funcionar porque já não há assistência permanente

A sua casa foi instrumento desse mesmo empenhamento, nela se encontravam a calma, a conversa inteligente e séria, a harmonia da responsabilidade no que se dizia e fazia, a relação fraterna entre as pessoas, num ambiente de esforço intelectual em que muita coisa se aprendia.

Para que de António Sérgio fique alguma coisa de importante não basta reeditar os seus livros. A Câmara Municipal de Lisboa acaba de considerar de utilidade pública a casa, parte importante da sua vida em Portugal.

Revendo as linhas gerais do pensamento-existência de António Sérgio, à luz do contexto social deste momento, e ele não admitiria uma visão diferente, penso que a sua casa e os seus livros devem formar um centro-escola, biblioteca, convívio — aberto das 18 h às 24 h — e dedicado a trabalhadores, um centro onde exista liberdade de ideias, diálogo e unidade de acção, onde os seus livros sejam acariciados não pela especulação dos letrados, mas pelo empenhamento no concreto dos que procuram a liberdade na prática da sua busca, empregando a expressão de Paulo Freire.

A casa de António Sérgio não merece ser mais «um lugar histórico», mas pela actualização e enriquecimento da sua biblioteca, pela intervenção na sociedade actual, ela terá de justificar o dinheiro empregue e as horas de trabalho despendidas e corresponder pela sua acção a uma necessidade real.

Só assim ela respeitará a tradição e servirá a mensagem daquele que, mesmo «citando de cor» porque no exílio lhe faltavam os seus livros, nunca deixou de intervir pedagogicamente na vida cultural portuguesa, num sentido do real, do concreto, do necessário.

política

de A a Z

AS MEDITAÇÕES DE FIM-DE-SEMANA

Meditou Mário Soares na composição do 2.º Governo Constitucional nas explicações e nas justificações a que será obrigado quer em relação aos justos a fazer, quer quanto às despedidas que deverão ser adoptadas. Meditou Diogo Freitas do Amaral nas exigências complementares a que um Partido Socialista em trabalhos de parto ministerial dificilmente poderá resistir. Meditaram muitos portugueses sobre o significado e as consequências políticas a curto e a médio prazos, de uma fórmula inesperada de «avanço, em democracia, para o socialismo».

Dir-nos-ão que não é disso que se trata. Que o socialismo, nas suas originalidades nacionais e nas suas condicionantes lusitanas, será colocado entre parêntesis por todo um período de recuperação económica. Conhecemos o argumento. Mas sabemos, igualmente, da nossa e da alheia experiência, que se as Revoluções se não realizam por afirmações românticas ou rasgos voluntaristas, também se não realizam se param a meio caminho.

O que estamos a comprometer é a própria Revolução de Abril, no seu aspecto libertador e democrático, e não apenas o avanço na tarefa de construir um «País novo».

O desequilíbrio que se verifica já na «sociedade castrense» e levava ao isolamento (relativo) dos militares democratas em benefício de sucessivas jogadas de recuperação da hierarquia tradicional, ameaça reproduzir-se na «sociedade

de civil» com o argumento maior da «estabilidade governamental» e o argumento acessório das «competências».

Argumento acessório e falso argumento porque os «incompetentes» passam a ser «competentes» por obra e graça da «coligação» virtual. Leiam-se as críticas do professor Freitas do Amaral, considerem-se as declarações do engenheiro Amaro da Costa, e saia-se o milagre da multiplicação dos méritos, o prodígio da transformação das mediocridades em capacidades políticas, por obra e por graça, do protocolo assinado pelo PS com o CDS.

Não saberemos o que terão meditado, neste fim-de-semana, os homens de quem depende o nosso destino no plano político. E não só. Porque é importante não esquecer que a crise nacional não era apenas constituída pelo vazio governamental, era, e é, uma grave crise política, económica, financeira e social. Não a crise que o professor Freitas do Amaral, caricaturando-a, reduzindo-a, comparou desdenhosamente à tarefa ingente de rasgar os mares e descobrir as terras, mas uma crise nacional que reflecte na nossa sociedade a crise geral do capitalismo e que é, na nossa sociedade em transformação, o resultado de uma intensa luta de classes.

GRIPES E DEMOCRACIA

Foi, primeiro, a gripe do indigitado Primeiro-Ministro. Foi, depois, a gripe do Presidente da República. E de gripe em gripe, de dificuldade em dificuldade, de hesitação em hesitação, de recusa em recusa vai sendo adiada a formação urgente de um Governo que governe.

Dir-se-á que um «Governo de base PS com personalidades CDS» não satisfaz a opinião pública, nem corresponde às necessidades reais de uma mobilização popular para vencer a crise. Mas não se deverá esquecer que o vazio governamental, para além da paralisia da máquina administrativa e do protelamento das próprias decisões de rotina, proporciona espaço de manobra à «direita». E não pensamos, ao afirmá-lo, na delirante ofensiva de Kaulza de Arriaga a apelar para a parte sã das Forças Armadas, pensamos na restante «direita», em forças pequenas como o PPM, que virá colar-se ao CDS nas áreas do «centro», e em forças importantes como o PSD, que terá que enfrentar a actividade do MIRN nas áreas da «direita clássica».

A inexistência de «um Governo», independentemente

da surpresa ou do desgosto em relação à fórmula adoptada, parece-nos necessária para evitar que a «direita» (a civil e a militar) desenvolva a operação contra as instituições democráticas de que os «escândalos oportunos» e as campanhas de descrédito pessoal são aspectos a reter.

Não está, aliás, excluída a possibilidade de a diversificação das forças da «direita» e a competitividade da «extrema-direita» darem lugar a um processo de modificação das posições relativas no nosso leque político parlamentar e extraparlamentar. O observador político deverá estar atento. O militante político deverá, friamente, acompanhar a evolução dos acontecimentos.

Na divisão de trabalho em curso no «centro» e na «direita», os partidos PPM, PSD, PD C e MIRN vão reordenar-se pelas posições que vier a assumir o CDS, não apenas topograficamente, mas, igualmente, politicamente. No que respeita à política social, económica e à fidelidade às instituições.

GOVERNO E MINISTROS

Vamos ser submersos, uma vez mais, pela onda dos boatos de promoção, de confusão, de intoxicação. Não faltará quem se entregue, nestes dias intervalares, ao exercício a que alguém já chamou, com saborosa ironia, o «tótobola ministerial». Lançam-se nomes a ver se pegam, lançam-se nomes para desorientar a opinião pública, lançam-se nomes para semear divisões, desconfianças, ciúmeiras, lançam-se nomes por conta própria, a pedido, por sugestão, e os desmentidos, entre meio silêncio e meio sorriso, têm a virtude de deixar ateadada a chama da dúvida e de dar curso à informação lisonjeira. São já tantos os convidados de Mário Soares! São já tão numerosos os convites recusados!

Estamos perante um jogo alvoroçado e perturbador que escamoteia o fundo do problema. A competência de um Governo democrático é feita, em primeiro lugar, de capacidade política. Não se poderá dispensar a competência específica, sectorial, profissional. Mas, todos sabemos que é muito relativo o critério da adequada competência de um governante. O que é indispensável é a sua capacidade política, a sua sinceridade política, a sua dedicação política. Prejudicam-se as ambições concorrentes ao ministerial tótobola. Deixem-se às academias os valores que para aí andam em leilão. A constituição de um Governo é um problema político. A batalha a travar é uma batalha política.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

COMISSÃO ELEITORAL

Para conhecimento de todos os associados do nosso Sindicato a seguir se dá nota da distribuição das mesas de voto sancionadas por esta Comissão, bem como do horário e normas de funcionamento das mesmas.

Informa-se que têm direito a voto, embora não tendo recebido o postal-convocatória, os sócios que se encontrem nas seguintes condições:

- Desemprego;
- Cumprimento de serviço militar;
- Doente;
- Os trabalhadores de empresas em situação económica difícil e que por tal motivo tenham a quotização em atraso.

Estas situações necessitam, no entanto, de ser devidamente comprovadas.

Horários e normas de funcionamento para as Mesas de Voto a vigorar em 26.1.78 aprovadas pela Comissão Eleitoral em:

PAVILHÃO DOS DESPORTOS	CONCELHOS PERIFÉRICOS		URNAS DE EMPRESA
Mesas de 1 a 17 e 17-A	Mesa 18	Mesas de 19 a 25	Mesas de 26 a 107
Abertura 8 horas Encerramento às 24 horas	20 horas 24 horas	8 horas 24 horas	10 horas 18.30 horas
Escrutínio e elaboração de expediente da Mesa e envio urgente à Comissão Fiscalizadora Eleitoral, acompanhado do respectivo caderno, no Pavilhão dos Desportos, devendo ser passado recibo de recepção.			

- 1 — Eleitores que trabalham em Lisboa e estão dados a outro local de voto ou vice-versa:
 - a) O trabalhador vota num envelope em branco;
 - b) A Mesa que aceita o voto fecha o envelope em branco na presença do trabalhador;
 - c) Este envelope e a declaração feita pelo trabalhador são introduzidos num envelope maior, onde constará o número o nome do sócio e o nome da empresa. (No Pavilhão dos Desportos esta votação faz-se nas mesas 16 e 17);
 - d) Posteriormente estes envelopes serão entregues à Comissão Fiscalizadora, em reunião plenária no Pavilhão dos Desportos, pelo Presidente da Mesa de Voto, anexos à acta;
 - e) A Comissão Fiscalizadora Eleitoral dará descarga desses votos nos Cadernos Eleitorais respectivos, destruindo os envelopes identificativos, conservando as respectivas declarações feitas pelos sócios;
 - f) Finalmente serão contados os votos que serão em igual número às declarações identificativas.
- 2 — Os trabalhadores que constem dos mapas de quotização a apresentar na altura, e a verificar se o local de votação for o Pavilhão dos Desportos e não estejam nos Cadernos Eleitorais nem a listagem alfabética votam:
 - 2 — 1 — No Pavilhão dos Desportos:
 - a) Nas mesas 16 e 17;
 - b) As declarações ficam na posse da Mesa
 - c) Cada Mesa elaborará um caderno eleitoral com base nas declarações mencionadas no número anterior, que será anexo à acta dessa mesa de voto;
 - d) A mesa fará o controlo da declaração pela listagem alfabética;
 - 2 — 2 — Noutros locais (reservando-se as mesas de empresa só para trabalhadores respeitantes às respectivas empresas):
 - a) Observar as instruções em 1.
- 3 — Os trabalhadores que deviam votar em Lisboa e vão votar noutro local de voto, seguirão o processo decidido em 1. Este é por exemplo o caso dos elementos que compõem as Mesas de Voto e dos elementos da Comissão Fiscalizadora destacados para esses locais.
- 4 — Que os desempregados, ao votarem, votem em envelopes fechados, devidamente referenciado com nome e número de sócio, se se tiver conhecimento deste, seguindo-se para a votação o prescrito no ponto 1, excepto para a abertura dos envelopes, a qual só se verificará depois de conferido todo o processo.
- 5 — Os votos terão de ser contados antes de se iniciar a votação.
- 6 — Os resultados só serão divulgados conjuntamente pela Comissão Fiscalizadora Eleitoral.

EMPRESAS COM MESA DE VOTO

EMPRESA	LOCAL DE VOTO	N.º DE MESA
Caixa Nacional de Pensões	Av. da República, 102	26
Serviços Médico Sociais e Postos	Av. Estados Unidos da América, 77	27
Serviços Médico Sociais Dist. Lisboa	Av. Estados Unidos da América, 77	27
Telefones Lisboa e Porto	Rua Andrade Corvo, 14	28
Cx. Prev. Abono Família Ind. Lisboa	Av. João XXI, Lote 1-2	29
Cx. Prev. Abono Fam. Comércio Lisboa	Al. D. Afonso Henriques, 82	30
Companhia União Fabril	Av. Infante Santo, 2	31
Cx. Prev. Abono Fam. Serviços Lisboa	Av. Estados Unidos da América, 39	32
Comp. Reunidas Gás e Electricidade	Rua Camilo Castelo Branco, 43	33
Companhia Carris de Ferro Lisboa	Rua 1.º de Maio, 101 — 103	34
Petrogal — Petróleos de Portugal	Praça Marquês de Pombal, 12	35
Petrogal — Petróleos de Portugal	Rua das Flores, 7	36
Sorefame — Soc. Reun. Fab. Metálicas	Rua Vice A. P. Coutinho, 8 — Amadora	37
Petrogal — Petróleos de Portugal	Rua Tomás Ribeiro, 97	38
UTIC	Av. da Liberdade, 136-1.º	39
UTIC	Av. Infante D. Henrique — C. Ruivo	40
Plessey Automática Elect. Portuguesa	Av. Infante D. Henrique, 333	41
Rádio Televisão Portuguesa	Rua de S. Domingos à Lapa, 26-r/c	42
Rádio Televisão Portuguesa	Alameda das Linhas de Torres	43
Cx. Prev. Pessoal da Cuf Emp. Associadas	Rua Francisco Manuel de Melo, 3	44
EPA L. Emp. Púb. Águas de Lisboa	Av. da Liberdade, 24	45
Shell Portuguesa	Av. da Liberdade, 249	46
CPE-Estabelecimento Central	Av. Infante Santo, 15	47
Fundação Calouste Gulbenkian	Av. de Berna, 45-A	48
Phillips Portuguesa	Av. Eng.º Duarte Pacheco, 6	49
Livraria Bertrand	Rua João de Deus — Venda Nova	50
Standar Eléctrica	S. Gabriel — Cascais	51
Francisco Baptista Russo e Irmão	Av. Infante D. Henrique, 11	52
Processa — Centro Proc. Dados	Av. Estado da Índia, 8	53
Cx. Central Trabalhadores Migrantes	Rua da Junqueira, 112	54
Sociedade Est. Desp. Norma	Rua Marquês da Fronteira	55
Tabaqueira Emp. Ind. Tabacos	Rua Alexandre Herculano, 51-6	56
Inatel	Calçada de Santana, 180	57
Imprimarte	Praça de Alvalade, 9	58
Ind. Lever Portuguesa	Largo Monterroio Mascarenhas, 1	59
Fima — Fab. Imp. Margarina	Largo Monterroio Mascarenhas, 1	59
Cx. Prev. Abono Família Pesca	Largo Princesa, 2	60
Soc. Central de Cervejas	Av. Almirante Reis, 115	61
General Motors Portugal	Av. Marechal Gomes da Costa, 33	62
Ford Lusitana	Rua Rosa Araújo, 2-3.º	63
Cx. Prev. Emp. Assistência	Rua Gonçalves Crespo, 21	64
Mobil Oil Portuguesa	Rua Castilho	65
Círculo de Leitores	Rua Tomás de Figueiredo, 10	66
CEL-CAT	Rua Fontainhas — Venda Nova	67
Construções Metalco Mec. — Mague	Alverca	68
Comp. Portuguesa de Petróleos BP	Praça Marquês de Pombal, 13	69
Sindicatos Bancários do Sul e Ilhas	Rua de S. José, 139	70
Automóvel Club de Portugal	Rua Rosa Araújo, 24-26	71
Fábrica de Portugal	Sabugo-Oeste	72
Fiat Portuguesa	Av. Eng.º Duarte Pacheco, 15	73
J. Pimenta	Av. António Enes, 25 — Queluz	74
Eminco	Av. da Liberdade, 35-1.º	75
C. Santos	Av. da Liberdade, 35-1.º	75
Indústrias Lusitanas Renault	Av. Marechal Gomes da Costa, 21	76
Metropolitano de Lisboa	Av. Fontes Pereira de Melo, 28	77
Soc. Portuguesa Petroquímica	Av. Marechal Gomes da Costa	78
Siderurgia Nacional	Rua Braamcamp, 7	79
Cx. Prev. Pessoal Conservas de Peixe	Rua Rosa Araújo, 43	80
Petrogal — Petróleos de Portugal	Av. Infante D. Henrique	81
Cometna — Comp. Met. Nacional	Rua Academia de Ciências, 5	82
Cx. Sindical Prev. Ind. Lanifícios	Av. João Crisóstomo, 67	83
Martins Rebelo	Av. Ant. Augusto de Aguiar, 163-2.º	84
Sindicato Trabalhadores Escritório	Rua Braamcamp, 9-1.º	85
Emp. Fab. Maq. Eléctricas	Rua Rodrigo da Fonseca, 76	86
Construções Técnicas	Av. 24 de Julho, 24	87
Profabril	Praça de Alvalade, 6	88
Eurofil	Folha Caniços — Póvoa de St.ª Iria	89
Soc. Nacional de Sabões	Rua de Marvila, 151	90
Cx. Prev. Abono Família Ferroviários	Av. Visconde Valmor, 48	91
Emp. Viação Eduardo Jorge	Rua Consiglieri Pedroso-Queluz Baixo	92
Fábrica de Tintas de Sacavém	Rua Cidade Goa, 26 — Sacavém	93
ENI — Elect. Naval Industrial	Rua D. Luís I, 19-1	94
Cx. Sind. Prev. Tipógrafos Litógrafos	Rua D. Pedro V	95
Soc. Portuguesa Autores	Av. Duque de Loulé, 31-1	96
Comp. Portuguesa Trefilaria	Lezíria Saldanha — Sacavém	97
Cx. Nacional Seguros Doenças Profis.	Av. da República, 25-3.º E	98
Gel Mar	Trav. Saúde, 2 — Bom Sucesso	99
Cx. Sind. Previd. Prof. Seguros	Largo do Intendente Pinheiro, 35	100
Soc. Com. Guérin	Av. da Liberdade	101
Comp. Ind. Portugal e Colónias	Rua Jardim do Tabaco, 74	102
Fed. Cx. Prev. Abono Família Lisboa	Av. Manuel da Maia, 58-2.º	103
Robialac Portuguesa	Vale de Lide-S. João da Talha-Sacavém	104
Cx. Prev. Marinha Mercante	Rua da Boavista, 81-3.º	105
ICESA	Salgados da Póvoa-Póvoa de St.ª Iria	106
Rodoviária Nacional	Av. do Brasil, 45	107

LOCAIS DE VOTO

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

MESAS N.º 1 a 15 — Caderno Eleitoral Normal;
MESAS N.º 16 a 17 — Dúvidas;

MESAS N.º 17-A — Desempregados e Eleitores não confirmados;
MESAS N.º 18 — Trabalhadores de Empresas com urna de voto (para votação após as 20 horas).

MESAS CONCELHIAS

Concelho de Vila Franca de Xira
MESA N.º 19 — Alhambra — Salão do Mercado — Praça 7 de Março.
Freguesia de Amadora
MESA N.º 20 — Amadora — Soc. Filarmónica Recreio Artístico — R. Elias Garcia, 142.
Concelho de Cascais
MESA N.º 21 — Cascais — Hall do Teatro Gil Vicente.
Concelho de Sintra
MESA N.º 22 — Mem Martins — Mem Martins Sport Club — Rua da Fonte, n.º 6.

Concelho de Loures
MESA N.º 23 — Odivelas — Instalações de João Francisco Gonçalves — R. Filipe de Lencastre, 4 A/B (Freguesias não incluídas na mesa 24).
MESA N.º 24 — Sacavém — «A Sacavense» Cooperativa de Consumo — Rua António Ricardo Rodrigues (Freguesias de St.ª Iria de Azóia, S. João da Talha, Moscavide, Sacavém, Camarate e Apelação).
Concelhos de Torres Vedras, Sobral de Monte Agraço, Mafra, Arruda dos Vinhos, Cadaval, Lourinhã e Alenquer.
MESA N.º 25 — Torres Vedras — Delegação do Sindicato — Av. 5 de Outubro, 27 — 3.º Dt.º.

SESSÃO NO TEATRO VASCO SANTANA

Antifascistas preconizam jornadas pela independência nacional

«Democracia e independência nacional» foi o tema central da sessão realizada no sábado à tarde no Teatro Vasco Santana, promovida por um numeroso grupo de democratas signatários de um documento intitulado «A crise que o País atravessa não é insuperável».

A sessão, que encheu por completo a sala do Vasco Santana, foi presidida pelo poeta José Gomes Ferreira e teve como intervenientes Anselmo Anibal, Caldeira Rodrigues e António Galhordas.

Foram analisadas as razões da crise política que o País atravessa e os caminhos para uma saída democrática. O repúdio pela coligação governamental, PS CDS foi unânime, considerando os participantes na sessão que um Governo formado desta maneira agravaria

os problemas que afectam largas camadas da população e constituirá uma ameaça à conservação da nossa sociedade democrática.

Foram aprovadas moções de repúdio pelas manifestações fascistas nas escolas, a participação do CDS no Governo e a possibilidade de a Presidência da Assembleia da República vir a ser assumida por um dirigente destacado do CDS.

Por proposta de Fernando Piteira Santos deslocar-se à próxima semana à Assembleia da República uma delegação para ali entregar a moção sobre a questão da presidência daquele órgão de soberania, e que contém centenas de assinaturas de personalidades dos meios sindicais, intelectuais e científicos. Esta proposta foi aprovada por aclamação e

constituiu também uma significativa homenagem ao dr. Vasco da Gama Fernandes.

O documento subscrito pelos promotores da sessão salienta que «não foi Abril que trouxe os males de que padecemos, mas sim o facto de não se ter cumprido por inteiro o que Abril prometia».

Anselmo Anibal que abordou problemas socioeducativos, serviu-se de indicadores económicos, sociais e culturais, para mostrar o quadro do Portugal anterior a 1974 salientando a certa altura que «apesar dos proveitos coloniais Portugal era um País pobre, com certas zonas aparentemente usufruidoras de um consumo europeu mas tendo uma maioria a viver que justificou entre outros, o êxodo de um milhão de portugueses, desde os anos 60».

Debruçando-se sobre questões do trabalho e da vida empresarial, Caldeira Rodrigues, salientou a importância da unidade dos trabalhadores à volta da sua central sindical, salientando que «a hora não é a da grande transformação social que muitos de nós almejam, mas de defesa consequente das grandes conquistas da Revolução de Abril».

Por sua vez, António Galhordas, caracterizou o actual momento político dizendo que «o que espanta é assistir a uma coligação entre o Partido Socialista, de longas tradições democráticas e uma força neodemocrática, de longas tradições conservadoras e reacções». Criticou a ingerência da Internacional Socialista e da União das Democracias Cristãs a que atribuiu a concretização de tal «casamento».

Depois de afirmar que o futuro Governo, contrariamente ao que se pretende afirmar, «não tem estabilidade nem garantia de permanência», alertou para o facto de ser de esperar «que inicialmente se assista a uma tentativa demagógica de aumento de salários e descongelamento de alguns contratos de trabalho que há muito estão encafuados nas gavetas do Ministério do Trabalho» mas classificou isso como um «lançar de poeira e uma cortina de fumo atrás da qual se procederá ao aumento do custo de vida e ao lançamento de um 3.º e até de um 4.º pacote do FMI».

Mota Amaral acha "desconcertante" a situação no Continente

Um pouco desconcertante foi como o chefe do Governo Regional dos Açores qualificou a situação política no continente onde, disse, «convergem formações políticas que têm programas tão diferentes e ideologias tão profundamente separadas».

Mota Amaral regressava de uma viagem a Lisboa, onde se deslocou durante dois dias para acompanhar o processo de formação do novo Governo central.

Segundo ele próprio revelou, não pode ser recebido pelo Presidente da República devido ao facto de o general Ramalho Eanes se encontrar doente, com gripe.

"Centro-direita" venceu eleições na Liga dos Direitos do Homem

A lista A, «social-democrata ou centro-direita», como a qualificou um dos seus membros (Eurico Ferreira, das Relações Externas) venceu as eleições na Liga Portuguesa dos Direitos do Homem reunindo 70 por cento dos votos, em detrimento da lista B, considerada de esquerda.

Dos 404 associados, 161 tomaram parte na votação. O dr. Luís Dias Amado, que encabeçava as duas listas concorrentes, foi eleito presidente da Assembleia Geral da Liga, por unanimidade dos 161 votantes, com António Arnaut (vice-presidente), Vasco de Aláide Fernandes e Francisco Belard da Fonseca (secretários). O Directório ficou constituído por Eduardo de Sousa Figueiredo (presidente), Luís António dos Santos Ferro, (vice-presidente), Eurico Ferreira (director das Relações Externas), António Abrantes Mendes (secretário-geral), Carlos Alberto Ferreira de Andrade (secre-

tário-adjunto), Adelino Cabral Júnior, (tesoureiro), e Eduardo Jorge Campelo, Eleutério Teixeira e João Barroso Soares (vogais).

O dr. Eurico Ferreira declarou ter sido esta eleição «a mais renhida de toda a história da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, já que, em anteriores assembleias eleitorais, era habitual a participação de menos de 50 sócios».

Alguns sócios da Liga, como o dr. Vasco de Castro, numa carta que o «Diário de Lisboa» publicou na sua edição de sábado, contestaram a realização da Assembleia Geral; outros, como o dr. Cruz Ferreira, consideraram irregular a convocação. Membros da lista B, como os drs. Alcina Bastos e Ramón de la Féria, enviaram à imprensa um comunicado em que justificavam o facto de na lista B figurarem nomes de sócios que para esse efeito não tinham sido expressamente convidados.

AUTORIDADES NÃO INTERVÊM Separatistas açorianos promovem comícios às claras

ANGRA DO HEROÍSMO, 23 — Chegaram à Terceira, vindos de S. Miguel, doze elementos do chamado Movimento Nacionalista Açoriano Frente de Libertação dos Açores (FLA), com o objectivo de participar em sessões de propaganda levadas a cabo em freguesias suburbanas. Entre os doze separatistas encontra-se José de Almeida, figura controversa que alguns têm por chefe do movimento e que outros afirmam não passar de um «festa de ferro» usado pelos verdadeiros chefes que não desejam encabeçar, oficialmente, uma frente de características e objectivos duvidosos.

José de Almeida, professor do Liceu de Ponta Delgada, mas actualmente suspenso por se ter ausentado sem as necessárias autorizações, falou no sábado num comício que teve lugar na Vila Praia da Vitória, perante uma multidão exaltada que repetiu, permanentemente, os slogans e palavras de ordem da organização. Sem interferência das autoridades e sem que se verificassem reacções contra o orador, o

ex-deputado da ANP afirmou que a independência dos Açores, declarada unilateralmente ou negociada com Portugal, teria lugar brevemente.

Não é ainda possível por enquanto, tecer considerações acerca da maneira como os separatistas estão a ser recebidos na Terceira onde, ao que parece, não têm o êxito que se lhes atribui em S. Miguel, mas não há dúvida de que, até ao momento presente, tem actuado às claras, sem intervenção das autoridades, tal como actuariam se a FLA fosse um partido legalizado.

Festa do "Diário" em Vila Real

Uma numerosa assistência participou na festa do «Diário» organizada no sábado no Teatro Avenida, de Vila Real. O espectáculo realizou-se a partir da tarde e teve a participação dos artistas Carlos do Carmo, Adriano Correia de Oliveira e do Grupo Musical Resistência.

ELEITOS DA FEPU NO ALENTEJO

Exigida "saída imediata" da Lei das Finanças Locais

Os eleitos da FEPU dos distritos de Beja, Évora e Portalegre, reunidos ontem naquela segunda cidade, concluíram «que a falta da lei das finanças locais se tem feito sentir na planificação da actividade dos órgãos do Poder Local; que as autarquias não têm conseguido pôr em execução o seu plano de actividade por ainda depender do financiamento do Poder Central, o que é antidemocrático e inconstitucional; que os compromissos assumidos perante as populações para a resolução das suas carências mais imediatas têm sido frequentemente impedidos de se concretizar pelo Poder Central; e que, finalmente, por ainda não existir a descentralização se levantaram constantemente as maiores dificuldades burocráticas e de toda a espécie à acção dos órgãos autárquicos, havendo o perigo de con-

duzir à desmobilização das populações».

Assim, para que tal situação seja ultrapassada, os eleitos da FEPU exigem a saída imediata da Lei das Finanças Locais e responsabilizam os grupos parlamentares do PPD, CDS e PS pelos sucessivos adiamentos que a sua discussão tem sofrido na Assembleia da República.

O encontro reuniu cerca de 600 pessoas, entre eleitos e convidados, representando nomeadamente elementos da FEPU, comissões de moradores, representantes das UCPs, sindicatos, comissões de trabalhadores das câmaras e elementos de colectividades. Estiveram presentes, entre outros antifascistas, Anselmo Anibal, Helena Cidade Moura e Carlos Costa.

Damos a seguir exemplos de algumas intervenções. João

Valverde, presidente da assembleia de freguesia de Nossa Senhora de Tourega:

«Antes das eleições para as autarquias, não havia nem electricidade, nem água, nem esgotos (...). Hoje estes problemas estão resolvidos. (...) Não havia um tanque para as mulheres lavarem a roupa; hoje temos um lavadoiro. Não havia um fontanário; hoje temos um fontanário público. (...) Não havia quem distribuisse a correspondência aos domicílios; hoje já há. (...) A escola foi caiada e arranjada. (...) A ponte não tinha resguardos; hoje já se pode passar na ponte sem perigo. (...) As portas não tinham número; hoje estão numeradas. Fossas para o lixo não havia; hoje há quatro fossas. (...) O depósito de água era pequeno e servia mal o povo. Estamos a construir um depósito maior...»

Da intervenção colectiva de Odemira:

O concelho de Odemira é o maior do País (1727 km quadrados), aproximadamente o tamanho do distrito de Viana do Castelo. Tem 48 povoações com cerca de 33 mil habitantes. Pois: 18 por cento da população sofre de tuberculose; 88 por cento de doenças bronco-pulmonares; 50 em cada mil crianças morrem antes de 1 ano de idade; 70 por cento das grávidas têm os filhos sem qualquer assistência médica. O analfabetismo atinge 70 por cento da população, sendo 40 por cento em idade escolar; 12 por cento dos habitantes com mais de 40 anos nunca comeram carne de vaca e muitos deles são pastores desde os 6 anos...

Todas estas razões (e muitas outras) justificam as conclusões do encontro, conclusões que abrem esta breve notícia.

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 12.78
Dactilografia: Este curso tem início todos os dias. Informações e inscrições no EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 364272 R. do Arsenal, 100-1.

Caldas da Rainha promoveu I Festival pela Vida

«A construção da central nuclear em Ferrel não só não resolve os problemas de energia eléctrica do País, como envolve riscos que podem ir até à devastação de uma área de 100 quilómetros em caso de acidente grave» afirmou o prof. Delgado Domingos durante o colóquio integrado no «I Festival pela Vida e realiza a Nuclear» que se realizou este fim-de-semana nas Caldas da Rainha.

Este encontro foi organizado por seis grupos ecológicos e teve o patrocínio da «Gazeta das Caldas», tendo o prof. Delgado Domingos afirmado ainda que «a luta que neste momento se trava contra a nuclear é uma luta vital». Recordamos que existe um projecto de construção da I Central Nuclear em Ferrel, tendo já a população daquela localidade manifestado a sua clara oposição.

Também o prof. António José Saraiva acusou a estrutura centralizadora do Estado moderno de estar na origem do declínio da qualidade de vida nas sociedades de consumo e de produção. Sublinhou que o «problema fundamental que se nos põe é de ordem moral: precisamos de saber qual o tipo de sociedade em que quere-

mos viver e se estamos dispostos a abdicar de alguns dos objectos de consumo que invadem o quotidiano, em troca de maior felicidade e alegria».

Para além do problema da instalação da central nuclear foram também colocados outros problemas como o caso do rio Alviela e afinal, dos atropelos que se cometem neste País, a toda a hora, à qualidade de vida do povo português.

Para além dos colóquios e debates, decorreu ainda nas Caldas da Rainha, uma exposição de propaganda ecológica. Este tipo de actividades poderá consciencializar o Povo português da gravidade de alguns dos atropelos, como já afirmámos, à qualidade de vida e meio-ambiente. O Livro Branco sobre a Central Nuclear tarda a aparecer e corre-se o risco de sermos mais uma vez colocados perante o facto consumado. Os habitantes do Calhariz de Benfica têm desenvolvido uma luta consequente sobre a instalação do gasómetro. E o certo é que têm conseguido adiar e a sua instalação. Os poderes constituídos têm de compreender que os portugueses começam a exigir a protecção do seu meio ambiente.

ALEGRETE SALDA

MILHARES DE CALÇAS, CAMISAS, CASACOS SPORT, SOBRETUDOS, ATOALHADOS, MALHAS, VESTIDOS, LINGERIE, ETC., ETC.

VENHA VER OS NOSSOS PREÇOS

— ESTAMOS NO CENTRO DA BAIXA —

POÇO DO BORRATÉM, 10 a 18 — LISBOA



EMPRESA PÚBLICA
DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE «FORNECIMENTO E MONTAGEM INCLUINDO AS OBRAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL, DOS DISPOSITIVOS DE PROTECÇÃO CONTRA GOLPES DE ARIETE DAS CONDUÇÕES ELEVATÓRIAS DA ZONA MÉDIA E DA ZONA BAIXA (ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DOS OLIVAIS)»

Faz-se público que no dia 3 de Março de 1978, pelas 15 horas, na Sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, n.º 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa até às 17 horas do dia 2 de Março de 1978.

Caução provisória: 70 000\$00 (setenta mil escudos)

Alvarás exigidos aos concorrentes: VI categoria e 8.ª subcategoria da VI categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.

O processo de concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, onde poderá ser examinado e obtidas cópias.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1978

Pela EMPRESA PÚBLICA
DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Engenheiro de CFAL
João Bau

Pub

AOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO RETALHISTA AVISO IMPORTANTE

Constatando-se que algumas empresas comerciais — que oportunamente denunciaram publicamente — aproveitando a confusão criada pelas tomadas de posição da Câmara Municipal do Porto, vêm recusando aos trabalhadores o pagamento do trabalho extraordinário prestado nos sábados de tarde e noites do mês de Dezembro de 1977, alertam-se os trabalhadores do comércio retalhista para a necessidade de denunciarem ao Sindicato todas as situações irregulares, de forma a podermos desencadear acções, judiciais e outras, que obriguem o patronato a cumprir a lei e o contratualmente estabelecido.

PELO CUMPRIMENTO DO CONTRATO COLECTIVO!

A DIRECÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES
DO COMÉRCIO DO PORTO

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

ANÚNCIO

Concurso n.º 3-359 78

Fornecimento e montagem de um Forno de Incineração rotativo para a Central Termo-Eléctrica do Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 23 de Fevereiro próximo, para o mencionado concurso. Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados, das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 12 de Janeiro de 1978.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Alexandre Pinheiro

OS NÚMEROS DAS ELEIÇÕES DA ARMADA

Sessenta por cento dos oficiais desaprovaram a actual chefia

As eleições para o Conselho de Promoções da Armada, realizadas em meados de Dezembro, e que oportunamente noticiámos, continuam a dar que falar. Isto, porque, além de outros factos, os resultados não foram publicados na Ordem da Armada, como seria normal que acontecesse, apesar dos esforços infrutíferos feitos nesse sentido por oficiais daquele ramo das FA'S. Em todo este contexto é muitas vezes difícil obter informações concretas. O meio militar é fechado, e frequentemente são os próprios lesados a entender que o conhecimento destas coisas deve ficar no âmbito restrito dos quartéis. Trata-se, porém, de um conceito incorrecto, porque as FA fazem parte integrante da Nação e das FA que tiverem depende muito a segurança das instituições demo-

cráticas. Dai que, a ocorrência de situações antidemocráticas no sector militar é duplamente preocupante e justifica que tais situações sejam denunciadas. No caso da Marinha estranha-se que a sua administração, em lugar de proceder como era habitual, se tenha limitado a publicar a lista dos eleitos mas não tenha divulgado o número de votos obtidos pelos eleitos... e pelos não eleitos, como aconteceu em 1975 e 1976.

Desta vez as eleições foram diferentes. Primeiro porque o processo eleitoral foi profundamente alterado por novas normas, saídas dos escudos do Estado-Maior. Melhor dizendo: o processo eleitoral foi adulterado. Em segundo lugar porque a chefia da Armada e o chamado «Grupo dos 80», as perderam estrondosamente, apesar de todos esses artifícios.

Classe	Posto	Of. eleito	Votos no eleito	Votos no candidato "80"	Votos Brancos e Nulos	Votos Dispersos	Votantes	Abst.	Eleitores
MAR.	CMG.	Andrade e Silva	33	33	11	15	59	32	91
	CF	Negrão	55	55	18	16	89	30	119
	CT	Cabeçadas	57	57	57	17	131	42	173
	19T	A. Lopes	16	16	105	29	150	48	198
AN	CMG.	S. Elpidio	3	1	2	-	6	6	16
	CF	M. Henriques	9	9	3	2	14	1	15
	CT	L. Moreira	9	9	15	7	31	5	36
	19T	R. Silva	9	9	50	20	79	8	87
EMQ	CMG.	Rodeia	3	3	1	4	8	6	14
	CF	F. Gomes	8	8	3	3	14	2	16
	CT	B. Afonso	4	0	18	4	26	6	32
	19T	S. Marques	3	3	40	10	53	12	65
MN	CMG.	C. Abreu	3	3	-	3	6	3	9
	CF	Montez	6	1	-	1	7	4	11
	CT	M. Costa	10	0	1	10	21	3	24
	19T	G. Ferreira	8	8	8	11	27	16	43
SG	CF	Colaço	2	2	-	2	4	7	11
	CT	Redondo	4	3	3	1	11	0	12
	19T	Diniz	71	71	89	53	213	61	274
SE	CF	C. Cardoso	2	2	-	2	4	3	7
	CT	Matos	4	3	2	3	12	0	12
	19T	G. Sousa	18	0	24	26	68	18	86
	CF	Brazão	2	2	2	1	5	0	5
FZ	19T	T. Rodrigues	5	3	4	2	14	1	15
	EM	19T	Rodolfo	4	0	-	6	0	6
ECN	CF	-	-	-	4	-	4	3	7
TOTAIS			348	299	460	250	1062	321	1383
PERCENTAGENS EM RELAÇÃO AOS VOTOS EXPRESSOS			32,8%	28,1%	43,3%	23,6%	100%		

Manteve a presença de membros eleitos, mas, agora, com uma distribuição diferente: um oficial por cada posto de cada classe. E impondo, mesmo assim, a supremacia habilidade — que os primeiros-tenentes, os segundos-tenentes e os guardas-marinhas, isto é, mais de metade da totalidade dos oficiais da Armada, fossem considerados num só posto para efeitos eleitorais.

Como tal não pudesse ainda garantir um controlo suficiente do Conselho de Promoções, foi determinado que os oficiais eleitos teriam assente num número restrito de subcomissões. Em resumo, cada oficial passou a votar unicamente num camarada do seu posto e da sua classe.

Com tal sistema corporativo, resultou que a representatividade numérica do Conselho ficou completamente distorcida. Vejamos como: Os primeiros-tenentes, segundos-tenentes e guardas-marinhas de todas as classes da Armada perfazem 774 oficiais; no CPA estão representados por 8 primeiros-tenentes.

Pela sua parte, os capitães-de-mar-e-guerra são 130; no CPA existem 4 eleitos. Para manter este número e a proporcionalidade, os primeiros-tenentes a eleger deviam ser em

fizeram ver aos comandos as incongruências do sistema imposto. Nada do que hoje é evidente, com os resultados à vista, o deixou de ser antes das eleições. Nas vésperas da sua realização, diz-se nos meios militares da Armada, o vice-almirante Silva Horta convocou uma reunião de comandos com a finalidade de reafirmar as suas decisões, tendo impedido aos seus interlocutores a possibilidade de apresentarem quaisquer contrapropostas.

Uma análise dos resultados globais — que apresentamos em quadro — evidencia três factos gerais.

O primeiro é que, a representatividade total dos membros eleitos, é reduzida. Não conseguiram somar mais que 348 votos, num corpo de 1383 oficiais, dos quais votaram 1062. A sua percentagem em relação ao número de votantes é de 33 por cento, enquanto no ano passado a lista eleita obteve mais de 51 por cento dos votos.

O segundo facto é que a representatividade individual de alguns eleitos é insignificante: três oficiais eleitos com 2 votos; outros 4 oficiais eleitos com 4 votos e dos 25 membros eleitos, 18 foram com menos de 10 votos cada um!!!

O terceiro é que o número de votos em branco e nulos

número de 23!

Para justificar isto é completar que é natural atribuir-se um certo peso à hierarquia numa estrutura como as FA, porque esse peso já estava dado à partida pela nomeação de membros por inerência, dos postos mais elevados, e ocupando obrigatoriamente sempre metade dos lugares em cada subcomissão.

AS «GRANDES MANOBRAS»

Estes e outros problemas eram previsíveis (e foram previstos) e as normas apresentadas pelo vice-almirante Silva Horta à última hora foram imediatas e amplamente criticadas. Em muitas unidades, numerosos oficiais, disciplinadamente,

é só por si superior em mais de uma centena aos votos recolhidos pelos eleitos: 460 contra 348, e representam 43 por cento dos votos expressos. Em conjugação com este facto, deve ser considerado o significativo aumento do número de abstenções em relação ao ano de 1976 (mais de uma centena), perfazendo agora mais de 300. Em 1976 haviam sido cerca de 200.

Mas outros factos merecem atenção, como seja o de que a maioria dos oficiais subalternos votou em branco ou anuiu o seu voto. Nada menos que 350 em 610 votantes, ou seja, 52 por cento. Os subalternos eleitos ficaram-se pelos 22 por cento. Os restantes são votos dispersos, que a Administração nem sequer pode contabilizar para o seu lado.

Os capitães-de-mar-e-guerra

os capitães-de-mar-e-guerra obtiveram 57 por cento dos votos expressos, resultado que tem de se considerar, apesar de tudo, modesto, visto que são postos elevados da hierarquia.

A envolver todos os números, um facto marcante suscita atenção especial: círculos tais «grupo dos 80» — fizeram circular nas unidades uma lista de oficiais a eleger e procederam a uma activa campanha em torno dela. Agiram contrariando frontalmente as determinações que proibiam as listas. Foram os únicos a fazê-lo. Por isso, a parca concentração de votos que conseguiram nos seus candidatos, ainda tem menos significado do que aquele que os números só por si, esparsos, demonstram.

Um semanário denunciou a manobra em tempo oportuno, publicando a relação dos nomes dessa lista antes do apuramento dos votos. Os resultados trouxeram a prova real — se é que mais provas seriam necessárias para desmascarar essa força de pressão conhecida como «grupo dos 80». De facto, a relação dos eleitos veio a coincidir na maior parte com a lista solitária e clandestina.

Com base neste evento, é perfeitamente lógico tirar a seguinte conclusão:

Continua na pag. 18

TERMINOU O I CONGRESSO DA UEC

"Unir estudantes, professores e pais contra a violência fascista nas escolas"

Uma festa-convívio encerrou os trabalhos do 1.º Congresso da União dos Estudantes Comunistas (UEC), que decorreu sábado e domingo no Pavilhão dos Desportos, com a participação de cerca de 700 delegados de escolas de todo o País, e cinco mil convidados, além de numerosas representações estrangeiras, com relevo para Angola, Guiné-Bissau, Cuba, URSS, Grécia, RDA, Alemanha Federal, França, etc...

Propondo aos estudantes portugueses «objectivos, formas de luta e reivindicações que permitam vencer a crise do ensino e construir um ensino para a vida no Portugal de Abril», este 1.º Congresso da UEC, traçou ainda como linha de orientação fundamental o prosseguimento da luta pela unidade estudantil, a necessidade de unir estudantes, pais e professores contra a violência fascista nas escolas e de reforçar a corrente unitária nas escolas de todo o País.

Na manhã de ontem foram votados os quatro documentos preparatórios apresentados pela Comissão Central cessante, efectuando-se de seguida eleições para a nova Comissão, que a partir de agora conta com 63 membros, 21 dos quais são raparigas.

Momentos particularmente significativos do Congresso ocorreram durante a intervenção do representante da JMPLA (Juventude do MPLA), que destacou o papel do PCP na luta anticolonial, e a mensagem da Juventude Socialista, muito aplaudida aos gritos de «unidade, unidade», e que a dada altura, sublinhou haver muita coisa que nos une nesta fase da vida portuguesa.

Pina Moura, da CC da UEC, falando no encerramento salientou a firme adesão dos estudantes comunistas à defesa das conquistas da Revolução, a causa da independência nacional e ao combate às ideias retrógradas ou neofascistas.

«POR UM ENSINO PARA A VIDA NO PORTUGAL DE ABRIL»

Do «manifesto aos estudantes portugueses», aprovado por aclamação, respigamos:

«Criar uma escola nova e abri-la à força renovadora da classe operária e de todos os trabalhadores.

E eliminar discriminações contidas nos mecanismos de selecção que favorece os que têm mais oportunidades.

E criar um sistema de apoio social que favoreça os trabalhadores e os seus filhos.

E criar condições de trabalho e estudo aos trabalhadores-estudantes, mediante a garantia de horários nocturnos e de sistemas de ensino à distância. E abolir as ramificações nos diversos graus de ensino (técnico-liceal, médio-superior).

«Criar uma escola nova e adequar a estrutura de ensino e os cursos dos diversos níveis à nova realidade económica e social decorrente da revolução. E saber que as escolas não

fomam quadros para servir o capitalismo mas antes devem ter em consideração as necessidades existentes quanto a nível técnico e perfil de formação um quadro económico não-capitalista».

«NUVENS NEGRAS»

Por seu turno Álvaro Cunhal, também na sessão de encerramento, falando de imprevisto declarou que «a coligação PS/CDS faz pairar nuvens negras sobre a democracia portuguesa».

Estamos porém certos — acrescentou — de que «por muito acidentado que seja o caminho a reacção acabará por ser derrotada e uma alternativa democrática acabará por impor-se, alternativa que para ser democrática tem de ser com os trabalhadores e para ser com os trabalhadores terá de ser com os comunistas».

Na sua intervenção Álvaro Cunhal, traçou os objectivos fundamentais definidos no congresso, que considerou o início de um novo período na actividade da UEC, apontando a ne-

cessidade de lutar por uma vida melhor para a juventude e pelos interesses imediatos dos estudantes, a necessidade de ligação da vanguarda revolucionária às massas, o reforço da actividade e da influência da UEC e a importância de formar e desenvolver uma mentalidade democrática e progressista na juventude estudantil.

No discurso político que fez no sábado, a abrir o Congresso, o secretário-geral do PCP, referindo-se ao acordo PS/CDS declarou que «a reacção não deve cantar vitória porque o povo português tem força bastante para defender a democracia» e que «a coligação PS/CDS coloca ainda como mais imperiosa a unidade dos trabalhadores, a unidade dos democratas, designadamente dos comunistas e socialistas».

A unidade dos trabalhadores — prosseguiu — «o entendimento e a acção comum de socialistas e comunistas é essencial para a defesa do regime democrático sobre o qual pesam novas ameaças».



Uma vista parcial do congresso no Pavilhão

PERANTE RECURSO DO MP

"14 de Beja" voltam à cadeia?

«A decisão do tribunal que considerou os supostos delitos de que vinhamos acusados de natureza política foi o objecto de recurso por parte do Ministério Público, que, não concordando com a sentença, fez subir os autos ao Tribunal de Relação. Se o Tribunal de Relação não considerar a decisão do colectivo de Beja, ainda haverá recurso para o Supremo Tribunal de Justiça, e, se este não concordar, corremos o risco de nos voltarmos a sentar no banco dos réus e de nos tornarmos a meter na cadeia. Quanto tempo durará esta in-

certeza? Um mês, um ano, cinco anos?», lê-se num comunicado dos dezasseis antifascistas de Beja, a quem o juiz do tribunal daquela cidade, dr. Guerra Pires, considerou «réus políticos», mandando arquivar o processo logo na primeira sessão do julgamento, ocorrida no passado dia 4.

Referindo que neste momento, entre eles, «há três funcionários que, ao abrigo do Estatuto Disciplinar dos Funcionários Cívicos, peça infame e inconstitucional fabricada por Salazar e Caetano, não têm podido retomar os seus lugares, enquanto a maior parte ainda não recebeu os salários dos meses de Novembro e Dezembro», os dezasseis antifascistas perguntam quem vai pagar a decisão ilegal do juiz Agostinho de Sousa Inês, de os manter presos «durante dois meses, violando abertamente o art.º 3.º do Decreto-Lei 274/75 de 4 de Junho, a mentendo uma disputa cerrada com o delegado do Ministério Público, conforme consta dos autos».

«Enquanto se passa isto com os funcionários públicos

nossos camaradas — afirmam aqueles antifascistas — sabemos que um senhor bem colocado no Centro da Reforma Agrária de Beja, Romana Martins, conhecido inimigo dos trabalhadores e da Reforma Agrária, está processado por burla, e embora sob caução, trabalha no Estado e recebe ordenado, pelo que estamos perante mais um caso de duplo critério de justiça, a que já estamos habituados, e que já não nos espanta, em virtude de termos sido presos políticos, tal como no tempo da PIDE».

Aqueles antifascistas que revelam entretanto para breve a publicação de um livro sobre a luta travada onde «serão postas a nu todas as ilegalidades e arbitrariedades da sua prisão política», anunciam no comunicado agora divulgado a sua adesão à AEPPA (Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas), em virtude «da recente alteração dos estatutos desta organização antifascista, manifestando a sua vontade de ombrear com aqueles que, nos tempos mais duros da ditadura, não dobraram os joelhos ao fascismo».

Propostas concretas

ACESSO AO ENSINO DAS CLASSES TRABALHADORAS

Plano Nacional de Alfabetização

— Suspensão de legislação relativa ao «numerus clausus» e exames de aptidão.

— Revogação da legislação que cria formas de selecção arbitrárias e antipedagógicas com o único objectivo de expulsar estudantes do ensino.

— Política de apoio social aos estudantes originários das classes trabalhadoras.

— Desenvolvimento, alargamento e consolidação do Ensino Unificado.

— Criação de estruturas voltadas para os trabalhadores-estudantes.

EXPANSÃO DO APARELHO DE ENSINO

— Política Orçamental realista para o ensino que garanta o incremento nas construções e a contratação dos docentes necessários ao normal funcionamento das escolas a todos os níveis.

— Total aproveitamento da rede escolar e do corpo docente existente.

REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO

— Suspensão da política de encerramento das escolas e da liquidação de novos cursos necessários.

— Diversificação e regionalização do ensino médio e superior adequando-o às actividades produtivas e à nova realidade económica e social.

— Combate ao processo de degradação da qualidade do ensino e da formação profissional.

— Consolidação do ensino unificado numa perspectiva de formação política e profissionalizante.

— Desenvolvimento da investigação científica.

DEFESA DA GESTÃO DEMOCRÁTICA

— Alteração da legislação referente à Gestão Democrática.

— Reforço do papel dos Órgãos de Gestão eleitos.

— Fim à política autoritária e centralizadora, contrária ao diálogo e à participação de estudantes e professores na política de ensino.

Pub

O DESENVOLVIMENTO COMERCIAL DA MUTUAL DISCUTIDO EM AVEIRO



Os funcionários dos Serviços Comerciais da Mutual, a Sede e os seus 21 escritórios que cobrem o país, reuniram-se nos três dias últimos da semana passada, num hotel da barra de Aveiro, para a análise da actividade do ano anterior e fixação dos objectivos para o ano corrente.

Com o espírito de equipa, que é um dos factores que justificam o desenvolvimento da MUTUAL, foi apreciado o trabalho desenvolvido e os seus resultados positivos, quer em termos económicos quer em termos de presença no mercado, o que se confirma até pelo facto de em 1977 terem arrancado dois novos Ramos: VIDA e Multilar.

A orientação dos Serviços continuará voltada para a divulgação do Seguro como função social, segundo as normas do Instituto Nacional de Seguros. Não deixou de surgir no debate a preocupação com as delongas de que parece sofrer a reestruturação da indústria e a não publicação do despacho coordenador da actividade dos Mediadores.

A gestão da Mutual acompanhou os trabalhos e a reunião serviu ainda para um convívio entre colaboradores que durante o ano trabalham a grandes distâncias uns dos outros.

A fotografia mostra um aspecto parcial da referida reunião.

SALDOS SAPATARIAS BAMBI

SALDANHA — AV. DE ROMA
RUA TOMÁS DA ANUNCIAÇÃO
AV. COMBATENTES — ALGÉS

SÓ 15 DIAS

PREÇOS EXCEPCIONAIS

estudado e fabricado para si!

É MESMO UM PULVERIZADOR

Fabricado em Portugal

Câmara Municipal do Concelho do Seixal

Editais

EUFRAZIO FILIPE GARCEZ JOSÉ, presidente da Câmara Municipal do Seixal, faz saber que de harmonia com a deliberação da mesma Câmara, tomada em reunião de 13/1/1978 se recebem propostas, em carta fechada, para adjudicação da empreitada de SANEAMENTO AO CONCELHO DO SEIXAL - EMISSÁRIO DE VALE DE MILHAÇOS.

A base de licitação é de 1 601 504\$00 e o depósito provisório na importância de 40 038\$00, deve ser efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência com guias preenchidas pelos concorrentes, tudo conforme Programa de Concurso e Caderno de Encargos patentes no Gabinete Técnico dos Serviços de Água e Saneamento, onde podem ser consultados em todos os dias úteis, durante as horas do expediente. A abertura de propostas terá lugar na primeira reunião da Câmara que se efectuar, decorridos 20 dias, a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário da República», reservando-se a Câmara o direito de abrir a licitação verbal entre os proponentes e ainda o de não adjudicar se assim o julgar conveniente nos interesses do Município, devendo ser selada pelo respectivo proponente a que tiver a adjudicação.

Alvará exigido - V categoria e da classe correspondente ao valor da obra.

E para conhecimento geral se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho do Seixal, 17 de Janeiro de 1978

O Presidente da Câmara,

Eufrazio Filipe Garcez José

Câmara Municipal do Concelho do Seixal

Editais

EUFRAZIO FILIPE GARCEZ JOSÉ, presidente da Câmara Municipal do Seixal, faz saber que de harmonia com a deliberação da mesma Câmara, tomada em reunião de 13/1/1978 se recebem propostas, em carta fechada, para adjudicação da empreitada de «ABASTECIMENTO DE ÁGUA ÀS POVOAÇÕES DA MARGEM ESQUERDA DO RIO JUDEU AO CONCELHO DO SEIXAL - REDE DE DISTRIBUIÇÃO 1.ª fase».

A base de licitação é de 10 025 000\$00 e o depósito provisório na importância de 250 625\$00, deve ser efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência com guias preenchidas pelos concorrentes, tudo conforme Programa de Concurso e Caderno de Encargos patentes no Gabinete Técnico dos Serviços de Água e Saneamento, onde podem ser consultados em todos os dias úteis, durante as horas do expediente. A abertura de propostas terá lugar na primeira reunião da Câmara que se efectuar, decorridos 20 dias, a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário da República», reservando-se a Câmara o direito de abrir a licitação verbal entre os proponentes e ainda o de não adjudicar se assim o julgar conveniente nos interesses do Município, devendo ser selada pelo respectivo proponente a que tiver a adjudicação.

Alvará exigido - V categoria e da classe correspondente ao valor da obra.

E para conhecimento geral se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho do Seixal, 17 de Janeiro de 1978

O Presidente da Câmara,

Eufrazio Filipe Garcez José

**NÃO FUME
EM RECINTOS
DESPORTIVOS
FECHADOS**

GOVERNADOR CIVIL DE FARO

Outro dia, em Faro, numa sessão da Fraternidade Operária, as pessoas presentes notaram, com algum espanto, sentado, numa das filas de cadeiras do salão da Junta Distrital, e atento às sucessivas intervenções, o governador civil do distrito, dr. Júlio de Almeida Carrapato. Antifascista antigo e consequente, o governador de Faro é militante destacado do PS. Daí o espanto de alguns, sobretudo dos forasteiros, pois para as dezenas de assistentes, a presença de Almeida Carrapato parecia facto normal, vulgar. Numa longa conversa, que com ele mantivemos, falámos disso, e não só. Responsável pela instalação da primeira assembleia distrital em todo o País; entusiasta da «vulgarização e democratização» de uma cultura viva e actuante; defensor da unidade de esquerda e responsável por um clima político de coexistência entre as diversas forças partidárias da região, o governador civil de Faro falou-nos de tudo isto e disse-nos simplesmente acerca da sua presença na sessão da FO: «Se assisti, como a outras sessões de outras forças políticas não coincidentes com o meu partido, fi-lo porque sou cidadão, porque não me alheio da vida colectiva, porque não me escuso às multidões, porque não as temo, porque nelas me misturo, porque aceito o pluralismo político, porque sou democrata vivo, de carne e osso, do gabinete e da rua, e porque as multidões já se habituaram, sem estranhar, a que as acompanhe na rua».

DL — Como se tem caracterizado o ambiente político e social no Algarve, designadamente durante o seu mandato de governador civil? Que pensa das exigências feitas pelo PSD/PPD após a queda do Governo, quanto à «substituição imediata» dos governadores civis?

R — No fundo, trata-se de duas questões que são postas. A primeira diz respeito ao ambiente político e social no Algarve, durante o período em que tenho sido governador. Não fugirei à verdade se afirmar que se respira um ambiente de paz social no Algarve. Há coexistência pacífica entre as diversas forças políticas. As forças políticas reacçãoárias não têm grande implantação na maioria dos concelhos. Daí que as contradições políticas e partidárias não tenham encontrado expressão violenta. Devo acrescentar que as relações que se desenvolvem entre o governador, as câmaras, os partidos, os sindicatos, comissões de trabalhadores, comissões e associações de moradores e instituições e associações com carácter social, político, cultural, têm-se processado em bases democráticas, dialogantes, colaborantes mesmo, por vezes, sem atritos de monta.

POVO ALGARVIO É ANTIFASCISTA

Claro está que o caso do Algarve tem necessariamente que reflectir a panorâmica geral do mundo português, integrando-se no seu contexto. Portanto, problemas agudos da vida nacional, como o do desemprego, o dos retornados das ex-colónias, o da habitação, o da crise na construção civil, encontram forçosamente no meu distrito a mesma coloração. As contradições sociais e políticas encontram eco nas lutas sociais. Mas o certo é que elas se vêm processando sem explosões de violência, em termos de não infringir a opinião exposta de que no Algarve se vive um clima de paz social entre o governador e as forças políticas, entre os órgãos autárquicos e essas mesmas forças. Não há uma contestação séria aos órgãos do poder local nem ao órgão de representação distrital do poder central. A ninguém oferece dúvidas de que o povo algarvio é democrático e antifascista e de que os poderes constituídos são democráticos e vigilantes antifascistas. Como não afrontamos os mais

fracos, não se descortina uma contestação séria...

O PPD E A QUESTÃO DE NOVOS GOVERNADORES

A segunda questão posta na pergunta reporta-se às exigências do PPD após a queda do Governo, quanto à «substituição imediata» dos governadores civis.

O ataque a esta questão po-

"É preciso unir as

manter-se, até à formação de novo Governo. Depois, o governador civil, ou porá o cargo à disposição do novo Governo ou pedirá pura e simplesmente a sua exoneração. Tudo dependerá da natureza do Governo que venha a ser constituído. Por outro lado, que Governo demitiria ou exonera os governadores? Um Governo de gestão, cuja missão é apenas acudir às solicitações do dia-a-dia administrativo, praticando actos de mera gestão, não os de mérito político ou de fundo? Seria um tanto grosseiro, para não dizer quixotesco, um governador pedir ao Governo de gestão, que ele representa na sua globalidade, a respectiva exoneração. Quixotesco, porque deveria ser da precência do governador que um Governo de gestão, demissionário, não lhe concederia a exoneração. Pedir a exoneração a um Governo demissionário seria uma mera aparência formal, ineficaz. E se a iniciativa da cessação de funções não partisse do governador, de quem deveria então partir? Do Governo demissionário? Não, manifestamente. A tese de alguns responsáveis do PPD parece-me estar viciada de inversão de raciocínio. Parece-me um erro elementar. Mais ainda, se a sorte do governador se deve aliar à do Governo que o nomeou, afigura-se que, até mesmo por uma questão de consciência, o go-

forçado a coesão entre as câmaras democráticas e entre estas e o governador.

Note-se, contudo, que, malgrá tudo, não tenho exercido, nem exercerei, qualquer discriminação no tratamento com os órgãos autárquicos. O povo de um concelho não tem culpa da histeria de certos centuriões...

DEMOCRATIZAR A CULTURA

DL — No caso de continuar no actual cargo, após a nomeação de novo Governo, que iniciativas tem projectadas, nomeadamente de âmbito cultural e cívico, como a comemoração do 5 de Outubro?

R — Repito que, continuar ou não no meu actual cargo, depende sobretudo do cariz e do matiz do futuro Governo. Garanto é que porei o cargo à disposição do Governo ou exonera-me-ei pura e simplesmente. Mas depois de constituído novo Governo. Não me assusta o meu futuro. Não sou político de carreira. Detesto até o carreirismo ou arrivismo. Escolhi uma profissão livre que espera por mim. Adiante.

Sou efectivamente responsável pelas comemorações do 5 de Outubro em Faro, assinaladas por duas sessões culturais de elevado nível, uma das quais patrocinei em exclusivo e revesti-se do maior brilho e da maior elevação (refiro-me à notável conferência proferida por Fernando Piteira Santos em 3 de Outubro, subordinada ao tema «O 5 de Outubro; a Revolução que fizemos; a República que tivemos»).

Na outra colaborei de certo modo. Foi também uma valiosa palestra de Luís Catarino.

Antes do 5 de Outubro, tínhamos promovido uma sessão de homenagem ao 25 de Abril, na qual eu próprio fui um dos conferencistas, com a apresentação de um trabalho intitulado «O 25 de Abril como fenómeno histórico». Pretendo este trabalho apresentar uma visão da Revolução dos capitães de Abril, suas nuances posteriores, sua continuação, à luz de um critério de interpretação dos fenómenos sociais e históricos.

Também promovida por nós, o meu querido amigo eng. Manuel Gomes Guerreiro, secretário de Estado do Ambiente, proferiu em Faro, em 30 de Setembro do corrente ano, uma conferência subordinada ao título «O Algarve do futuro na perspectiva ecológica», notável e brilhante, em que se condenam os atentados à natureza e certo capitalismo agressivo e provocatório que degrada o ambiente e a qualidade de vida daqueles que não tiram proveito nem proventos de tais atentados.

Também por aqui passou o dr. Raul Rego, com uma palestra, a nosso convite, sobre as limitações da imprensa no tempo do fascismo.

Tudo se processou em Faro, em 1977. Projectamos continuar, como governador civil, como executivo do poder autárquico distrital e como presidente da assembleia distrital, esta obra, em 1978, de vulgarização e democratização de cultura viva, participativa, actuante e consequente.

A assembleia distrital dar-nos-á o apoio e o incentivo, no domínio cultural, que nos prometeu e votou, nemine discrepante (embora com duas abstenções) em 27 de Dezembro de 1977. Para a frente.



forças progressivas do País"

DIREITA MOSTRA-SE AGRESSIVA E ARROGANTE

DL — Como militante do PS e como antifascista, como vê, a curto e médio prazo, a evolução política do País?

R — Claro que encaro a evolução política do País com apreensão e até preocupação. É indubitável que a direita em Portugal, mesmo a reacção, se tem mostrado ultimamente muito agressiva e arrogante. Tem havido uma certa divisão na esquerda democrática, que é preciso colmatar. Cada um de nós deveria interrogar-se: quando as liberdades fundamentais conquistadas estiverem em perigo, quem serão os nossos aliados? Quando a Constituição estiver ameaçada, quem serão os nossos aliados? Quando a 2.ª República, que custou 50 anos de martirização, de sangue e de lágrimas, quem serão os nossos aliados? Quando estiver ameaçada a democracia em Portugal, quem procuraremos nós para nos ajudar, como aliados? Os que quiseram apenas evoluir o fascismo, dentro dele, ou os que, de fora, o combateram sem tréguas, (caído às mãos dos torcionários ou vendo os seus entes mais queridos às mãos deles tombarem)?

São questões que se põem, em termos de concluir que é preciso unir todas as forças progressivas deste País. Creio ainda na unidade. Por isso penso que saberemos vencer e consolidar as bases de desenvolvimento do processo histórico para que aponta a lei fundamental.

ALGARVE NÃO É APENAS O TURISMO

DL — O turismo vai ser (sempre?) a indústria fundamental do Algarve? Não há outros projectos ou saídas?

R — O turismo tem presente sérias perspectivas no Algarve. Mas, normativamente, entendo que não deve ser o sector básico. Entendo que o progresso da região dependerá do desenvolvimento harmonizado, comandado, planificado, de três sectores: a agricultura e indústrias derivadas, a pesca e indústrias derivadas e o turismo. A variedade dos solos, a sua fertilidade, vocacionam o Algarve para a policultura, no litoral e no interior. Uma costa meridional de 180 km e ocidental de 50 km apontam para a actividade piscatória e para as indústrias derivadas da pesca. Trata-se também de uma vocação natural. O que é preciso é renovar as frotas pesqueiras, os processos de captura e de fabrico.

O turismo complementará esta panorâmica económica e social. Aponte-se que, presentemente, é o campo de eleição, sobretudo na indústria hoteleira,

em que campeiam as lutas sociais e conflitos de classe.

Há um regime jurídico laboral nem sempre respeitado. Em certas empresas, os trabalhadores têm evidenciado, a despeito do ardor posto, por vezes, nas suas lutas, uma paciência e espírito de temporização dignos de realce. Nem sempre têm sido compreendidos. Têm surgido conflitos, facilmente evitáveis, nascidos do desrespeito inicial de empresas, que geram confrontações que se aproveita depois para punir, sem curar de investigar as causas próximas e remotas de tais conflitos. Soube de uma empresa que, após cair em mora nos pagamentos de salários, 13.º mês, subsídio de férias, propiciou um acto talvez de sabotagem. Processos disciplinares foram instaurados e 19 operários foram despedidos, sem indemnização nem pagamento do que já lhes era devido antes do seu movimento. Não houve a preocupação de investigar a causa própria dos actos considerados infraccionais: a falta da empresa para quem prestava trabalho, sem ser pago.

É preciso salvar o turismo? Sem dúvida. Mas o primeiro passo a dar para tanto, tem que sê-lo pelas empresas, que infelizmente as há, remissas ou refractárias à observância da legislação e contratação do trabalho.

A UNIVERSIDADE DO ALGARVE

DL — A Universidade do Algarve, vai continuar a lutar pela sua instalação nesta província?

R — Sem dúvida. O Algarve tem direito a ela. A região conta hoje com cerca de 360 mil habitantes. Lã dias num semanário de Lisboa que determino do distrito do Norte do País contava na sua população estudantil com cerca de 6000 indivíduos. Pois bem. Só Faro cidade conta hoje com mais de 6000 estudantes do ensino secundário. Não esquecer que a cidade de Faro tem as suas ilhargas, confrontando com o concelho, Olhão e Loulé. Este o maior concelho do distrito e julgo que, territorialmente, o terceiro do País. Olhão, a seguir a Faro, é o município de maior densidade demográfica na região. Por tudo, e até por uma tradição cultural, política e administrativa de há 400 anos a sede do distrito oferece as melhores condições sociológicas para só se sediarem os estudos superiores. Isto não significa que, posteriormente, se não deva provocar extensões do ensino superior no barlavento, designadamente em Silves, também de apreciáveis tradições culturais.

A PRIMEIRA ASSEMBLEIA DISTRI-TAL

DL — Foi da sua iniciativa a concretização da primeira assembleia distrital no País, após a nova legislação sobre as au-

tarquias? Como foi possível fazê-lo em tão curto espaço de tempo? Que dificuldades sentiu? Que projectos ou iniciativas prevê no âmbito da actividade desse órgão?

R — Efectivamente, foi de minha iniciativa a instalação da primeira assembleia distrital. A Lei n.º 7977, de 25 de Outubro, entrou em vigor em 24 de Novembro. Assim que foi publicado o texto legal e porque ele previa uma sessão ordinária em Dezembro, na qual deveriam ser discutidos o plano de actividades e o orçamento da autarquia distrital, como a alínea m) no n.º 1 do Art.º 87.º qualifica o distrito, aliás bem, pensei que seria conveniente instalar a assembleia em Dezembro e, imediatamente a seguir, reunir em sessão tendo por objecto, além de outras matérias, aquela discussão, apreciação e aprovação.

Dai que tenha, na qualidade de presidente da AD, solicitado a todas as assembleias municipais do distrito que elegessem um membro, presidente de junta de freguesia, para representar a assembleia respectiva na assembleia distrital, conjuntamente com o presidente da assembleia municipal correspondente. Para o efeito, podiam as assembleias municipais exercer esta eleição na sessão ordinária de Novembro, ou fazê-lo em sessão extraordinária. A referida solicitação foi transmitida por circular de 7-11-77.

As assembleias municipais foram-me comunicando o resultado das suas eleições, e em 19 de Dezembro convoquei para a sessão de instalação e para a sessão imediata todos os membros da assembleia distrital: presidentes das câmaras, presidentes das assembleias municipais e presidentes de juntas de freguesia eleitos nas assembleias municipais, um por cada concelho. A assembleia distrital foi instalada em 27 de Dezembro de 1977, com solenidade e publicidade, no belo salão do edifício que da junta distrital transitara para a assembleia distrital de Faro.

Ao todo, 49 elementos, presidente e vogais.

Instalada que foi a assembleia, imediatamente a seguir esta reuniu em sessão. Apreciei e votou, sem um voto contrário — apenas 2 abstenções — o plano de actividades proposto e o orçamento para 1978.

Igualmente de salientar os dois actos eleitorais a que se procedeu: o primeiro para os representantes (2) da assembleia no conselho nacional do plano, cujos sistemas, orgânica e planeamento e composição constam da Lei n.º 31/77, de 23 de Maio; o segundo para a composição do conselho distrital (5 presidentes de câmaras).

APOIO ÀS AUTARQUIAS

Portanto, não só ficou instalada a assembleia distrital como se iniciou o processo de

constituição do conselho distrital, que apenas falta ser integrado por mais 3 elementos, que o governador civil deverá propor ao Conselho de Ministros, logo que formado o II Governo Constitucional.

Quanto à segunda parte da pergunta, adiantarei que apenas houve que apressar a tramitação do processo. Dificuldades, não as encontrei. Certamente pela boa colaboração que tem imperado nas relações entre o governador e os órgãos do poder local, câmaras, assembleias e juntas.

Prevejo que a assembleia distrital será um órgão vivo, capaz de desenvolver uma política concreta e válida, no âmbito da sua competência; por exemplo, deliberando sobre a ampliação de serviços de apoio técnico às autarquias, promovendo actividades que visem o desenvolvimento de sectores produtivos, aprovando recomendações sobre a rede escolar, no campo do ensino pré-primário, básico, secundário, actuando no campo cultural, no domínio da investigação e conservação de valores arqueológicos, históricos e artísticos, deliberando sobre a manutenção de museus etnográficos e a inventariação de costumes regionais e populares.

A PRESENÇA NA SESSÃO DA FO

DL — A sua participação recente numa sessão da Fraternidade Operária em Faro causou um certo espanto...

R — Ab initio impõe-se uma rectificação. Eu não participei em qualquer sessão promovida pela Fraternidade Operária. Sou militante do Partido Socialista e não tenho qualquer ofensa à minha independência mental. Não tenho qualquer conotação com a Fraternidade Operária. Tenho lá alguns amigos pessoais, velhos companheiros. Apenas isso. A Fraternidade Operária pediu-me o salão da actual assembleia distrital. Cedi-o. Aliás, o requerimento foi apresentado com larga antecedência, antes da instalação da assembleia distrital. Na tarde do dia em que se realizou a sessão da FO efectuou-se, no mesmo salão, uma sessão do PPD, presidida pelo dr. Sêrvulo Correia, se bem me recordo. Já antes, todos os partidos, para a realização de sessões, não de comícios, tinham utilizado o local. Nada obstará a que a FO o utilizasse também.

Mas, como disse, eu não participei na sessão da FO. Participar implicaria uma actuação, uma forma de colaboração activa. Ora, o que se passou foi bem diferente. Amigo íntimo, da FO no distrito de Faro, convidou-me a assistir, como simples cidadão, na sua expressão, à sessão que ia ter lugar. Não vi motivos para declinar o convite, meramente particular e não da associação, confinado a limites tão estreitos.



Sentei-me na assistência, nela perdido, restringindo-me a assistir atentamente. E foi bela esta posição. Julgo ter sido apenas um acto de cidadania e de civismo. Não há proselitismo político capaz de censurar a minha assistência a uma sessão de vulgarização de cultura política. Assisti aos debates, sem neles intervir, como cidadão e democrata.

Expugnada, pois, a simples assistência à sessão de qualquer significado de intervenção ou participação, é óbvio que a pergunta terá que merecer uma resposta com um sorriso de ironia e bom humor.

Porquê tal pergunta? Então voltamos aos tempos antigos em que os actos mais insignificantes eram ajuzados com fanatismo, facciosismo e suspeição? Não. A democracia que propugnamos envolve um conceito de abertura a todas as forças que lutem por unir todos os sectores populares. A nossa democracia é ampla,

aberta, sem discriminação; não é fechada, circular, corporativa. Dai que, sem profissão de fé, não hesitasse confundir-me com a multidão, assistindo às intervenções e ao diálogo, sem participar.

Portanto, se assisti como a outras sessões de outras forças políticas não coincidentes com o meu partido, fi-lo porque sou cidadão, porque não me alheio da vida colectiva, porque não me escuso às multidões, porque não as temo, porque nelas me misturo, porque aceito o pluralismo político, porque sou democrata vivo, de carne e osso, do gabinete e da rua; e porque as multidões já se habituaram, sem estranhar, a que as acompanhe na rua. Que ninguém queira pescar em águas turvas, nem fazer jogo subterrâneo. A política certa de esquerda é de unidade, que só se forja, em face do perigo comum, sem fanatismo nem preconceitos...

C. P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

AVISO AO PÚBLICO CONCURSO

Até às 17 horas do dia 17 de Janeiro de 1978, este Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração da cantina da estação de Belver.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 4 000\$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 500\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Belver
- Entroncamento
- Abrantes
- Serviço Comercial da Região Centro LISBOA (Santa Apolónia)
- Serviço de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA-2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses — E. P., Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração da cantina da estação de Belver».

Tapetes e Carpets

SALDOS DE BALANÇO QUINTÃO

RUA IVENS, 30-34

LISBOA

CARNAVAL com EUROCOM

SERRA DA ESTRELA, MINHO E GERES, ALGARVE E AÇORES

TAMBÉM EM ESPANHA

ARACENA/SEVILHA E TORREMOLINOS

CONSULTE EUROCOM

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA - R. António Correia, 3-A - AMADORA - 942128 9
PEÇA PROGRAMA DETALHADO

SALDOS

CONTINUAM

NA CASA ESTRELA, EM CACILHAS

R. Cândido dos Reis, 60-A e B — T. 275 17 22

Em PORTIMÃO o **Diário de Lisboa** vende-se na CASA INGLESA

SALDOS ★ SALDOS ★ SALDOS ★ SALDOS ★ SALDOS

ESPECTACULAR CAMPANHA DE SALDOS NA JOFRAMA

**SALDOS QUE NÃO SÃO
"MONOS", SÃO ARTIGOS
DE QUALIDADE VENDIDOS
A PREÇO DE
SALDO**

Alguns exemplos:

Jogos de cama est. 2. larg. ^a 2 lenç. e 2 almof	Lençol fiavel 2. larg. ^a	Jogos de banho aveludados 5 peças - Damas
695\$	139\$	550\$
Toalha estamp. redondas e quadradas 1.5	Espectacular cobertor Jaguar - Astor	Manta-Colcha Tróia veludo
135\$	599\$	750\$
Grande cobertor mexicano 2 x 2.4	Toalhões turcos c/ franja enormes	Cobertor casal nosso reclame
499\$	119\$	249\$
Voil branco extralene 1.5 - 3.	Colchas linho grosso eram a 950\$ só a	Cobertor de veludo Jarama
65\$ 115\$	595\$	1195\$
Jogo banho 5 peças lindos	Jogos de cama bebê - bordados e estampados	Jogo de mesa 2,5 c/ 12 quad. adamascado
249\$	159\$	315\$
Toalhas de mesa estampadas 1.2 redondas e quadradas	17 Toneladas de atalhado turco com pequenos defeitos	Ceroulas e camisolas de felpa
99\$		59\$

SOMOS O REI DOS PANOS DE LENÇOL

Milhares de peças de lindos panos em cores e estampados, mais baratos que nas FABRICAS

Em cor, 2m larg., terylene/algodão a 85\$00
Estampados, lindos padrões, 1,60 a 59\$00
2 m larg. terylene/alg. a 95\$00
Pano Exp. 2,29 larg.^a
tiryleno/algodão, lote a 75\$00

15 000 MALHAS EXTERIORES

Em Shetland e Lambswool de 400 e tal, 500 e tal, 600 e tal e 700 e tal \$. Todas a escolher a **250\$**

JOFRAMA

SEDE — RUA DOS FANQUEIROS, 226-232
(Frente à Rua da Assunção)
FILIAIS — RUA JOÃO DAS REGRAS, 4-B
(Junto à Praça da Figueira)
RUA DA MADEIRA, 203-217
Telefones 862899 - 872156 - 873340 - 868572
LISBOA-2

**MANDAMOS À COBRANÇA PARA TODO O
PAIS E ILHAS**

SALDOS ★ SALDOS ★ SALDOS ★ SALDOS ★ SALDOS

POR ENTRE CRÍTICAS AO PS

UESD prepara Convenção Nacional

Com reuniões em diversos pontos do país, nomeadamente em Coimbra, Aveiro e Almada, a UESD esteve muito activa esta fim-de-semana, a oito dias da sua primeira grande reunião a nível nacional — a Convenção, momento decisivo para o lançamento da organização como estrutura partidária actuante na cena política portuguesa.

Cingindo-se apenas as reuniões referidas, diga-se que em Coimbra estiveram alguns dos seus dirigentes mais conhecidos, nomeadamente Lopes Cardoso. Foi uma sessão de esclarecimento e o antigo ministro da Agricultura e Pescas falou criticando severamente a direcção do PS por causa do recente acordo feito com o CDS a favor dum solução para o problema governamental. O novo governo — disse — «não terá vida longa: além das suas próprias contra-

dições é, também, uma coligação contra interesses dos trabalhadores e constitui um atentado à Constituição e às conquistas do 25 de Abril». Lopes Cardoso disse que o PS passa hoje por uma crise de graves proporções e sobretudo, com a decisão de coligar-se com o CDS, afastou da sua base social de apoio um sem-número de militantes, aderentes e simpatizantes. Para o antigo titular do MAP, o partido não está, hoje, apto para fazer qualquer mobilização popular: falta-lhe o apoio real daquilo que foram as suas bases de trabalhadores.

Na reunião de Coimbra falou ainda o sindicalista Kalidás Barreto. Este antigo quadro do PS diria, a dado passo, que o CDS não representa mais do que «os fascistas sociais».

A reunião de Aveiro tratou da Convenção a realizar no próximo domingo. As notícias



Lopes Cardoso

que chegam daquela cidade falam de declarações de Vital Rodrigues, das constam afirmações deste antigo quadro do PS segundo as quais «o Governo não durará até 1980». Disse ainda Vital Rodrigues: «É estranho que um partido como o PS, que muito contribuiu para que se elaborasse uma Constituição que tem o con-

teúdo que tem, faça um acordo com um partido que votou contra essa Constituição».

Na reunião de Almada tratou-se também da participação distrital de Setúbal nos trabalhos da Convenção. No final foi emitido um comunicado, tal como aconteceu também em Aveiro, e, tal como consta igualmente do texto produzido em Aveiro, no texto de Almada diz-se, a dado passo que é preciso «o esforço das estruturas das massas populares organizadas e das forças democráticas no sentido de se mobilizarem para a defesa da democracia e do projecto constitucional que o Governo — a haver — põe em perigo». O texto de Aveiro falava de «reforçar a unidade de esquerda, contribuindo para a clarificação da vida política e para a recomposição das forças políticas em presença na sociedade portuguesa».

PS ESCLARECE BASES

Jaime Gama e a dificuldade de explicar o inexplicável

Dirigentes socialistas participaram neste fim-de-semana, em vários pontos do País, na difícil tarefa de explicar às suas bases a estranha coligação empreendida com o CDS, mas o êxito afigura-se problemático. A afluência a estas sessões tem sido extremamente reduzida tendo em conta a expressão eleitoral do Partido Socialista e a implantação que lhe deveria corresponder. Ao mesmo tempo, em diversas zonas do País, assinalam-se deserções do PS em consequência de uma opção que na generalidade as bases parecem não aprovar.

Ontem, no Hotel Sintra-Estrela, efectuou-se o primeiro en-



Jaime Gama

contro dos militantes socialistas em comissões de trabalhadores. Apesar do optimismo do deputado socialista Alfredo

Carvalho, que disse que «o PS não recuará nem um milímetro nas nacionalizações, nem naquilo que considera os trabalhadores também, uma política virada, sem complexos e sem demagogia, para os interesses dos trabalhadores», o encontro contou apenas com a presença de cerca de uma centena de militantes e à sessão de encerramento somente assistiram cerca de 60 dos participantes. Foi reivindicada a aprovação definitiva da lei que estabelece os direitos das comissões de trabalhadores, já debatida na Assembleia da República, mas que mereceu parecer desfavorável da Comissão Constitucio-

nal. Jaime Gama esteve na sexta-feira à noite no Porto e no sábado à tarde em Viana do Castelo, onde a afluência à sessão que ali realizou rondou também por uma centena de militantes. A noite Jaime Gama esteve em Braga. Hoje à tarde terá reuniões em Mirandela e à noite em Vila Real.

Estas deslocações tiveram como objectivo explicar a linha política adoptada pelo PS na actual conjuntura, tarefa que não parece muito facilitada, sobretudo em muitas zonas do País onde os militantes socialistas têm sido violentamente atacados pelos caciques locais, geralmente os homens de mão do CDS e do PPD.

PREVÊ CHANCELER BRASILEIRO

Visita de Eanes permitirá "maior entendimento"

Ao confirmar a visita de Ramalho Eanes ao Brasil, o ministro dos Negócios Estrangeiros deste país afirmou no sábado em Brasília, que a deslocação do Chefe do Estado Português possibilitará «um melhor e maior entendimento» entre os

dois países.

Interrogado pelos jornalistas sobre as possíveis divergências existentes entre os Governos dos dois Estados-irmãos, o chanceler Azeredo da Silveira afirmou que «nunca houve desinteligências porque, durante todo este período de transformações ocorrido em Portugal, o Brasil demonstrou que sabe respeitar as decisões

nacionais dos outros países».

Segundo Azeredo da Silveira, «o Brasil nunca se confrontou com Portugal nos foros internacionais e, nos últimos tempos, aproximamo-nos ainda mais do que anteriormente».

A visita oficial do Presidente da República Portuguesa, a convite do seu homólogo, Ernesto Geisel, ocorrerá de 22 a 26 de Maio próximo.

Lima Duarte não enxerga nada

O actor Lima Duarte («Bonifácio Milhões», no Monumental) perdeu há dias um saco onde tinha o passaporte, carta de condução, bilhete de identidade e um par de óculos.

Pede-nos que façamos um apelo a quem «achou», no sentido de lhe devolver a documentação e sobretudo os óculos, pois «não enxergo nada». Acrescenta o actor que «o dinheiro pode ficar».

Documentação e óculos devem ser devolvidos para: Lima Duarte - Hotel Eduardo VII.

Cardeal Patriarca evocou padroeiro de Lisboa

O cardeal patriarca, D. António Ribeiro, procedeu ontem na Sé à celebração da missa comemorativa do Dia de S. Vicente, padroeiro de Lisboa.

Durante a homília, o cardeal afirmou que a «cidade e a diocese de Lisboa precisam de cristãos fortes na Fé, que generosamente se dediquem ao serviço da evangelização» tendo acrescentado que «há necessidade de apóstolos, padres religiosos e leigos que levem a toda a parte a mensagem libertadora de Jesus Cristo».

D. António Ribeiro referiu-se

ainda às carências de largos sectores da população de Lisboa, frisando sobretudo os problemas de habitação e de falta «de estruturas comunitárias que garantam a todos na cidade uma vida mais humana e mais digna».

O Cardeal frisou ainda que servir honestamente no mundo como na Igreja, implica sempre renúncia e ascese, nomeadamente «renúncia a egoísmos e pontos de vista individualistas, ascese que liberta de interesses pessoais e abre ao bem comum de todos».

Melo Antunes voltou de Cuba

«Frutuoso e agradável», assim classificou o major Melo Antunes, em declarações à sua chegada de Havana, o encontro que, na capital cubana, manteve com o presidente Fidel Castro, no decorrer de uma visita de oito dias a Cuba a convite da respectiva Assembleia Popular.

O presidente da Comissão Constitucional e membro do Conselho da Revolução, que declarou ter visitado Cuba em «missão de interesse da Presidência da República», teve vários encontros em Havana, nomeadamente com Raúl Roa e Fidel Castro.

Quanto às relações entre os dois países, Melo Antunes referiu estar em os dirigentes cubanos interessados em ter relações mais íntimas com Portugal, sobretudo uma maior aproximação no campo económico.

Falando sobre Cuba, afirmou que o povo cubano é trabalhador e realizou uma luta com êxito contra o analfabetismo e por uma saúde melhor. Admitiu, entretanto, «no campo económico», a existência de algumas dificuldades «apesar do aumento das exportações de açúcar e tabaco».

RODOVIÁRIOS, F. PÚBLICA Listas unitárias eleitas no Norte

Listas unitárias foram eleitas este fim-de-semana para os corpos gerentes do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Braga e para o Secretariado distrital de Viana do Castelo do Sindicato da Função Pública do Norte.

Nos Rodoviários de Braga concorria uma única lista, unitária de esquerda, depois de ter sido rejeitada uma segunda candidatura devido a anomalias. As mesas de voto funcionaram em Braga, Barcelos e Vila Nova de Famalicão, registando 454 votos favoráveis. A aflição foi grande. Entretanto a lista recusada (afecta à «Carta

Aberta») anunciou a intenção de impugnar as eleições.

Também em Viana do Castelo se candidatou uma única lista, que foi eleita com 197 votos favoráveis. A aflição foi superior a 40 por cento dos sócios com direito a voto.

Na semana anterior tinha sido eleita uma lista unitária para o Secretariado da delegação de Braga do Sindicato da Função Pública do Norte. Os novos dirigentes tomaram posse na sexta-feira, tendo considerado a eleição como «um passo positivo na dinamização da vida sindical dos trabalhadores» do sector.

Greve contínua na Previdência a partir do dia 30

O plenário a nível nacional de representantes dos trabalhadores da Previdência que se efectuou no passado sábado no Sindicato dos Escritórios de Lisboa decidiu anular a paralisação marcada para amanhã e fazer greve contínua a partir do próximo dia 30, segunda-feira, como forma de luta pela revisão do CCT do sector.

O pré-aviso da paralisação foi já entregue no Ministério dos Assuntos Sociais e no Ministério do Trabalho.

Entretanto, durante esta semana haverá reuniões de esclarecimento sobre a situação nas caixas de Previdência, tendo sido marcado novo plenário para o próximo dia 27, com o

objectivo de debater a condução da luta a partir do dia 30.

Depois de vários meses de luta pela revisão do seu primeiro CCT, os trabalhadores deste sector foram surpreendidos pela notícia veiculada através dos órgãos de Comunicação Social de que fora assinada no Ministério do Trabalho a Portaria de Regulamentação de Trabalho para a Previdência e os Serviços Médico-Sociais. A notícia surgiu na véspera da paralisação marcada para o passado dia 19.

Embora a Comissão Negociadora Sindical não tivesse sido oficialmente informada da assinatura, foi convocado para sábado o plenário nacional, que rejeitou o documento «por ser inconstitucional, divisionista e contra os direitos adquiridos pelos trabalhadores».

O MAS e o MT continuaram a ignorar a Comissão Negociadora Sindical, que todavia tomou conhecimento do texto da PRT publicada em suplemento do Diário da República.

A PRT «institucionaliza o primeiro passo de integração dos funcionários das instituições de Previdência na Função Pública», visando o seu con-

teúdo especialmente tabelas salariais e definição de carreiras do sector.

Os trabalhadores consideram-na no entanto inconstitucional, pois além de ter sido

elaborada sem que os seus representantes fossem ouvidos, ignora a Constituição na medida em que esta lhes confere o direito a negociar a sua contratação.

BANCÁRIOS DO SUL

Demissão é golpe — afirma um grupo de sócios

«Foi perante a posição assumida pelos trabalhadores que pretendiam ver requerida uma assembleia geral para análise do comportamento dos corpos gerentes e sua possível destituição que a direcção e restantes corpos gerentes, numa manobra golpista dentro da acção traída que têm praticado desde que foram eleitos em Março de 1977, vieram anunciar que estavam demissionários e que marcavam eleições para o dia 1 de Abril», comentam os dez primeiros subscritores daquele requerimento, a propósito da anunciada demissão dos dirigentes do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

Num documento que nos enviaram a tal respeito, os dez signatários repudiam mais esta atitude dos seus dirigentes sindicais «na firme convicção de que os trabalhadores bancários não permitirão através da força da sua unidade que os referidos corpos gerentes possam, antefestatariamente, manter-se à frente dos destinos do Sindicato e ultimar a sua traição quer nas nego-

ciações do CCT quer em toda a restante actividade sindical».

Recorde-se que o requerimento para convocação de uma assembleia extraordinária destinada a analisar o comportamento dos corpos gerentes e sua eventual destituição havia sido entregue no passado dia 19, subscrito por centenas de sócios. No dia imediato os dirigentes sindicais demitiam-se.

No requerimento responsabilizava-se a direcção pela forma como tem decorrido o processo de revisão do contrato colectivo dos bancários e pela sua «acção conciliatória», ligada «a interesses que têm por objectivo causar o descontentamento dos trabalhadores bancários e pôr em causa não só a reestruturação da Banca mas também a sua própria nacionalização».

A direcção dos Bancários do Sul e Ilhas afecta ao PPD, conta com o apoio do CDS e faz parte do Secretariado da «Carta Aberta». Sendo sido eleita há menos de um ano com uma escassa vantagem sobre a lista unitária que então concorreu.

LIBERDADE SINDICAL EM JOGO

Órgãos militares impedem sindicalização no Alfeite

A Comissão de Trabalhadores do Arsenal do Alfeite alerta para a «grave ofensa que é feita à Constituição e à Lei Sindical pelos órgãos militares que não permitem a sindicalização dos trabalhadores dos estabelecimentos fabris das Forças Armadas».

O problema é posto em foco que acompanha um comunicado distribuído a propósito e em que se assinala que «o 25 de Abril veio proporcionar a todos os trabalhadores portugueses o exercício dos seus direitos e liberdades sindicais».

O impedimento de sindicalização deve-se a uma comunicação do Estado-Maior-Geral das Forças Armadas, dirigida

da aos directores dos estabelecimentos fabris em 14 de Junho de 1976, nos termos do qual se manterá essa situação até que seja concretizada «a aprovação de um estatuto jurídico especial para este pessoal».

A isto responde a CT do Arsenal do Alfeite, recordando que tanto a Lei Sindical em vigor, como a Constituição da República, e, até a Convenção n.º 87 da OIT que Portugal já ratificou, conferem aos trabalhadores o direito fundamental de se sindicalizarem.

De acordo com isso, um plenário de CT's dos estabelecimentos fabris militares decidiu, no dia 10, «dar seguimento ao processo de dinamização que visa a inscrição dos trabalha-

dores do Arsenal no Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal».

Além disso, foi decidido proceder ao recebimento da quotização e distribuição de cartões a todos os inscritos naquele sindicato, bem como desenvolver a actividade tendente à organização sindical dentro do estaleiro.

Outras decisões tomadas: desenvolver uma acção conjunta com as organizações de trabalhadores dos estabelecimentos fabris militares; contactar órgãos do poder relacionados com o problema sindical; reforçar o movimento sindical e a unidade entre todos os trabalhadores.

Constituído o Sindicato da Construção Civil do Porto

Com a aprovação dos estatutos durante uma assembleia geral efectuada no Palácio de Cristal do Porto, ficou definitivamente constituído, desde sábado, o Sindicato da Construção Civil, Madeiras e Mármores do Distrito do Porto, resultante da fusão dos Sindicatos dos Estucadores, Trolhas e Pintores dos Pedreiros, Mar-maristas e Montantes e dos Carpinteiros e Serralção de Madeiras. Cerca de 30.000 trabalhadores estão assim abrangidos pelo novo organismo sindical.

Resultante de inúmeras reuniões e plenários, a fusão decidida por esmagadora maioria dos trabalhadores do sector,

correspondeu aos desejos de maior fortalecimento da classe.

Durante a assembleia efectuada no sábado, foi decidida, por voto secreto, a adesão do novo sindicato à Federação dos Sindicatos da Construção Civil e à CGTP-IN, embora anteriormente só o Sindicato dos Carpinteiros estivesse filiado na Central Única dos trabalhadores portugueses.

Foi também eleita uma comissão directiva composta por cinco elementos de cada um dos sindicatos extintos. As eleições para os corpos gerentes deverão ser convocadas num prazo de 90 dias a contar da publicação dos estatutos no «Diário da República».

Cooperação sindical luso-húngara

No termo de uma visita efectuada ao nosso País a semana passada, uma delegação da central sindical húngara (SZOT) subscreeve conjuntamente com a CGTP-Intersindical Nacional um comunicado em que as duas organizações se congratulam pelos bons resultados das conversações que mantiveram, pronunciando-se a favor do «aprofundamento das relações de amizade e de cooperação existentes».

As conversações incidiram sobre a situação dos movimentos sindicais de ambos os países, e o futuro de uma cooperação mútua que já se revelou vantajosa.

A CGTP-IN teve oportunidade de informar o SZOT «sobre a luta dos trabalhadores portugueses no sentido de fazer respeitar a Constituição da República Portuguesa e o ordenamento político-jurídico que dela resulta», e sobre a grave situação criada ao nosso país pela actuação do I Governo constitucional. Por seu turno, o SZOT deu conta do papel dos sindicatos húngaros na construção do socialismo, e expressou a sua total solidariedade à central sindical portuguesa «pela sua luta em defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores».

A crise na Torralta

Os órgãos representativos dos trabalhadores da Torralta e empresas associadas decidiram prosseguir a luta pela aplicação da resolução do Conselho de Ministros de 26/6/76 (criação de uma empresa mista) e contra a declaração da empresa em crise. Numa proposta aprovada em reunião efectuada a semana passada no Algarve, as CT's propõem-se criar «uma efectiva unidade com as outras empresas intervenientes visando a possibilidade de serem encetadas formas de luta conjunta», e exigir do Governo o financiamento das obras em curso.

um deus
na palma da mão

JOSUÉ DA SILVA

Leia já!

nasceu com o País Novo
para aproximar
os portugueses



RODOVIÁRIA NACIONAL

A raiva de escrever
contra o fascismo
apesar da censura!

Tema
para um
filme
a rodar
em Espanha

uma edição
Liber

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na
TABACARIA FERREIRA Rua Manuel Maria Vieira.

INQUÉRITO ÀS AUTARQUIAS (5)

João de Silva

E as misérias do "paraíso" algarvio?

Na linha das afirmações feitas por nós em apontamentos anteriores sobre o escandaloso assunto do inquérito às autarquias, diremos ainda: só uma profunda mobilização colectiva, que varra o País de Norte a Sul como um onda antisséptica, poderá operar o «milagre» de uma conversão que limpe a nossa terra deste doloroso cancro da carência quase total no que se refere à qualidade de vida e às condições sociais dignas do século em que vivemos e do povo que somos. Sem isso — sem essa mobilização colectiva — tudo o que se fizer não vai além da aspirina que se dá ao doente para que não sinta as dores, mas que o ilude perigosamente quanto à causa da maleita que o domina.

Na realidade, um momento houve neste País em que a dita mobilização colectiva esteve prestes a determinar o grande arranque que levaria a pôr ponto final à penúria e à falta de saneamento básico, de estradas e caminhos, de locais de recreio e, até, de serviços médicos ou sociais, de transportes e de electricidade, de escolas e de estímulos culturais. Esse momento chamou-se MFA. Com os erros que se lhe queira atribuir — os reais e os que a imaginação mente-capta criou por aí —, a participação dos militares no despertar de um povo paralisado à força durante tantos anos, foi o irromper de uma ideia que há-de, num tempo certo, permitir que a aldeia mais isolada do interior do País não seja apenas um amontoado de sédios abarracamentos sem nada que sirva a condição humana dos seus habitantes, e sim um lugar em que a sobrevivência tenha a sua própria dignidade.

Para demonstrarmos quanto basta uma mobilização em termos populares, recordemos que, naqueles povoados e aldeias onde essa mobilização foi possível — e onde foi possível arrancar as pessoas aos medos ancestrais e à canga conservadora do cacique —, as carências, pelos menos no que respeita ao essencial, foram largamente debeladas. Vejamos o texto de uma carta enviada pelo presidente da Junta de Sobreira, concelho de Paredes, Porto, na resposta ao inquérito de 1977: «Para além dos elementos constantes, referir:» diz o presidente da Junta de Sobreira «que, no que respeita à água canalizada nas casas, tem esta Junta de Freguesia em curso trabalhos que visam o abastecimento domiciliário a 11 dos 14 lugares de que se compõe esta freguesia, beneficiando cerca de 2700 dos 3000 habitantes seus. Nesta obra, de larga projecção social, estão investidos cerca de 1500 contos, só em materiais mas a sua realização, dada por empreitada, ascenderia talvez a mais de quinze mil contos. Isto porque a mão-de-obra tem sido dada generosamente e generosamente pelo povo que, ao cabo e ao resto, terá de a financiar também, já que não temos obtido o neces-

sário apoio das entidades oficiais de que esta Junta depende, mormente da Câmara Municipal de Paredes, à qual se têm feito vários apelos nesse sentido.

«Mas o povo, todavia» — acrescenta-se na carta daquele presidente de Junta — «acredita, espera e confia que milagrosamente que seja esse apoio há-de um dia surgir de alguém, para vergonha daqueles a quem o assunto compete mas que dele se têm alheado.»

A carta ou ofício está datada de 18.2.77 e tem a assinatura de Ernesto Rodrigues Moreira Brito, já referido como presidente da Junta de Freguesia de Sobreira, Paredes, Porto, e foi dirigida à Secretaria de Estado da População e Emprego

MORRER EM REDONDO

Este pequeno texto permite-nos, pois, salientar duas coisas importantes: que não basta distribuir verbas pelas autarquias e dizer «governem-se» e que só com a mobilização das respectivas populações se poderá concretizar um verdadeiro plano de construção e recon-



Ainda há dias, na RTP, ao ouvirmos (e vemos) falar um representante do Fundo de Fomento da Habitação e Urbanismo, verificámos tristemente que os «remendos» com que nos apresentavam, não ocultam sequer os graves problemas de degradação e miséria. Para os solucionar — os da habitação e todos os outros — só um grande esforço colectivo, atrás de um plano eficaz e dinâmico

versão. Plano que, como se sabe, não existe. Um dia, numa reportagem que fizemos em Benfica do Ribatejo, dizia-nos um pequeno agricultor local, acerca deste assunto:

«As verbas enviadas para as autarquias, são mandadas «a grosso». Quer dizer: não há plano nenhum para essas verbas. E quase sempre são verbas que alcançam apenas um dos sectores das carências da terra, ou seja um ano manda-se uma verba para a construção de uns caminhos, noutro para se montarem uns quantos metros de tubos para água ou para saneamento, noutro ainda, para uns quantos quilómetros mais de electricidade. Não existe um plano conjunto para as necessidades básicas da terra. E mesmo sec-

torialmente, quando ao fim dos primeiros quatro ou cinco anos, se chega ao fim, por exemplo, da primeira rede de esgotos, o material que ali foi colocado há quatro ou cinco anos já está a precisar de revisão. Assim, não vamos a parte nenhuma. É uma borrada de todo o tamanho.

De facto, sempre faltou e continua a faltar uma política eficaz para as autarquias. O fascismo não a realizou em quarenta e oito anos — e ainda há para aí quem nos queira fazer acreditar que a direita resolve os problemas desta terra

—, a democracia não a podia ter concretizado em quatro anos. E deste modo continuaremos, como dizia o sacristão, como «Deus quer». Nus e na fossa, para lembrar o poeta.

Neste nosso «meter a foice em seara alheia», por obrigação, que é, a vida do jornalista, encontramos um exemplo que ilustra na perfeição tudo o que se pode afirmar em relação à obra do Estado Novo, de que Salazar foi o motor, mas não só. Referimo-nos à Freguesia do Montoito, no concelho de Redondo, Évora. Os números que apresentamos e que constam das fichas da Secretaria da População e Emprego, respeitantes ao inquérito de 77, deixam-nos com um nó na garganta. Observemos os percentagens das carências básicas da terra: abastecimento de água: 100 por cento; abastecimento de electricidade: 100 por cento; estradas e caminhos: 100 por cento; transportes públicos: 100 por cento; habitação: 100 por cento; serviços médicos: 100 por cento; serviços de enfermagem: 100 por cento; serviços de farmácia: 100 por cento; esgotos: 100 por cento; locais de recreio: 100 por cento. Quer dizer, o Redondo — porque segundo a nossa fonte, todo o concelho está neste estado — não tem nada. Nada de água canalizada, nada de habitação saudável, ao menos, nada de estradas, de serviços médicos, de esgotos, de transportes. Nada de nada. Calcule-se em que angustiosa situação vive o seu milhar e meio de habitantes. Vive? Ou não será isto um morrer todos os dias em Redondo?

Mas é esta uma verdade tão crua, como a da morte que nos espera. O Redondo atravessou os quarenta e oito anos salazarentos, em plena idade da pedra. E por aí continua, nesta

tremenda realidade de pesadelo.

ALGARVE: SOL... E QUE MAIS?

Já no concelho de Mertola, distrito de Beja, esta «desgraça» está ligeiramente mais atenuada, as carências básicas rondam os 97,2 por cento em média, com destaque para a habitação (100 por cento) e melhoria no que respeita a serviços médicos (62,5 por cento). De qualquer modo e como se vê, números tristíssimos.

No que respeita ao distrito de Faro, os males ali são bem menores, ainda que os números ainda reflectam carências de bradar aos céus. De resto, reconhece-se nesta melhoria acentuada o factor social que é o turismo. Só deste modo e no meio de tanta miséria, é possível encontrar algumas soluções como as da água e electricidade em Vila do Bispo (igualdade 0 em carências), mas com carências de 98,8 por cento em habitação na totalidade dos 15 concelhos e 72 freguesias do distrito, de 95,7 por cento em locais de recreio, de 72,7 por cento em serviços médicos, 66,6 por cento em electricidade e 79,9 por cento em abastecimento de água. Médias igualmente altas no que respeita a serviços de enfermagem e de farmácia, transportes públicos, etc. Apenas no que concerne a esgotos temos o problema das carências

mínimas nos centros urbanos como Silves, Portimão, Alcoutim, Albufeira, Loulé, Olhão e S. Brás, mas com carências de 88,5 por cento no resto do distrito.

Apesar do fenómeno turístico, arruamentos, estradas, caminhos, são um quebra-cabeças em Faro distrito, ou seja, no Algarve.

Nota-se a ausência chocante da falta de alimentação básica, no que diz respeito a carne e peixe, o que como os leitores devem estar recordados, evidenciámos nos apontamentos anteriores, quando falámos de outros distritos do Norte.

Ainda assim, os números apresentados pelo distrito de Faro e as suas altíssimas percentagens em carências da mais variada ordem, tiveram para nós o seu quê de surpresa, visto que desde há muitos anos se apregoa que o Algarve é a região do País onde menos se fazem sentir essas carências. Fica, porém, provado que não. Pondo de parte os centros urbanos ou aqueles locais onde a urbanização turística resolveu alguns dos problemas básicos, o restante continua a comparar-se com o que se passa nas outras regiões de Portugal. O sertão, o seu sentido mais pejorativo, é a parte mais real deste nosso pobre País. E nem os magníficos hotéis de férias, complexos turísticos de grande dimensão, «boîtes» e casinos, fotografias de calendário e sol a rodos, podem ocultar esta também triste verdade algarvia.

Faleceu Álvaro Valente repórter fotográfico de "O Primeiro de Janeiro"

PORTO, 23 — O repórter fotográfico Álvaro Valente, do quadro redactorial de «O Primeiro de Janeiro», faleceu no último sábado, com 65 anos de idade, na sua residência, à Rua da Alegria, 930-2º, Porto.

Álvaro Pacheco Valente, de seu nome completo, iniciou a carreira profissional como repórter fotográfico de «O Século», entrando para «O Primeiro de Janeiro» em 1961 depois de ter exercido a profissão, en-

tretanto no «Diário do Norte». Devido a doença cardíaca, de que veio a falecer, estava retirado da actividade desde há cerca de um ano. Fotografias suas foram escolhidas para exposições no

País e no estrangeiro. Era casado e pai de seis filhos. A família e ao nosso colega portuense «O Primeiro de Janeiro» apresentamos as nossas condolências.

Na NAZARE o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

MOBÍLIAS USADAS

Vendo salas de jantar e quartos modernos, século XVII, Queen Anne, D. Maria, roupeiros, estantes, jogos de mapas, sofás-cama, etc.

RUA LUÍS PINTO MOITINHO, 7 R.C. ESQ. (defronte igreja dos Anjos)



Isto não é um mero «slogan». Basta olhar o panorama que nos dá o presente inquérito, com os seus 100% (média geral) de carência habitacional, para chegarmos sem custo a concordar com este grito de protesto

Advertência de Brejnev contra bomba de neutrões

O presidente soviético, Leonid Brejnev (na foto) escreveu uma carta ao chanceler Helmut Schmidt, da RFA, e a outros dirigentes de países membros da NATO, advertindo-os contra a bomba de neutrões, que, a



ser introduzida na Aliança, prejudicará gravemente o desarmamento entre o Leste e o Ocidente. A notícia da carta foi dada pelo jornal direitista oeste-alemão «Die Welt», o qual diz ter já recebido confirmação oficial da sua informação. O mesmo jornal refere que a carta está escrita em «tom rude». A oposição conservadora oeste-alemã afirma que os sucessivos adiamentos da projectada visita de Brejnev a Bonn estão ligados à questão da bomba de neutrões. Mas um informador governamental de Bonn reafirmou que o último adiamento da viagem (prevista para 16 de Fevereiro) se deve a razões de saúde. Enquanto isto, uma conferência de jovens sobre o desarmamento que decorreu em Budapeste, na qual participaram 254 delegados de 29 países aprovou uma moção condenando a bomba de neutrões. Os jovens conservadores abstiveram-se. Por fim, entram hoje na fase final as conversações tripartidas (EUA, URSS e Grã-Bretanha) de Genebra sobre a proibição de ensaios atômicos.

ORÇAMENTO DOS EUA

Aumento dos gastos da Defesa e grande destaque para a NATO

O orçamento de defesa dos EUA, apresentado pelo presidente Carter para o ano de 1978, no âmbito do orçamento geral, eleva-se a 117,7 mil milhões de dólares e dá realce aos sectores ligados à NATO. Este orçamento regista um aumento de 9,4 por cento relativamente ao anterior, o que equivale a um aumento real de 3,4 por cento, pois a taxa de inflação cifra-se em 6 por cento. Em conformidade com as promessas eleitorais de Carter, é, no entanto, inferior em 8,4 mil milhões de dólares ao projectado pelo ex-presidente Ford, e não contém fundos para a construção de porta-aviões. Carter esclareceu, a propósito do destaque dado à NATO: «As nossas forças militares e as nossas alianças serão mantidas permanentemente tão potentes quanto for necessário para dissuadir um ataque.» Sa-

lientou que o orçamento de defesa reflecte os compromissos assumidos ante a NATO. Prevê-se o início da construção do novo tanque XM-1 e do sistema de defesa anti-aérea «Patriot». A Força Aérea (designada para combater ao lado dos outros países da NATO) será reforçada com novos caças «F-15» e «F-16» e com o avião de combate «A-10». A Armada recebe fundos para a construção de 14 navios. No tocante às forças estratégicas está previsto o prosseguimento do míssil intercontinental «MX» e do míssil de cruzeiro, além da construção de um oitavo submarino «Trident».

O orçamento global é o mais avultado da história do país, totalizando mais de 500 mil milhões de dólares para o ano fiscal de 1979, o que representa um aumento de 8 por cento em relação ao ano passado, ou seja, um aumento real de 2 por cento (descontando os 6 por cento da taxa de inflação). As receitas esperadas totalizam cerca de 440 mil milhões de

dólares, e o défice orçamental previsto cifra-se em cerca de 61 mil milhões de dólares.

O orçamento apoia-se em previsões económicas moderadamente optimistas: taxa de expansão real de 4,7 por cento em 1978 e de 4,8 por cento em 79, redução da inflação e abaixamento progressivo do desemprego (de 6,6 por cento do último trimestre de 77 para 6,2 por cento no final de 78). No plano social, os principais aumentos estão previstos para o auxílio médico aos pobres e aos idosos, para os programas de auxílio aos municípios e para a formação profissional no quadro da luta contra o desemprego.

As outras rubricas apresentam relativamente poucas modificações. É o caso designadamente do auxílio ao estrangeiro, que passa de 5,19 mil milhões de dólares para 5,25 mil milhões. Este número resul-

ta, porém, de uma diminuição do auxílio denominado de segurança, enquanto os créditos para o desenvolvimento aumentarão substancialmente. A ONU, a Agência de Desenvolvimento Internacional e o Programa de Alimentos para a Paz são organizações que recebem auxílio dos EUA, em 79.

Enquanto isto, chegou ontem aos EUA uma delegação de dez membros do Soviete Supremo da URSS, chefiada por Boris Ponomarev. A delegação estará nos EUA durante 11 dias, visitando Houston, Los Angeles, Detroit e Nova Iorque.

Por sua vez, o vice-presidente dos EUA, Walter Mondale, regressou de uma visita de três dias ao México, onde discutiu com o presidente Portillo questões relacionadas com os trabalhadores mexicanos emigrados nos EUA e com os preços do gás natural do México.

SEGUNDO CYRUS VANCE

Negociações israelo-egípcias recomeçarão dentro de dias

O secretário norte-americano do Estado, Cyrus Vance, apresenta hoje um relatório ao presidente Carter sobre a sua visita de uma semana ao Médio Oriente. Apesar da ruptura aparente entre egípcios e israelitas, Vance declarou aos jornalistas a bordo do avião que o leva de regresso ao seu país que, dentro de oito a dez dias, os «desavindos» poderão retomar as suas negociações. Vance declarou também, ao que parece, estar disposto a voltar ao Médio Oriente, se tal fosse necessário para acelerar a paz.

Depois do adiamento das negociações, Sadat do Egipto proferiu ontem um discurso, que, embora duro, deixava abertas as portas para o recomeço das polémicas negociações, enquanto lançava uma espécie de desafio aos EUA, convidando-os a fornecer

rem ao seu país as armas do mesmo tipo que vendem a Israel. Segundo o «The New York Times», a Administração Carter está disposta a aceitar o repto e a vender durante o ano fiscal de 78 um número ainda não determinado de caças F-5, negócio que, naturalmente, terá de ser ratificado pelo Congresso.

No Cairo, o presidente Sadat reúne-se hoje com os seus principais colaboradores para estudar um relatório sobre as negociações interrompidas e para debater a necessária acção diplomática tendente a reencetá-las. As negociações foram interrompidas quando Sadat retirou na quarta-feira passada a sua delegação às conversações políticas que decorriam em Jerusalém. Como represália, os israelitas decidiram ontem adiar o regresso da sua delegação militar ao Cairo (capital onde têm estado a de-

correr as conversações da Comissão militar). Segundo o diário caireno «Al Akhbar», emissários egípcios irão proximamente aos EUA, e a vários países europeus, árabes e africanos para exporem a posição do Cairo em relação às negociações com Israel.

Observadores no Cairo apontam a campanha desenvolvida pela imprensa egípcia no sentido de fazer convencer que os israelitas não querem a paz e que é a eles que compete agora dar o próximo passo. Aliás, a missão diplomática sob o lema: «Israel quer a paz, não a paz».

Por fim, hoje o primeiro-ministro sionista, Menahem Begin, vai informar o parlamento israelita sobre as ideias do seu Governo para recomeçar as negociações.

Nujoma em Luanda

O presidente da SWAPO (Organização dos Povos do Sudoeste Africano), Sam Nujoma, encontra-se em Luanda, após regresso de Berlim, capital da República Democrática Alemã.

«A situação na Namíbia é muito crítica, pois os racistas e colonialistas sul-africanos continuam a fazer tudo no sentido de manter o seu sistema de opressão e exploração», afirmou o dirigente namibiano aos órgãos de informação.

Conforme as suas próprias declarações, a sua visita a Luanda destina-se a informar o presidente do MPLA — Partido do Trabalho e da República Popular de Angola, Agostinho Neto, sobre o desenvolvimento do problema namibiano, tanto no aspecto da evolução internacional, como no aspecto da evolução interna. Após ter sublinhado que a ajuda de guerrilha ia ser intensificada, Sam Nujoma indicou que as conversações que acaba de ter com vários dirigentes socialistas, nomeadamente da União Soviética, RDA, Polónia e Checoslováquia, «foram muito proveitosas».

Novo tipo de nave espacial lançada pela URSS

A União Soviética efectuou ontem a acoplagem entre o primeiro de uma nova série de expressos cargueiros não tripulados e uma estação orbital, com dois cosmonautas a bordo, que parecem encaminhar-se para um novo recorde de permanência no Espaço.

O cargueiro, Progresso-1, lançado na sexta-feira transportou combustível, equipamento científico e abastecimento para os cosmonautas, que observaram a operação de acoplagem com a estação Salyut-6, efectuada por meio de controlos automáticos, pouco depois das 10 horas TMG de ontem — anunciou a agência Tass.

O «Progresso», guiado por estações terrestres por oficialmente designado por imão dos veículos tripulados Soyuz utilizados na exploração espacial soviética. O Soyuz-27, a bordo do qual os dois cosmonautas deverão a seu tempo regressar à Terra, está atracado na outra extremidade do Salyut-6.

A Tass afirma que o tenente-coronel Yuri Romanek, e o mecânico de voo Georgy Grechko nada mais tiveram que fazer, senão observar e vigiar o progresso à sua aproximação e acoplagem. Contudo, estavam preparados para mover a estação se alguma coisa de anormal acontecesse.

A existência do novo veículo espacial foi mantido em segredo até ao seu lançamento.

De acordo com o Pravda, órgão do PCUS, a nova sonda é tão essencial para o futuro da exploração do Espaço como a Soyuz.

A Tass revela, contudo, que não se destina a regressar à Terra.

“Pena de Ouro da Liberdade” para Qoboza e Woods

O Comité Executivo da Federação Internacional de Directores de Jornais decidiu conceder a «Pena de Ouro da Liberdade» de 1978 conjuntamente a Percy Qoboza e Donald Woods, cuja luta pela liberdade de expressão na África do Sul lhes foi «brutalmente cerceada» em Outubro passado.

Alf Schioetz Christensen, vice-presidente dinamarquês da Federação, disse em Copenhaga que Qoboza, director negro do jornal de Joanesburgo «The World», actualmente preso, e Woods, director branco do «Daily Dispatch», de East London, que conseguiu fugir do país e se encontra actualmente na Grã-Bretanha, foram escolhidos como símbolos da luta geral pela liberdade de imprensa na África do Sul.

A «Pena de Ouro» será entregue a Woods na reunião anual da Federação, em Haia, em Maio próximo. Christensen disse que nada se sabe de Qoboza, desde que ele foi preso em Outubro passado.

Num comunicado, o Comité Executivo afirma que pretende «prestar homenagem à coragem notável demonstrada por estes dois jornalistas na sua longa luta pela liberdade de expressão no seu país».

O documento refere ainda que a actividade oposicionista dos dois jornalistas foi «brutalmente cerceada em 19 de Outubro de 1977, quando o governo sul-africano decidiu encerrar os seus jornais e decretar a prisão domiciliar para Woods e a prisão sem culpa formada para Qoboza».

Negociações do GATT recomeçam hoje

Principais países comerciais não comunistas reúnem-se hoje em Genebra para negociações que visam o estabelecimento das regras que governarão as suas transacções comerciais durante a próxima década.

Ministros do Japão e do Mercado Comum e o principal negociador comercial dos Estados Unidos usarão da palavra durante uma reunião de duas horas que assinalará o começo das árduas negociações entre os 98 estados que participam na conferência, a qual se realiza sob os auspícios do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT) com sede em Genebra.

O objectivo é a conclusão

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

NOVO DISCO

do GRUPO de ACÇÃO CULTURAL

“VOZES na LUTA”

à venda nas boas discotecas

...RONDA de ALEGRIA!!



Edição: Vozes na Luta-coop. de acção cultural

Distribuição: SASSETTI

Hoje



Eunice Muñoz e Rui de Carvalho intérpretes da «Dama das Camélias»

PROGRAMA

- 18.05 Abertura e Telejornal ... 1.ª edição.
 18.10 As Viagens de Gulliver ... O Furacão (8.º episódio).
 18.35 Abre-te Sésamo.
 19.10 Cientificamente ... Uma apreciação estrangeira sobre o ensino em Portugal. Correcta?
 20.00 Telejornal ... 2.ª edição.
 20.20 O Casarão ... Novela de Lauro César Moniz. Produção da Central Globo de Televisão.
 20.50 Boletim Meteorológico.
 21.00 Actualidade política ... Com o prof. Sousa Franco (PSD). Entrevistador: Joaquim Letria.
 21.25 Noite de Teatro ... «Arquivo» ... A Dama das Camélias de Alexandre Dumas, Filho. Tradução de Nascimento Correia. Adaptação para TV de Nuno Fradique. Intérpretes: Eunice Muñoz, Rui de Carvalho, Maria Alberta, Luis Filipe, Volia Muñoz, Luis Cerqueira, Raquel Valdez, Ruy Furtado, Morais e Castro, Benjamim Falcão, Armando Caldas e António Sacramento. Produtor: Figueiredo de Barros. Realizador: Nuno Fradique. Ano de Produção: 1962.
 23.10 Telejornal ... 3.ª edição.
 23.20 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

- ANO PROPEDEÚTICO
 19.00 Língua Portuguesa
 19.25 História
 19.50 Ciências Naturais
 20.15 Desenho
 20.40 Francês (I)
 21.05 Inglês (II) ... Disciplina Nuclear
 21.30 Latim
 22.00 Telejornal
 22.20 Gabriela (repetição do episódio n.º 114)
 23.00 Fecho.

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA.

DESTAQUES

I PROGRAMA
A Dama das Camélias (21.25)

II PROGRAMA
Gabriela (22.20)

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período: 09.15 Ano Propedéutico; 2.º Período: Ciclo Preparatório TV; 3.º Período: 18.05 Abertura e Telejornal ... 1.ª edição; 18.10 As Viagens de Gulliver (9.º episódio); 18.30 Jardins Zoológicos de todo o Mundo (S. Paulo); 19.10 O Retrato do pintor quando jovem; 19.40 Telejornal regional; 20.00 Telejornal ... 2.ª edição; 20.20 O Casarão; 21.00 Boletim Meteorológico; 21.05 Baretta ... Série policial; 22.00 Três dias em Szczecin; 00.00 Telejornal ... 3.ª edição; 00.10 Fecho.

II PROGRAMA

19.00 Ano Propedéutico; 22.00 Telejornal; 22.25 Gabriela (Repetição); 23.00 Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
 COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
 DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
 Telef. 88 27 86 - 89 98 26
 Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 9

Canal da Crítica

QUANTO MEDE UMA SEMENTE?

Aquilo não foi mais do que um simples apontamento. Um quase nada. Tão nada, ou tão quase, que nem me deu tempo a ouvir o nome, se é que chegaram a dizê-lo.

Estava a reportagem incluída no «Grande Encontro» e referia-se a uma iniciativa dos Bombeiros Voluntários do Estoril a construção de uma piscina para ensinar os meninos a nadar. O entrevistado tem pudor em chamar piscina, e com razão, aqueles 12 por 6. Chama-lhe, com um misto de modéstia, de carinho e de orgulho, «o nosso tanque», ou, com um toque de ironia e de ternura, a «nossa banheira».

Naquela banheira aprendem a nadar em felicidade quase 300 crianças. Se pagam? Pagam, as que podem, 250 escudos por mês. O entrevistado completa, como se se desculpassem, com a tristeza estampada no rosto endurecido na vida do fogo e no fogo da vida: «So-

mos obrigados a isso, para que a banheira possa sobreviver...»

O tanque. A banheira. São 12 por 6 metros de água, de carinho, de sacrifício. São 12 por 6 metros de água,

O tanque. A banheira. São 12 por 6 metros de água, de carinho, de sacrifício, de espírito de Abril. Ajudas exteriores, não tivemos nenhuma. Mas lá nos arranjamos. Não é nossa missão, mas nós gostamos...

Pois. A missão dos bombeiros é pagar fogos, acudir aos aflitos, aos sinistrados. Mas às vezes a vida também queima, e mais do que os incêndios. Lançar escadas à vida, arrancar as crianças ao fogo e dar-lhes a felicidade de dois palmos de água, também é dever dos bombeiros. De nós todos. Quando gostamos Assim também o compreendeu Mário Zambujal, visivelmente comovido.

Um dia, na Pátria socialista,

tudo o que houver de bom será para as crianças. Nos Bombeiros do Estoril esse dia começa a nascer. As sementes podem medir 12 por 6. Os bombeiros podem ser remedeadores.

Telegrama ao Senhor Presidente da República e ao senhor Presidente da Assembleia da República

Eu, Mário Castrim, jornalista de profissão e crítico de TV por maldição, dirijo-me a V.Ex.ªs usando de um direito que garantido aos cidadãos pela Constituição Portuguesa, através do seu Artigo 49.º.

Trata-se do seguinte:

A RTP prepara-se para sofrer amanhã mais um golpe baixo baixíssimo! de guerra-fria contra a República Popular da Polónia. Estamos perante uma clara e grosseira violação dos princípios proclamados em Helsínquia ao cumprimento dos quais Portugal se encontra obrigado. Estamos igualmente perante o desrespeito da Constituição Portuguesa que, no seu Artigo 7.º, obriga o nosso país a não inge-

MÁRIO CASTRIM

rência nos assuntos internos dos outros Estados. Como Empresa Pública que é, a RTP liga inevitavelmente as suas provocações ao nome do nosso país.

Para além de ser a montagem dramatizada, teatralizada de um acontecimento, com tudo quanto isso implica de subjectivismo e de visão intencionalmente falseada, acontece que estará presente, como herói (!) um traidor ao povo polaco, marioneta nas mãos dos inimigos do socialismo — esse socialismo para o qual aponta a Constituição portuguesa. Acontece ainda que na montagem se encontra atingida a figura de Gierek, dirigente da República Popular da Polónia, respeitado em todo o mundo, grande Amigo de Portugal.

O nosso povo não pode ver-se envolvido, como inconsciente pião, nas tricas, a alto nível nas intrigas «montadas» contra os países amantes da paz e da convivência entre os povos.

Para a gravidade deste facto chamo a responsável atenção dos meus compatriotas Presidente da República Portuguesa e Presidente da Assembleia da República

Mário Castrim

(Assinatura reconhecida por 30.240 horas diante do televisor, consecutivamente, e sem horas para jantar nem para dormir, ao serviço do meu país).

Os problemas acumulam-se em Coimbra semelhante às onduas nas lixeiras. Daí que esta nova série, estreada ontem, tenha um forte sabor a evasão. Não que a propósito de fado não se possa tratar do fado da população de Coimbra mais dos estudantes que para lá emigram, e alimentamos a esperança de que, através de «Coimbra Musical», isso possa ainda vir a acontecer. Só que estes programas de fados possuem conotações pouco simpáticas e a organização deles, nesta altura, faz avolumar suspeitas que podem até, repito, ser injustas.

Porém a série não fez mais do que principiar. Teremos muitas ocasiões para voltar ao assunto.

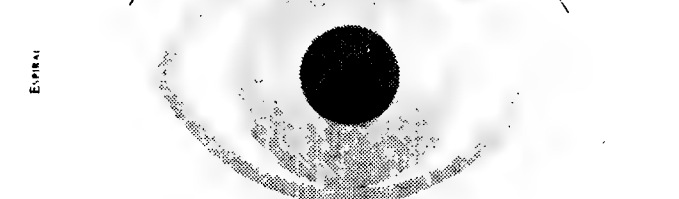
Outra série — Homem rico, Homem pobre — para além de uma qualidade televisiva a que as produções americanas já nos habituaram, fornece-nos excelentes pistas para o conhecimento dos bastidores da sociedade americana. Evidentemente, é preferível conhecer a sociedade portuguesa e todo o esforço da Televisão deveria orientar-se neste sentido. Por muito boas que sejam as produções estrangeiras, nada se deve sobrepor à prioridade da produção nacional.

Claro que se deve arredar toda a desconfiança de chauvinismo. Na impossibilidade de alimentar a imensa fome da nossa televisão apenas com a nossa mão-de-obra, ao menos que se escolha o melhor. Não há qualquer semelhança entre este Homem rico, homem pobre e a quantidade de bodegas ianques que novamente desabam sobre nós. Há que estar atento a esta série se queremos aprender mais alguma coisa sobre essa grandíssima... democracia americana.

Andando para trás vamos encontrar a nova expressão do Ligeiríssimo. Nova quiséramos nós que fosse. Infelizmente, nem sempre os deuses escutam os nossos desejos.

Não. A rubrica apresentada e da responsabilidade de Orlando Dias Aquido não devia

SEMANA DO CINEMA SOVIÉTICO



de 20 a 26 de Janeiro de 1978

- dia 20 — O amanhecer tranquilo
Realizador: STANISLAV ROSTOTSKY
- dia 21 — Dersu Uzala
Realizador: AKIRA KURASAWA
- dia 22 — Ivan, o Terrível
Realizador: V. DERBENEV
- dia 23 — O último assalto
Realizador: IURI BONDAREV
- dia 24 — A noite sobre o Chile
Realizadores: SEBASTIAN ALARCON e ALEXANDRE KOSSAREV
- dia 25 — Ascensão
Realizadora: LARISSA CHEPITKO
- dia 26 — O sol branco do deserto
Realizador: VLADIMIR MOTYL

Bilhetes à venda

Organizada pela V/O «Sovexportfilm»

cinema **BERNA**

comuna
teatro de pesquisa
apresenta diariamente às 21.30

A MÃE

DE BRECHT

domingo só matinée às 18 h

2.ªs-feiras — descanso

praça de espanha

metro: palhavã

telef. 762624

subsídio da s.e.c.

Ora vê lá tw!...

uma revista no **CASARÃO** do

ADOCUE

NACIONAIS DE FUTEBOL

Benfica e Porto não abrandam

Poucos golos (16), nenhuma surpresa e, tanto na base como no topo, o campeonato por igual. Salvaguardando o passo em falso do Braga (no Estoril) a vanguarda prossegue, impávida e serena, no nacional maior do chuto local.

O «placard» em termos numéricos: Marítimo, 0-Setúbal, 0; Estoril, 1-Braga, 0; Feirense, 0-Benfica, 1; Riopele, 0-Portimonense, 0; Sporting, 3-Espinho, 1; Belenenses, 1-Boavista, 0; Guimarães, 2-Varzim, 1 e Porto, 4-Académico, 2. A tabela pontual ficou assim ordenada: Benfica, 24; Porto, 22; Sporting e Belenenses, 19; Braga e Guimarães, 18; Boavista e Setúbal, 14; Espinho, 13; Varzim, Académico, Riopele e Estoril, 10; Feirense e Marítimo, 8; Portimonense, 7.

Algumas curiosidades: houve desfechos em estreia na Madeira como em Pousada de Sarmagos, resultados inéditos (em Vila da Feira, Alvalade, Guimarães e Restelo) e cópias a papel químico (êxito do Estoril face ao Braga idêntico ao registado na temporada 75/76; sucesso portista igual ao verificado nas épocas 46/47 e 67/68).

No próximo fim-de-semana, teremos: Setúbal-Estoril, Braga-Porto, Académico-Feirense, Portimonense-Sporting, Espinho-Belenenses, Boavista-Guimarães, Varzim-Marítimo e Benfica-Riopele.

Jordão continua leade.»

dos goleadores. Mas, em termos de cotação europeia (para a «Bota de Ouro») muito distante de qualquer posto dianteiro.

II DIVISÃO

ZONA NORTE

P. Brand-Vian, 5-2; Penafafé, 1-0; P. Ferreira-R. Ave, 1-0; Lourosa-Régua, 4-1; Leixões-Famalicão, 0-1; V. Real-Sanjoanense, 1-1; Chaves-Alfaiados, 1-0; G. Vicente-U. Lamas, 2-1. 15.ª jornada (dia 29): Vianense-Penafiel, Fafe-Paços Ferreira, Rio Ave-Lourosa, Régua-Leixões, Famalicão-Vila Real, Sanjoanense-Chaves, Alfaiados-Gil Vicente e U. Lamas-Paços Brandão.

	V	E	D	G	P
Famalicão...	9	4	1	27	8
Alfaiados...	9	1	4	17	12
Fafe...	6	5	3	19	11
Rio Ave...	5	6	3	11	11
P. Ferreira-R. Ave...	6	3	5	14	20
P. Brandão...	6	3	5	19	17
Chaves...	4	6	4	15	12
Penafiel...	4	6	4	19	22
Gil Vicente...	4	5	5	18	13
Vianense...	4	5	5	13	21
Régua...	5	2	7	21	24
Leixões (a)...	4	3	6	16	15
Vila Real...	3	5	6	13	14
Lourosa (a)...	3	4	6	20	21
Sanjoanense...	3	4	7	8	13
U. Lamas...	2	6	6	14	20

(a) Tem um jogo a menos

ZONA CENTRO

Cartaxo-U. Santarém, 1-3; U. Tomar-Peniche, 1-0; Mangualde-Covilhã, 1-0; Portalegre-B. Mar, 1-1; Marrazes-U. Leiria, 2-2; Águeda-E. Portalegre, 1-0; U. Coimbra-A. Viseu, 1-1 e Marinhense-Sintrense, 1-0. 15.ª jornada (dia 29): U. Santarém-U. Tomar, Peniche-Mangualde, Covilhã-Portalegre, Beira-Mar-Marrazes, U. Leiria-Águeda, Estrela Portalegre-U. Coimbra, Académico Viseu-Marinhense e Sintrense-Cartaxo.

	V	E	D	G	P
Beira-Mar...	10	2	2	27	8
Portalegre...	7	7	1	21	11
Ac. Viseu (a)...	7	4	2	20	10
U. Tomar...	6	4	3	13	6
Marinhense...	6	4	4	18	13
U. Coimbra...	5	6	3	14	13
U. Leiria (a)...	4	5	4	15	17
Sp. Covilhã...	5	3	6	14	16
Peniche...	4	5	5	18	20
E. Portalegre...	5	2	7	17	17
Mangualde...	3	6	5	10	16
Cartaxo...	5	2	7	13	22
U. Santarém...	3	5	6	11	16

Agueda..... 2 6 6 9-13 10
Marrazes..... 2 4 8 11-25 8
Sintrense..... 2 3 9 13-22 7
(a) Tem um jogo a menos

ZONA SUL

Montijo-Nacional, 3-2; Lusitano-C. Piedade, 1-1; Luso-Atlético, 0-1; CUF-Odivelas, 4-0; Farense-Olhansen, 2-0; Sesimbra-V. Gama, 2-0; Amora-Barreirense, 0-2 e Almada-Juventude, 1-1. 15.ª jornada (dia 29): Nacional-Lusitano de Évora, Cova da Piedade-Luso do Barreiro, Atlético-CUF, Odivelas-Farense, Olhansen-Sesimbra, Vasco da Gama-Amora, Barreirense-Almada e Juventude de Évora-Montijo.

	V	E	D	G	P
Barreirense...	10	3	1	29	9
Juventude...	7	4	3	32	16
CUF...	7	4	3	21	14
Atlético...	7	3	4	22	17
Amora...	5	6	3	20	17
Farense...	5	5	4	20	14
Olhansen...	7	1	6	17	14
Montijo...	5	5	4	22	20
Almada...	5	5	4	16	23
C. Piedade...	3	6	5	12	20
Odivelas...	4	4	6	12	22
Lusitano...	2	7	5	16	17
V. Gama...	5	1	8	17	25
Sesimbra...	2	6	6	10	16
Luso...	2	4	8	5	20
Nacional...	2	4	8	16	23

III DIVISÃO

Série A: Valdevez-Monção, 1-1; Rib. Pena-Vizela, 1-1; D. Aves-Cabeceirense, 1-0; Mirandela-Mondinense, 1-0; Bragança-Joane, 2-0; Prado-M. Cavaleiros, 6-1; M. Fonte-Tirsense, 1-3; Tadm-Limianos, 1-0. Guia: Desportivo das Aves, 24 pontos.

Série B: Arrifanense-Cucujães, 1-0; Bustelo-Amarante, 2-0; Vilanovense-Sampedrense, 1-0; Infesta-Valecambrense, 4-0; Freamunde-Paredes, 1-1; Lamego-Salgueiros, 0-1; Leveirense-Avintes, 1-1; Perosinho-Oliveirense, 2-5. Guia: Salgueiros, 23 pontos.

Série C: Capinhense-Febres, 0-1; Tondela-Ança, 1-4; Viseu Benfica-Tocha, 1-1; Gouveia-O. Bairro, 1-2; Guarda-Gonçalense, 2-1; Anadia-Alba, 1-1; Covilhã Benfica-Naval, 2-2 e Marialvas-Modelos, 1-0. Guia: Alba, 21 pontos.

Série D: Marema-Lousanense, 4-0; Alcanena-Elétrico, 1-0; Bombarral-Batalha, 0-2; Benf. C. Branco-Torriense, 0-1; Alcobaca-Nazarenos, 0-1; Almeirim-D.C. Branco, 0-1; Condastável-Amiense, 2-0 e Caldas-Torres Novas, 3-1. Guia: Caldas, 26 pontos.

Série E: Oriental-Vitória Lisboa, 0-0; P. Pinheiro-Borbense, 2-1; S. L. Oliais-Sacavenense, 0-0; Elvenses-Campomaior, 1-1; Loures-Bucelenses, 2-1; Casa Pia-Elvas, 0-1; Alverca-Despo. Olivais, 3-2 e Benavente-Sousense, 1-0. Guia: Sacavenense e Elvas, 22 pontos.

Série F: D. Beja-Aljustrel, 2-0; Serpa-Rosarense, 2-1; U. Sant. Cacém-Seixal, 0-0; Silves-U. Montemor, 2-2; Marit. Olhan-Quarteira, 0-2; Esperança-C. Caparica, 4-0; Paio Pires-Reguengos, 3-0 e Sarrilhense-Alcochetense, 1-1. Guia: Desportivo de Beja, 20 pontos.

VARZIM PROTESTA

Após o jogo com o Vitória de Guimarães o Varzim apresentou declaração de protesto. Assinala-se que, no termo do desquite, o árbitro Nemésio de Castro mostrou o «cartão vermelho» ao delegado varzimista e apreendeu o cartão identificativo do futebolista João

IMPROCEDÊNCIA DE RECURSO

O protesto do Belenenses, referente ao jogo efectuado para a Taça com o Benfica (5-0, favorável aos «encarnados», como marca final) foi julgado improcedente pelo Conselho Técnico da Federação



Moinhos cortado por Alinho e Luís Horta.

BELENENSES, 1-BOAVISTA, 0

Restelo é uma ratoeira

Comentário por NEVES DE SOUSA

Cartaz e emblema (mais que perfeito) da austeridade que se apregoa ser obrigação a cumprir por este país, nos tempos que (mal) correm, o Belenenses bem pode fazer força por uma pastazita estatal, até porque mora perto de onde se tomam as decisões maiores: em 14 jogos, 12 miserol golos chegaram (e vão sobrando) para a recolha de 19 pontos, que o mesmo é dizer para um «ex aquo», no 3.º posto com o superpotencial do Sporting onde, apenas um «playe», custou o dobro de todo o «team» azul no prato da balança.

A segunda defesa do campeonato, também tem ajudado: só não pode é ver pelas barbas a moçada do Benfica, porque para a demais (tirando a grande escorregadela em Alvalade) está ali para as curvas. Que o diga, por exemplo, o apurado Boavista (de Fernando Caiado) que, tendo embora lances muito dobrados, a meio do terreno, por igual poderia ter conseguido tocar o véu da cortina fronteiria, não fora dar-se o caso de, com o símbolo «azul», estarem no relvado Carlos Pereira e Luís Horta, cada qual com sua verdade e sua quota de razão. Especialmente o ex-sportinguista (trocado, para as bandas antigas por custosas aventuras experimentais...) que, assegurando ampla cobertura à eficiência do antigo alcantarense às redes do correctíssimo Rui Paulino, meteu no bolso, quantos Moinhos ou Salvadores lhe surgiram pela proa.

António Medeiros tem feito de dois-três ovos, saborosas omeletas: e, como vai embolsando pontos para o boral, tudo vai de vento em popa. Especialmente porque o recém-técnico dos «azuis» trouxe do Estoril (talvez pela força do seu prestígio junto dos rapazes) o quarteto mais influente da esquadra da Costa do Sol.

Com eles (Rui Paulino, Carlos Pereira, Eurico e Clésio) armou este novo Belenenses, que é na verdade, osso duro de roer sempre que participa, no Restelo, de função de «urno no nacional. Ontem, perante um Boavista onde só não se vislumbravam os números nas camisolas mas se descobria o esqueleto de uma formação que sabe o que procura e para onde caminha, rubricou novo triunfo, e, o que é mais saboroso, um sucesso face ao último derrubante de um «gigante» que dá pelo nome de Sporting.

CLÉSIO: O MAIOR

Eléctico que, como se disse, Carlos Pereira (léguas abaixo acolitado por Luís Horta e Rui Paulino) cortou o percurso para a meta aos boavisteiros. Mas, o responsável maior pelo desaire dos northenos chamou-se Clésio, esse subtil manobrador da bola corrida, que é inegável, e justamente, dos futebolistas de mais apurada técnica que militam em clubes portugueses. O seu endosse para o jovem Amaral, calibrado, com a preciosidade que só um predestinado pode cancelar, define o artista e justifica o mestre. Clésio foi, sem sombra o dominador do «show», no Restelo, muito embora Artur (do outro lado da barricada) ou Raul Nazaré, como fiel da

balança, na mesma mercessem um aplauso todo especial, todo feito de respeito e apreço pela tarefa bem desempenhada. Mas, como a vedeta do espectáculo é quem mais persiste na retina do espectador, daí saudamos Clésio como o n.º 1 da festa solarenta vivida à beira Tejo.

Uma primeira parte de mútuo estudo, com recelo dividido pelos dois pavilhões. Muitas cautelas defensivas, poucas aventuras até à muralha oposta capricho no povoamento de terreno central, em detrimento, em abdicção da conquista de fronteiras mais atraentes. Depois, paulatinamente, o Belenenses (ainda sem contar com Eurico, quanto tempo mais desprovido de Artur Jorge) a mostrar aos axadrezados de tranqüilo campeonato que a falta de Mário João não era a base maior para justificar um tipo de pressão que, constante e mortífero, ia descaçando a árvore, da sua posseção de cortiça. Quando o golo surgiu (sublime, por obra de Clésio, o preparador) a verdade estava encontrada, pese (embora) o «forcing» quadrado na segunda metade, quando o Belenenses litubeava entre despachar para o banho um Hertz que nem passava nem cortava, ou um Vasques que, recolhido junto à lateral direita mal dava um passo logo recuava para cumprir (certamente) directriz superior que o acorrentava à rectaguarda como rédea a corcel travado na corrida.

TÁCTICAS CURIOSAS

Muito mexido, o ataque do Boavista entrou de rompanete, com trocas posicionais entre

Moinhos e Salvador com deambulações de Albertino e entradas de Francisco Mário que mostravam, quando no auge como é atento e caprichoso de virtude o olho perspicaz de Carlos Pereira, dono dos foguetes e das cantigas Hertz, na sua pior intervenção por estas bandas, dava a nota de faliência azul a meio-campo, fardamente colmatada pela chamada de Isidro, para o posto de Norton de Matos, convalcente de lesão difícil e causticante.

O golo desagregou o emproprio-Boavista e mais avivou, no Belenenses, a convicção de que um só tento nas malhas contrárias, val sendo maná suficiente para o manjar. Artur, a entrar no ataque xadrez, era vinco de inconfiabilidade; mas, não chegava para as encomendas, uma vez que ora ilagante a intranquilidade de Matos. E, Amândio, assoberbado com trabalho, para o sério, tinha de defender a falta de Mário João e os erros de outros parceiros somente presentes em corpo.

No período complementar, o panorama não se alteraria: um golo amealhado a toda a defender (pensou e disse o Belenenses), a derrota a esboçar-se e tudo a tentar (lançou o Boavista). Só que, de boas vontades está o Inferno cheio: e, nem os complicados jonglismo de Moinhos resultaram, nem as renúncias de Salvador à luta directa deram qualquer fruto. O Belenenses, poupando esforços e suor, averbaria os equacionados dois pontos, com uma facilidade superior à que alguns sonhos idealizariam. A entrada de Artur Pereira, imediatamente muito influente nos esquemas de Calado, pecou por tardia, mas, em contrapartida, a chamada de Drissa, apenas se entende em termos de motivação ao mali para aprender a soltar a bola quando tem fronteira nas babas e não pode recrear-se, como no futebol de salão, com os toquezinhos que nada influam para melhor, no plano

Continua na pag. 16

TOTOBOLA A chave

Marítimo-Setúbal	1
Estoril-Braga	2
Feirense-Benfica	3
Riopele-Portimonense	4
Sporting-Espinho	5
Belenenses-Boavista	6
Guimarães-Varzim	7
Penafiel-Fafe	8
Chaves-A. de Lordelo	9
Portalegre-B. Mar	10
U. Coimbra-A. Viseu	11
Farense-Olhansen	12
Amora-Barreirense	13

PRÉMIO

Black & Decker

O HOMEM DO DIA NO JOGO DO DIA

Artur (Sporting)

Desta vez não houve aqui a que possa chamar-se «o jogo do dia», nem nos encontros da 1.ª divisão se verificou uma excepcional exibição do que seria o nosso «homem do dia».

Razões por que, desta vez decidimos premiar um dos exemplos maiores de profissionalismo que militam nos clubes portugueses.

Artur, o lateral direito ao serviço do Sporting, «seu ex-riual de sempre», representa bem a honestidade e brio profissionais dos atletas de eleição. Dai que consideramos inteiramente justa esta homenagem, que vai direitinha também aos outros briosos profissionais do nosso futebol que, domingo a domingo, dão brilho ao espectáculo que é seu campo de trabalho.



Primorosa arbitragem do setubalense Raul Nazaré, apoiado por António Jorge e José Martins. Belenenses: Rui Paulino; Sambinha, Luís Horta, Alinho e Carlos Pereira; Vasques, Esmoniz e Hertz (Drissa; Amaral; Clésio e Norton de Matos (Isidro). Boavista: Matos; Trindade, Amândio, Carolino e Artur; Barbosa, Nogueira (Vitor Pereira), Albertino e Francisco Mário; Moinhos e Salvador. U fulgurante toque de Clésio para Amaral proporcionou, ao Belenenses, o único golo da partida (32 minutos de jogo).

SPORTING, 3-ESPINHO, 1

Keita a sujar a camisola

Melhorias evidentes em relação a prestações anteriores foram notadas, sábado, na equipa profissional do Sporting que, com uma razoável exibição em grande parte do encontro, derrotou o Espinho por 3-1. Golos: Jordão, Keita e Manoel, pelos «leões», e Moia pelos nortenhos. Ao intervalo já havia 2-0.

«O Keita, hoje, está farto de sujar a camisola», dizia um adepto à minha beira. Este comentário reflecte o que se passava no rectângulo, e explica também, algumas das razões por que o Sporting jogou desta vez mais rápido, com maior aplicação e com um sentido de conjunto que não lhe tem sido peculiar.

Para já, ficaram de fora, ou no banco, alguns titulares da campanha anterior, nomeadamente todos os jogadores bra-

Daniel Reis

sileiros excepção de Manoel, que está a sair de uma inactividade por lesão. Foi ostensiva, por exemplo, a exclusão de Da Costa, que compromete o trabalho defensivo da sua equipa no Estádio do Bessa, o mesmo acontecendo a Allton, em má condição física.

Depois, toda a equipa jogou mais rápido e com aplicação redobrada. No caso de Keita e Fraguito por exemplo, a justificar o comentário do adepto leonino acima reproduzido. Por último a disposição táctica do Sporting e os processos utilizados para ultrapassar a defesa do Sporting de Espinho não se assemelharam (para melhor) ao que tem sido uso por aquelas bandas.

Concretamente: no centro do terreno Barão passou a ser a pedra-base, jogando atrás de Fraguito (colocado sobre a direita) e de Keita (à esquerda e ligeiramente recuado). Na linha de frente, Manoel colocou-se à lateral direita, abrindo assim a frente de ataque; Manuel Fernandes situou-se na área como «pivot» e Jordão pisou terrenos da faixa esquerda. Ele e Keita, ora recuando um e avançando o outro, ora trocando passes de alto nível estilístico, lançaram o pânico entre os opositores. Aliás, as marcações naquele flanco tornavam-se muito mais difíceis pelas trocas de posições sucessivas dos dois «craques». Na retaguarda, Inácio manteve-se sempre atento ao ataque adversário, enquanto na direita, não raras vezes, Artur se adiantava.

Por parte do Sporting de Espinho, em boa houvesse os cuidados defensivos normais quando se joga fora de «casa» e contra um «team» poderoso (apesar de tudo), jamais se exagerou nesse aspecto. Digamos que quatro elementos atrás, quatro no meio campo e dois na frente (Reis e Moia) eram o «mais normal». Na segunda parte (depois do 2-1), o responsável do grupo (Moraes) reforçou o meio campo com o recuo frequente de Moia, e conseguiu criar problemas mais vastos aos «leões».

Com isto tudo assistiu-se a um jogo com pormenores interessantes, e até a alguns lances verdadeiramente espectaculares. Sobre tudo por parte do ataque do Sporting. Foi assim que nasceu o primeiro gol, após lançamento primoroso de Manuel Fernandes para o lado esquerdo; Keita cruzou, como se tivesse régua e esquadro, para a cabeça de Jordão. Segundo a bola, deste, para a rede. Mas foi assim também que, antes do segundo gol do Sporting, Moia desperdiçou ocasião de empatar, ao ficar solto, também no lado esquerdo, depois de uma troca de passes dos colegas ter ludibriado, por completo, a defesa lisboeta.

O segundo gol do Sporting surgiu aos 25 minutos, e ainda na conclusão de bom lance futebolístico: tabelinhas sucessivas entre Fraguito, Jordão e Keita para um remate rasteiro, colocadíssimo, deste último, já em queda, à entrada da pequena área.

O gol dos visitantes foi marcado por Moia, em lance fortuito, com Boelho a bater mal a bola (no solo) para o pontapé de saída, deixando-a escapar para os pés de Moia, que mais não teve que empurrá-la para a rede. O resultado final foi construído por Manoel, com 21 minutos jogados na segunda parte, e aproveitando um bom lançamento de Manuel Fernandes.

Face à exibição (mais do que ao resultado) e à aplicação detectável na maioria dos jogadores do Sporting, é de aguardar pelo próximo domingo (em Portimão), para se confirmar se esta melhoria é para continuar ou se tudo regressa à insonsa mediania em que tem mergulhado o Sporting nas repetidas jornadas desta temporada futebolística.

Arbitrou (com vários erros, embora nenhum importante) Manuel Luís, de Santarém.

SPORTING: Boelho; Artur, Laranjeira, Manaca e Inácio; Barão, Fraguito e Keita; Manoel, Manuel Fernandes (Freire) e Jordão.

SPORTING DE ESPINHO: Gaspar; Coelho, Raul, Gonçalves e Amaral; João Carlos (Meireles), Manuel José e Acácio; Moia, Reis e Canavaro (Carvalho).



Estoril: roleta favorável à casa

ESTORIL, 1-BRAGA, 0

Uma questão de sorte

João Ferreira

O futebol tem destas coisas (e ainda bem): os mais fracos ganham aos mais fortes; as vitórias acontecem para o lado de quem menos as merece.

No Estoril, aconteceu coisa semelhante: o Sporting de Braga, uma equipa de alta rota no futebol nacional, espalhou toneladas de futebol de boa qualidade pelo relvado do «António Coimbra da Mota». Sobre tudo a partir do intervalo, o Estoril pouco mais fez do que defender afanosamente as suas balizas, tendo descido apenas duas ou três vezes ao meio campo contrário no espaço de 45 minutos. Numa dessas descidas, a bola foi lançada por alto para a entrada da grande área bracarense. Cepeda e Fernando saltaram ao esférico que, tocado pelos dois atletas, acabou por caprichosamente, vir morrer nos pés do «pontá», estorilista, que disparou com êxito, fazendo um gol que valeu dois pontos e tirou o Sporting de Braga para o 6.º lugar da classificação.

Depois, foi o ataque em massa dos «encarnados» e a defesa cerrada dos locais, cada qual com suas intenções. O Estoril conseguiu chegar ao fim vitorioso; mas, por diversas vezes sentiu suores frios no reduto de Ruas. Pelo menos em duas ocasiões, a bola esteve quase a entrar na baliza do Estoril em jogadas confusas que a «sorte» acabou por ditar. Quer Nelinho, quer Chico Gordo ou Chico Faria, tiveram nos pés remates a merecer gol. E, aos 21 minutos da 2.ª parte, Fernando (do Estoril) rasteirou Nelinho na sua grande área, merecendo inteiramente a marcação duma grande penalidade, de que Albino Rodrigues fez por esquecer. Aliás, o juiz madeirense (que já por diversas vezes vimos actuar, sem nunca ter agradado) deu provas bastantes de que não está ainda preparado para assumir responsabilidades a nível do esca-

lão maior do nosso futebol. Ontem, para além do «penalty» escamoteado ao Braga, errou em muitos lances e deixou-nos dúvidas quanto à anulação de um gol obtido por Oscar (aquele que anulou ao Sp. Braga foi bem anulado e Chico Gordo nem sequer esboçou um protesto) influido, portanto, no resultado, que é o pior que um juiz pode fazer.

Dissemos que o Sp. Braga merecia a vitória pelo futebol jogado. Certo. Mas os dois pontos alcançados pelo Estoril têm muitíssimo mérito. Os homens de Torres não tiveram culpa, nem dos deslizes do árbitro nem da sorte do jogo, e não há dúvida de que, conhecendo e não menos prezando a categoria do adversário, se «esfarpavam» todos, primeiro para não perderem e, depois, para aguentarem a vitória. Nesse grande esforço de conjunto e de humildade permitimo-nos destacar um nome (dentro os 12 a quem damos idêntica classificação), o de Pelxoto, o pequeno defesa do Estoril que foi um gigante de querer, de raiva, de determinação. O Braga, que trouxe imensos adeptos consigo (de tal modo que parecia estar a jogar em casa) é, na verdade, neste momento uma das melhores equipas portuguesas e ontem bem o provou. Pena que não tivesse (ao menos) obtido o empate. Tudo estaria mais certo.

NOMES

Estoril: Ruas, Vieira, Fernando, Paris, Pelxoto e Amílcar; Oscar, Santinho e Quim; Salgado (Zuledo) e Cepeda.

Sp. Braga: João; Mendes (Artur) Fernando, Ronaldo e Cardoso; Paulo Rocha, Marinho e Rodrigo; Chico Gordo, Lito (Chico Faria) e Nelinho.

Árbitro: Albino Rodrigues (Funchal).

Gol: Cepeda (72 min.).

PORTO, 4 ACADÉMICO, 2

"Azuis e brancos": do brilho à penumbra

SÉRGIO DE MATOS

Bastante fraco do ponto de vista emocional, este encontro desde os primeiros momentos deixou transparecer a diferença de valores que separava os dois conjuntos. Apresentando uma formação marcadamente defensiva, o Académico tentou acima de tudo não deixar jogar o adversário, através do forte povoamento do seu meio-campo e cerrando fileiras à entrada da sua grande área, onde apareciam frequentemente cinco, seis e mais defesas.

Com a sorte a «jogar» pelo seu lado, a equipa coimbrã ia fazendo pela vida, sem grandes espaventos, mas sempre atenta a algum deslize local que lhe permitisse, em contra-ataque, sacudir um pouco a pressão a que vinha sendo submetida. Foi assim que, contra a corrente do jogo, Costa, aos 24 minutos, colocou a sua equipa em vantagem, explorando um descuido de marcação de Gabriel, que demorou a retomar o seu posto depois de uma infiltração pelo flanco direito. Perante uma situação que «deturpava» a verdade dos factos, o FC do Porto caiu em «massa» sobre a grande área forasteira, fazendo prevalecer a lei do mais forte. Aos 27 m. Ademir com um excelente tiro à meia volta, repunha, a igualdade e, quase sobre o intervalo, Seninho (num golpe de génio) arrancou do meio-campo com a bola colada aos pés, ultrapassou dois adversários e, junto a linha de cabeceira, «fuzilou» Marrafa de ângulo incrível.

Após o reatamento, a um período de fulgor seguiu-se outro em que o FC do Porto desenvolveu uma exibição «parada» com os centro-campistas (Rodolfo, Celso e Ademir) a perderem-se em rodízinhos desnecessários, sem qualquer objectivo prático. Perdendo decisivamente o «gás» que a impulsão no primeiro tempo, a terna «azul e branca» afirmou-se uma vez mais uma equipa de contrastes, ao ponto de, durante o mesmo jogo, passar de um futebol positivo e espectacular para uma actuação verdadeiramente incolor e insípida, só entrecortada pelos «espasmos» com que Duda e Oliveira reforçaram o triunfo.

Com o aproximar do termo do encontro, o Académico limitou-se praticamente a impedir uma maior amplitude no resultado, e nem sempre por mérito próprio, uma vez que, quer Seninho (que pouco mais fez do que o gol), quer Oliveira que desperdiçou sem exagero uma mão-cheia de oportunidades, estiveram em dia pouco inspirado. De resto, acabaria por ser dos «negros» o último gol da partida, astuciosamente marcado por Gregório Freixo.

O juiz Rosa Santos teve uma actuação impecável.

FC Porto: Fonseca, Gabriel, Simões, Freitas e Murça, Celso, Rodolfo e Ademir. Seninho, Duda e Oliveira.

Académico: Marrafa, Rui Rodrigues, José Freixo, Brasfemes e Gregório, Gervásio, Freitas (Miguel aos 73 m), Camilo e Rogério, Joaquim Rocha e Costa.

Belenenses-Boavista

Continuação da pag. 15

gizado por um técnico de cabeça fria que joga para pontos e contos.

Compacto, todos por tudo (todavia Clésio e Carlos Pereira, com o estandarte) o Belenenses lá vai, de popa ajudada pelo vento. Soluçante, capaz do óptimo ou do menos bom, o Boavista que, pelo andar da carruagem, faz do Bessa o reduto para a tranquilidade. Artur (contudo) é a nota de inconformismo de relutância em aceitar a lei do dominador da casa. Uma incómoda visita em

qualquer plateia, que (no comando de um Boavista certinho e disciplinado ainda vai fazer correr muitos rios de tinta, até ao virar do campeonato que o Belenenses quer cumprir, sem sobressaltos, com a cabecinha no lugar, e sobretudo, senhor e dono de uma confiança que é fruto directo do trabalho, da direcção de Agostinho Carolas e Joaquim Jorge, no traçar de um esforço que encontrou (finalmente) um António Medeiros a viver a hora alta de uma aspiração tardia a concretizar-se. Mas, a bater à porta com toda a força.

Câmara Municipal do Concelho do Seixal

Editai

EUFRAZIO FILIPE GARCEZ JOSÉ, presidente da Câmara Municipal do Seixal, faz saber que de harmonia com a deliberação da mesma Câmara, tomada em reunião de 13/1/1978 se recebem propostas, em carta fechada, para adjudicação da empreitada de «ABASTECIMENTO DE ÁGUA À MARGEM ESQUERDA DO RIO JUDEU - REDE DE DISTRIBUIÇÃO - 2.ª fase

A base de licitação é de 8 210 000\$00 e o depósito provisório na importância de 205 250\$00 deve ser efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência com guias preenchidas pelos concorrentes, tudo conforme Programa de Concurso e Caderno de Encargos patentes no Gabinete Técnico dos Serviços de Água e Saneamento, onde podem ser consultados em todos os dias úteis, durante as horas do expediente. A abertura de propostas terá lugar na primeira reunião da Câmara que se efectuar, decorridos 20 dias, a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário da República», reservando-se a Câmara o direito de abrir a licitação verbal entre os proponentes e ainda o de não adjudicar se assim o julgar conveniente nos interesses do Município, devendo ser selada pelo respectivo proponente a que tiver a adjudicação.

Alvará exigido - V categoria e da classe correspondente ao valor da obra.

E para conhecimento geral se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho do Seixal, 17 de Janeiro de 1978

O Presidente da Câmara,

Eufrazio Filipe Garcez José

MAGIC ART

APARELHO DE DESENHO

Agora TODO O MUNDO pode desenhar o que quiser e no tamanho desejado como um bom artista

A COBRANÇA + 2500 (pontos)

PEDIDOS A:

SEX SHOP



ANTENA T.V.

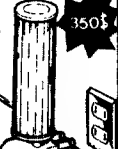
SUPER-STAR

Uma pequena maravilha que transforma a sua instalação eléctrica numa gigantesca rede que empia o campo de recepção da TV a radiar com Antena

A COBRANÇA + 2500 (pontos)

PEDIDOS A:

SEX SHOP



A COBRANÇA + 2500 (pontos)

PEDIDOS A:

SEX SHOP

APARTADO 292 R. SAMP. BRUNO, 12-6. S. 7 PORTO



O juiz leiriese António Espanhol, a contas com protestos: Pietra Toni e Vítor Baptista, na hora da reclamação

FEIRENSE, 0-BENFICA,1

Operários vestiram de vermelho

Mais do que esperado, mesmo tendo em conta as dimensões do «pelado» do Campo Marcolino de Castro, o triunfo dos encarnados na Vila da Feira foi, para além dos mais, obra de um conjunto de operários que, independentemente dos «direitos e regalias» já conquistados, nunca deixam de pensar no futuro. E, neste caso, o título é a meta a atingir pelos pupilos de Mortimore que, domingo a domingo, vão colhendo os dois pontos, por vezes em circunstâncias deveras difíceis. Ontem na Vila da Feira, como de resto noutros locais por onde têm passado, os benfiquistas actuaram como se de um jogo decisivo se tratasse. Quer isto dizer que o facto do adversário se chamar Feirense e, por acaso, até ser primodivisionário, não alterou em nada a maneira de actuar da turma da Luz. Partindo do princípio de que não há vencedores antecipados, o Benfica apresentou-se perante o Feirense com o «fato» que oito dias antes apresentou ao F. C. do Porto. Um pouco mais limpo, é certo, mas, sem dúvida, o mesmo «fato de macaco».

Os da Vila da Feira devem ter pensado duas vezes se terá ou não merecido a pena fazer «horas extra» a fabricar as fogaças para oferecer aos «carascos». E ainda por cima a uns tipos que toda a gente diz serem os campeões nacionais, mas que, no final de contas, até se viram «à rasca» para marcarem um gol. Pois é: os campeões são, de facto, muito esquisitos quando se esquecem de certos princípios, qual seja o da contemplação pelo adversário.

Sem precisar de jogar a mais de trinta à hora, o Benfica desenvolveu apenas o esforço suficiente para suportar algumas (poucas) arrogâncias dos locais e para dar uma resposta conveniente. Por cada lance de apuro junto da baliza de Bento, respondia Vítor Baptista. Nenê ou Chalana com duas ou três situações de embarcação, só para os da Vila da Feira não se ficarem a rir. Deste «dize tu direi eu», resultou um espectáculo bastante interessante a que só faltaram os golos para dar mais animação.

Pese embora todas as qualidades do técnico João Mota, a verdade é que o Feirense perdeu a partir de determinada altura o interesse pela baliza contrária, para a qual só continuavam a correr José Domingos

Fernando Alberto

e Serginho. Esta subita quebra da turma do Feirense motivou o «tomar das rédeas» por parte dos encarnados que, depois de uma ameaça velada de Chalana, acabaram por marcar na sequência de uma iniciativa de Vítor Baptista, que culminou com um remate à queima-roupa de Nenê, sem qualquer hipótese para Silva Morais.

O melhor período dos locais estava, no entanto, reservado para mais tarde. Só depois de se aperceber que o Benfica já estava satisfeito com o resultado, apesar de faltar ainda mais de 20 minutos para o fim da contenda, é que o técnico do Feirense decidiu jogar em «pleno», para perder tudo ou ganhar tudo. Zequinha apostou que seria capaz de conseguir o tal «pleno». A verdade, porém, é que a jogada enfimou de falta de convicção e o número não pintou, perante o desespero de milhares de «apostantes» que já gritavam «está lá dentro». «Olhem que não» — adiantaram os operários de encarnado que só depois do apito final tiveram tempo para ir lavar as mãos e comer as deliciosas fogaças da Vila da Feira.

António Espanhol, de Leiria, foi o juiz de uma causa que se apresentava fácil, mas que podia ter-se complicado pela sua falta de atenção.

As equipas: Feirense: Silva Morais, Babalito, Cândido, Brito e Sobreira; Parra, Seminário (Bites, aos 68 m), Zequinha e Henrique (Cipó, aos 53 m); José Domingos e Serginho.

Benfica: Bento, Bastos Lopes, Eurico, Humberto Coelho e Alberto; Toni (Pereirinha, aos 75 m), Pietra e Shêu; Nenê, Vítor Baptista e Chalana (Cavungi, aos 51 m).

Ao intervalo: 0-0. Marcador: Nenê (58 m).

Cartão amarelo: Cândido (39 m).

Modalidades em desfile

TÊNIS

Acentua-se o fracasso da formação portuguesa de ténis concorrente ao Europeu (2.ª divisão) da especialidade: o 0-3 na Roménia foi o 3.º insucesso em outros tantos encontros.

Vilamoura: há sempre um americano que a Europa não conhece

Foi com espantosa facilidade e surpreendente frescura que o norte-americano Greg Meyer, um «ilustre desconhecido» (?) ganhou o II Cross Internacional das Amendoeiras em Flor, so fim da manhã de ontem, na vertura dos terrenos de Vilamoura. O seu triunfo só poderá constituir um tonificante para o que de maravilhoso com as suas variantes esta modalidade encerra, pois que ninguém (ou muito poucas pessoas) aguardavam que outro atleta qualquer que não fosse Simmons, Foster ou Mamede, pudesse vencer.

Mas Meyer, 4.º classificado na última S. Silvestre (com uma humidade, como lembrou ontem Fernando Mamede ao ser entrevistado pelo enviado da RTP, a rondar os 95 graus), estudante de psicologia da Universidade de Michigan, com a modéstia e humildade da maioria dos contestatários da nova geração americana, tomou a dianteira aos 4 mil metros (depois de um «forcing» de Karl Fleschen e de um «bonito» de Aniceto e Mamede), para se ir (pausadamente) adiantando a todos e cortar isolado (150 metros de avanço em relação a Tony Simmons), a meta nos terrenos de golfe do Hotel D. Pedro (passe a publicidade).

No final da prova, o norte-americano Meyer não escondia a sua satisfação pela vitória obtida. Nunca pensei que pudesse ganhar, mas o rumo dos ingleses Foster e Simmons não era forte e eu fui para a frente. Parece-me que eles não corriam para ganhar. Dedico o triunfo ao meu treinador Warhurst, da Universidade de Michigan.

A única referência conhecida deste atleta, que funciona correr este ano mais vezes na

Europa — «porque o nível dos atletas europeus é superior aos dos americanos» — era o quarto lugar obtido na corrida de São Silvestre de São Paulo em 1977. Simmons, o segundo classificado elogiou a prova de Meyer e declarou-se feliz por ter participado neste «Segundo Prémio das Amendoeiras em Flor» e pela classificação obtida. Fernando Mamede (o melhor português), interrogado sobre se estava satisfeito com a sua corrida, disse: Sim, sem dúvida. Talvez o terceiro lugar estivesse ao meu alcance, mas com um plantel, desta categoria estou na mesma feliz.

Es a ordem:

1.º Greg Meyer, UA, 29.44,4 minutos; 2.º Tony Simmons, Inglaterra, 30.025; 3.º Brendam Foster, Inglaterra, 30.11,1; 4.º Fernando Mamede, Portugal, 30.16,7; 5.º Aniceto Simões, Portugal, 30.26,5; 6.º Per Wallin, Suécia, 30.34,8; 7.º Peter Weight, RFA, 30.40,6; 8.º José Sena, Portugal, 30.44,0; 9.º Francisco Vargas, Espanha, 30.45,8; 10.º Albrecht Moser, Suíça, 30.51,6; 11.º Nunes, Espanha, 30.52,3; 12.º Carlos Lopes, Portugal, 31.00,5; 13.º Prieto, Espanha, 31.05,0; 14.º Helder Jesus, Portugal, 31.09,4; 15.º G. Bourban, França, 31.10,6; 16.º John Wild, Inglaterra, 32.34; 20.º Karl Fleschen, RFA, 32.42,7; 21.º Rueggsegger, Suíça, 32.47,8; 36.º Gros, Polónia, 34.27,8; 41.º Cova, Itália, 35.12,2.

ROSA MOTA

Rosa Mota dominou completamente a prova feminina, realizada antes da de seniores. A atleta portista comandou a prova de princípio a fim aumentando progressivamente a vantagem sobre as demais competi-

doras. Das 25 concorrentes que alinharam à partida, chegaram ao fim 23. Desistiram Rita Borralho, do Benfica, e Conceição Pereira, do Sporting. Nos lugares imediatos classificaram-se Natália Pinho da Ovarense, Brígida Morete, da Espanha, e Elizabeth Pereira, dos Ases das Avenidas.

Na prova para atletas masculinos, não convidados, disputada na distância de 5.000 metros (antes das duas provas do Grande Prémio), saiu vencedor Armando Guerreiro, do Clube Amador de Lagos, embora à sua frente tivessem cortado a meta, Fernando Miguel e Humberto Sequeira, ambos juniores do Sporting, que alinharam extra-competição.

Classificação das mulheres: 1.ª, Rosa Mota, FC Porto, 14.03,4 minutos; 2.ª, Lucília Soares, Ases das Avenidas, 14.21,8; 3.ª, Natália Pinho, Ovarense, 14.26,0; 4.ª, Brígida Morete, Espanha, 14.32,2; 5.ª, Elizabeth Pereira, Ases das Avenidas, 14.34,2; 6.ª, Alice Silva, Foz, 14.36,6; 7.ª, Regina Gonçalves, 14.39,6; 8.ª, Manuela Dias, FC Porto, 14.43,9; 9.ª, Celisa Blanco, Espanha, 14.44,8 e 10.ª, Ester Zuzete, Espanha, 14.49,9.

Competição extra para atletas seniores na distância de 5.000 metros: 1.º, Armando Guerreiro, Clube Amador de Lagos, 19.00,3; 2.º, Francisco Cabrita, Olhanense, 19.06,3; 3.º, Iglésia Lago, Espanha (Huelva), 19.15; 4.º, Ezequiel Canário, Liceu de Faro, 19.19,8 e 5.º, Mário Almeida, Clube da Azul de Beja, 19.33,4.

Nesta prova alinharam quatro juniores que conseguiram os seguintes tempos: Fernando Miguel, Sporting, 18.15; Humberto Sequeira, Sporting, 18.34,8 e Fernando Francisco, Benfica, 19.34,6.

ANDEBOL

Maria Amália no limite da força

Dois mil espectadores, crianças fazendo saudação nazi ao toque do hino nacional, apelo do Inatel e da DGD para a viagem da 2.ª volta (a França) e as andebolistas do Liceu Maria Amália a perderem, face às moças de Bordéus, qualquer veleidade de salto do anonimato para a Europa dos confrontos a nível destacado. Marca do cotejo: 13-23, a reflectir nula possibilidade de passo em frente na Taça das vencedoras de taças» mas (e, isso, é saliente) a valer, para o grupo do Liceu Maria Amália, um parabém pela tenacidade com que conquistou um direito e como, depois e perante muitos ânimos

adversos, soube defender a sua credencial.

M. Amália: — Isabel Costa (Benito); Graça (1), Alice (1), Filomena Antunes, Filomena Martins (2), Maria de Lurdes, Isabel Cruz (1), Maria João (5), Joana (3), Papa e Teresa Fonseca.

Bordéus: — Dubos (Lamozke); Sylvia Fontana (2), Boroës, Maryse Bazzles (1), Paule Lacassafone (2), Lydia Servary (6), Casson (5), Christine Carre (5), Brigitte Ottenwalther (1), Helene Moulinier e Betty Vameulen (1).

Por banda portuguesa, excelente actuação de Maria João e Joana, com falência quase total do nosso contra-ataque e notável evidência de falta de preparação física para réplica ao «forcing» das francesas, mal carregaram o acelerador. Uma nota de destaque: as meninas do Maria Amália, mau grado a derrota, treinaram em ombros a sua treinadora (Fátima), como que a patentear o apreço em que colocam a principal impulsora do «sete» liceal na grande aventura europeia.

Simultaneamente, prosseguiu o campeonato nacional de andebol de seniores. Desfechos na zona norte: Académico, 27-F. Holanda, 20; F.C. de Maia, 18-Belra-Mar, 11; F.C. Gaia, 23-Sp. Braga, 12; D. Portugal, 16-Vilanovaense, 18; S. Bernardo, 20-F.C. do Porto, 22. Estão adiados os jogos Desportivo da Póvoa-S. Mamede e Académico-S. Bernardo.

No bloco sulista: Belenenses, 32-Caramão, 16; Passos Manuel 5-Sporting, 27; Benfica Castelo Branco, 24-Oriental, 18; Encarnação, 17-CDUL, 22; V. Setúbal 19-CACO, 13; Benfica, 27-Almada, 17.

Pontuações após a jornada n.º 14 do nacional, zona norte: Porto, 40; S. Bernardo, 33; S. Mamede e Vilanovaense, 32; Académico, 30; Belra-Mar, 27; Maia, 26; Póvoa e Gaia, 25; Desportivo de Portugal, Francisco Holanda e Braga, 20. No sul: Sporting, 42; Belenenses, 40; Benfica, 33; Passos Manuel e Vitória de Setúbal, 31; Castelo Branco, 28; Caramão e Almada, 24; Encarnação, 22; CDUL, 21; Oriental, 20; CACO, 16.

HÓQUEI

Benfica e Porto: vantagem na «Taça»

Uma contundente derrota do Sporting (em Alvalade) e um percalço para os oerenses (nas Antas) definiram os primeiros duelos das meias-finais da «Taça de Portugal», em hóquei patinado. No Lumiar, os «leões» (que chegaram a estar a sofrer um duro 0-5) não conseguiram melhor que o 4-7, frente a um Benfica que foi dono e senhor de todas as situações. Em casa dos «azuis-brancos», a Associação Desportiva de Oeiras, vergada por 2-4 pelo FC Porto, adiou por uma semana a solução do encontro de um finalista da prova.

Num Alvalade que transbordava e, tolhido pela sensação, constatou que as faltas de Rendeiro e Livramento, aliadas ao regresso de Ramalheira a outro emblema, são de muito difícil esquecimento, a massa associativa sportinguista assistiu a uma galopada do Benfica que chegou a contar 5-0 no marcador, à partida para o intervalo. Depois, a luta ganhou maior equilíbrio mas, de qualquer modo, é extremamente penosa a tarefa dos verde-brancos na viagem que, sábado próximo, irão efectuar ao pavilhão da Luz.

Sob arbitragem do lisboeta Silva Nunes, jogaram e marcaram:

Sporting: Albino, Fernando Pereira (1); Sobrinho, (1); Chana (1); Picas, Jorge, Carlos Alberto e Basílio.

Benfica: Ramalheira, Faria (2), Garrancho, Virgílio (2), Piuças (3), Dantas, Quim e Rui Santos.

O desnível verificado deve-se, em grande parte à deficiente exibição do guarda-redes Albino, acotilado (aliás) por um serviço defensivo que era porta aberta para todas as progressões benfiquistas. Em contra-partida, Ramalheira (brilhantíssimo) chegou a defender uma grande penalidade (marcada por Fernando Pereira) e a consequente recarga, sendo um dos grandes obreiros do inesperado sucesso benfiquista na casa do parceiro mais directo.

Ramalheira foi (portanto) a figura maior no rectângulo, muito bem secundado por Faria, Garrancho, Piuças e Virgílio que, positivamente, tiveram momentos de total e absoluta preponderância no ringue.

Nas Antas, arbitrou o lisboeta Fernando Rodolfo.

FC Porto: Castro, Júlio, Manuel José, (1); Cristiano, Vale (2); Chalupa (1) David Reis e Beleza.

Oeiras: Carlos Alves; Cristóvão, Salema (1); Vítor Rosado (1); Carvalho, José Rosado, José Pereira e Jose Maria.

Em três ocasiões o Oeiras esteve equiparado; no inicial 0-0 e quando se verificaram empates a um e dois golos. Depois, dois tentos de Vale (um dos quais na concretização de uma grande penalidade) definiram o vencedor.

Sinal aborrecido para a profusão de cartões amarelos, mostrados a Carvalho, José Pereira e José Rosado, todos de Oeiras.

FAÇA COMO 1 MILHÃO DE PORTUGUESES
FAÇA VOCÊ MESMO com **Black & Decker**

NA "BALUARTE" DESTE MÊS Sousa e Castro analisa golpes de Estado militares

O confronto social tem naturalmente altos e baixos e em momentos de crise tende a ceder por qualquer lado — afirma o capitão Sousa e Castro, do Conselho da Revolução, em artigo publicado no número de Janeiro da revista "Baluarte", o último publicado sob a responsabilidade da Região Militar de Lisboa.

Eleições da Armada

Continua na pág. 6

quinte ilação: os votos em branco e nulos, o acréscimo de abstenções em relação a 1976 e os votos dispersos representam votos desfavoráveis à chefia da Armada. São um total de 831 o que significa que 60 por cento dos oficiais da Armada desaprovaram a sua chefia.

O "grupo dos 80" acrescentou ao seu palmarés mais uma manobra escura. Durante a votação, lançou a notícia alarmista de que os "gonçalvistas" estavam a votar massivamente em candidatos próprios. O caso típico é o da mobilização que foi feita em torno do capitão-tenente Mendes Cabecenas, para fazer frente à votação intensa que estaria a verificar-se no capitão-tenente Almada Contreiras. O papão ocasional dos comandantes assustados não teve nem um voto. Como é óbvio, uma vez que

lho da Revolução afirma que estes golpes apenas se verificam em «sociedade de intermédio ou baixo nível económico-social», visando o fim das liberdades civis e «exercendo-se não por intermédio de instituições democráticas livremente eleitas por todo o povo, mas actos pontuais de forças, que destruindo aquelas, violentam física e moralmente a Comunidade onde se praticam e alguns Grupos Sociais em particular».

Depois de demarcar «o golpe de Estado Militar» da «violência do Estado», que decorre duma «vontade democrática», Sousa e Castro justifica a especial propensão dos militares para este tipo de intervenção, afirmando: «Os militares estão sujeitos a regras que pouco têm a ver com o comportamento dos que integram outras aéreas profissionais... Tal condicionamento profissional levava-nos a nós, militares, a querermos atingir a perfeição, o que, em muitos casos, conduzia à sublimação e, até, à esquizofrenia».

«Este aspecto é importante, continua o capitão Sousa e Castro «para se compreender o envolvimento dos militares em aventuras políticas. É que considerando-nos a nós próprios como um corpo moralmente preparado para defender os altos valores materiais e morais da Nação, tendemos muitas vezes a ignorar e a criticar de modo exagerado os mecanismos de contestação e de confronto social, dos vários

grupos sociais que são o Corpo da Nação».

O capitão Sousa e Castro analisa depois a base ideológica dos Golpes Militares, que considera frágil, acentuando que, baseado-se eles na defesa de «valores nacionais» (Independência Nacional, Unidade do Estado e Integridade Territorial), assentam sempre numa deficiente compreensão dos mecanismos sociais.

Essa confusão resulta do diverso posicionamento social dos militares e das pessoas integradas no processo de produção cada um dos sectores com funções específicas no Corpo Nacional, que levam a que «em nome de subjectivos valores morais se reage com crítica desnecessária às questões postas pela confrontação social que é inerente à criação de excedentes de capital, para

uns, ou à possibilidade de garantir níveis de consumo, ou mesmo de subsistência, para outros».

É nos momentos de crise o que o confronto social cede, e surgem as intervenções militares, tendentes a restaurar valores morais ou, mais concretamente, a fazer pender o prato da balança para um dos lados, para interesses bem específicos. Esta a base moral nas suas consequências, das intervenções militares. O mesmo é dizer que estas se fazem por uma falsa moral, que claro os seus mentores procuram, pelo domínio dos «mass media» e pela repressão em larga escala esconder e escamotear, única forma, aliás de sobreviverem como defensores de interesses sociais sectoriais com os quais se identificam ideologicamente».

Balança comercial da Madeira tem grande saldo negativo

A balança comercial madeirense registou, de Janeiro a Setembro do ano transacto, um saldo negativo de 2.646.000 contos, o que vem cifrar-se num agravamento de 1.141 milhões de escudos, relativamente ao período de igual período do ano de 76.

Estas estatísticas oficiais citadas pelo "Jornal da Madeira" não deixam de surpreender os observadores mais atentos à economia daquele arquipélago, visto que a reivindicação

do Governo Regional sobre autonomia cambial e económica pretendem dar a entender uma melhoria considerável nestes sectores, o que não é verdade segundo os números agora divulgados.

As importações e exportações madeirenses nos primeiros nove meses de 77 aumentaram em 64,7 e 40,7 por cento, respectivamente, tendo as primeiras totalizado 3.623 contos e as segundas 977.000.

Canal da Crítica

Continua na pág. 14

ter embarcado na descarada promoção de José Cid.

Começa por nos encontrarmos face a uma situação imoral. Como se sabe, aquele cançonete foi convidado para interpretar do festival da RTP e concorreu ele próprio com uma canção para ser interpretada por... José Cid.

No plano da legalidade pode tudo estar correcto. Não o está no plano moral. Por muita vigilância que sobre si mesmo alguém exerça, é natural, é inevitável que um intérprete entenda melhor aquilo que para si mesmo compôs. As outras canções ficarão assim prejudicadas. Ai temos armada a grande bagunça que poderá nem ter razão de ser. Mas a mulher do imperador deverá parecer honesta e não se contentar em sê-lo.

Singularmente, a emissão de ontem redundou numa indecente promoção de José Cid, como intérprete e como autor. A canção de sua autoria tem muita força, ele gosta muito da letra, o arranjo é uma maravilha...

Isto é muito feio. Isto não se faz. Para mais, note-se este pomenor curioso: os amigos, o conjunto vencedor do último festival, não apareceu uma única vez na televisão portuguesa, um intérprete do futuro festival já começa a ir lá, em peso, mesmo antes de o festival se realizar...

A isto se chama pluralismo do sê-e-dê.

PASSAGENS
AVIAO COMBOIO
BARCO PULLMAN
Preços das companhias
consulte-nos
agência abreu
LISBOA — Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341

CLÍNICA DENTÁRIA
de ZEFERINO CRUZ
R. de Alcântara 53-1º
(ao Calvário) Tel. 638100

AGENTES DISTRITAIS
Beja, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Leiria, Lisboa, Portalegre, Santarém, Setúbal.
Produtos de manutenção industrial, Indústria, Casa, Agricultura, Automóveis, Pescas, etc.
Resposta à Delegação deste jornal no Porto, ao n.º 150, indicando condições.

TEMPO

Situação do tempo 09.00 H.
Em Portugal continental o céu estava geralmente muito nublado; o vento era fraco e chovia ou choviscava nas regiões do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	4°
VILA REAL	7°
PORTO	11°
PENHAS DOURADAS	0°
COIMBRA	7°
PORTALEGRE	4°
LISBOA	8°
ÉVORA	5°
BEJA	6°
SAGRES	12°
FARO	6°
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	14°

TEMPERATURAS EXTREMAS

PRAIA DA ROCHA	Máxima 14,5°
MONTALEGRE	Mínima 2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.37 3,8 m	8.16 1,2 m
14.58 3,7 m	20.23 1,2 m
Dia 24	
3.49 3,9 m	8.51 1,1 m
15.34 3,7 m	20.58 1,1 m
Dia 25	
3.49 4,0 m	9.24 1,0 m
16.08 3,8 m	21.23 1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado predominante de sudoeste. Períodos de chuva fraca ou chuvisco, em especial nas regiões do Norte e Centro.

AMANHÃ
NASCER AS 7.50
OCASO AS 17.49

DIA 24 DIA 31 DIA 7 DIA 14

1.º Programa
18.00, Noticiário — Música portuguesa; 19.00, Falar de História; 19.20, Música variada; 20.00, Jornal da noite; 20.30, Instrumentistas; 21.00, 15.º episódio do folhetim "O Imortal de Florença", de Alvaro Martins Lopes; 21.20, "Contapontos"; 24.00, Último jornal; 00.20, Canções; 01.00, "Música na noite".

2.º Programa
17.25, Música de câmara: Trio em sol menor op. 8, de Chopin; Quinteto em si bemol maior Op. 34, de Weber; 18.20, Música de órgão: "Conas n.ºs 1 a 6 (dos 18 conas)", de Bach; 19.00, "Animação cultural", programa de José Atalaya. Colaboração da Orquestra Sinfónica do Porto; 19.30, Folclore no mundo: Canções e danças da Silésia; Folclore dos Açores — S. Miguel; 20.00, Grandes solistas — Yehudi Menuhin — Concerto em si menor op. 61, de Elgar; 21.00, "O canto e os seus intérpretes", por Maria Helena de Freitas; 22.00, Música sinfónica: "As Vésperas Sicilianas", de Verdi — Noites nos Jardins de Espanha, de Falla — Suite "Carnaval dos animais", de Saint-Saëns; 23.00, Inter-câmbio Musical: 14.º festival internacional de música contemporânea em Royan, 1977 — gravações cedidas pela Rádio França — "Harry's Musik" p/clarinete baixo (1972), de Hans-Joachim Hespos — Schattentriple, Trio/clarinete baixo, violoncelo e piano (1975), de Klaus Huber — "Mountains" para clarinete baixo e fita magnética (1977), de Ton de Leeuw; 23.45, Música vocal: "Spanisches Liederspiel", op. 74, de Richard Mann; 00.12, Sinfonia n.º 1 em ré menor, op. 13, de Rachmaninov; 01.00, Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (290 m)
18.00, "Contacto"; 18.20, Títulos de 1.º página; 18.30, Actualidade; 18.45, "Fórmula 1"; 19.05, Teatro trágico, pelos Parolantes de Lisboa; 19.15, Antologia; 20.30, Pesca; 21.00, "A música e as vozes"; 21.30, "Quando o telefone toca"; 23.03, Hora Luterana; 23.20, "Nocturno"; 24.00, "Nocturno" (continuação); 00.15, "Dia a dia com o passado"; 02.00, Fecho.

3.º Programa Local (187,5 m)
16.00, Sinal horário — noticiário; "Variedades"; 18.00, Emissão local (Emissor de Lisboa); "Compasso"; 19.15, Sale pimenta (repetição); 19.45, Roda desportiva; 21.00, Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estéreo
16.00, "Gong" — Realização de João David Nunes; 19.00, "Em órbita"; 20.00, "Forum"; Realização de Jorge Lopes; 22.00, "Auditorium"; Música de jazz — Programa de Paulo Gil e Rui Neves; 00.00, "Prisma"; Realização de Fernando Quinas; 02.00, Fecho.

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11947

HORIZONTAIS

- 1 Pronome relativo. Magnete um corpo.
- 2 O mesmo que pega. Içar.
- 3 Época Querida Artigo definido.
- 4 Chefe etíope. Roeras.
- 5 Cidade de Itália.
- 6 Bário (s.q.). Equipo.
- 7 Centeira. Res. Encoleizei.
- 8 Deseja. Ganha ranço.
- 9 Lábios. Leito.
- 10 Ite. Recusa. Oco.
- 11 Ramalhetes. Tombar.

VERTICAIS

- 1 Deseja. Terminar.
- 2 Dar urros. Afia.
- 3 Tempo do verbo ser. Bolor.
- 4 Aparelho de ginástica.
- 5 Levantara. Apelido. Nique! (s.q.).
- 6 Sugara o leite materno. Cabelos brancos.
- 7 Arre messarão.
- 8 Flutua. Dão mios.
- 9 Prender com elos. Enfeitava.
- 10 Preposição e artigo definido. Era Cristã. Nesse lugar.
- 11 Lavras. Abonador.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8008

HORIZONTAIS

- 1 Remediar. Sopeiras.
- 2 Venera. Recolhe na adeg.
- 3 Porco. Apelido. Artigo definido.
- 4 Procedem. Mulheres de mau génio.
- 5 Poisa no mar (oavião). Cidade de antiga Caldeia.
- 6 Move os remos. Esquadra.
- 7 Cidade da Suíça. Cigana (Bras).
- 8 Borrás. Despidas. Troça.
- 9 Aqueci. Volta.
- 10 Estimam. Pelos de certos animais.
- 11 Género de pássaros dentirostros cujos tipo é o papa moscas do Senegal. Habitat.

VERTICAIS

- 1 Mulher baixa. Ocultara.
- 2 Preposição latina que designa movimento. Gálio (sq). Oásis.
- 3 Assinala m. Estase.
- 4 Perfuma. Castas.
- 5 Batráquio. Agropavas (Fig). Içam.
- 6 Cure. Escavar.
- 8 Detestou. Crustácio isópode do género asellus.
- 9 Nome de letra. Bria. Oferecer.
- 10 Nome de letra (pl.). Elegante.
- 11 Sadies. Cidade da Turquia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11946

HORIZONTAIS

- 1 Vagas. Acaba.
- 2 Iros. Arai.
- 3 Verso. Atora.
- 4 Desviam.
- 5 Rum. Sal.
- 6 Dor. Ina. Til.
- 7 Lar. Ca. lo.
- 8 Sabar.
- 9 Ur. Te. Emala.
- 10 Eiras. Ouras.
- 11 MMII. Assara.

VERTICAIS

- 1 VIVA. QUEM.
- 2 Ave. Rol. Rim.
- 3 Gorduras. Ri.
- 4 Assam. Ratai.
- 5 Os. Bes.
- 6 VENCE.
- 7 Ai. A. Geros.
- 8 Gatas. Mus.
- 9 Aromatizara.
- 10 Bar. Lio. Lar.
- 11 Ai. Casa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8007

HORIZONTAIS

- 1 Adora. Coifa.
- 2 Par. Nao. Ari.
- 3 Amam. Ajar.
- 4 Raras. Apega.
- 5 Aiara. Cosas.
- 6 Airas.
- 7 Mós.
- 8 Arama. Opilar.
- 9 Oca. Arra.
- 10 Alaga. Viras.
- 11 Raras. Asara.

VERTICAIS

- 1 Apar. Na. Ar.
- 2 Damaia. Rola.
- 3 Orara. Laçar.
- 4 Mará. Maga.
- 5 An. Sasma. As.
- 6 As. Ro.
- 7 Co. Acaso. VA.
- 8 Após. País.
- 9 Iates. Birra.
- 10 Fragas. Arar.
- 11 Airas. Brasa.

PROVERBIO: Viva quem Vence.

Teatro

LISBOA

TURNO N.º 3

Até às 22 horas

ALENTEJO — Av. da Igreja, 28-B. Tel. 892682; **ALGARVE** — Av. de Roma, 7-B. Tel. 801478; **AS-CENSO** — Praça Norte, 11-A (B.º da Encarnação). Tel. 311216; **AVIS** — Av. de Roma, 56-B. Tel. 895370; **BAIRRO AZUL** — Av. Ressaio Garcia, 7-A. Tel. 571451; **BARRAL** — Rua Augusta, 225. Tel. 361534-361535; **BENFICA** — Estrada de Benfca, 678-E. Tel. 702532; **CAMPO PEQUENO** — Av. Júlio Dinis, 10. Tel. 771661; **CENTRAL DE CAMPOLIDE** — Rua General Taborda, 17. Tel. 680304; **CENTRAL DO LUMIAR** — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480; **CONFIANÇA** — Av. Almirante Reis, 46-B. Tel. 821653; **CRUZ NUNES** — Praça Duque de Saldanha, 14. Tel. 41845; **FERNANDES BORGES** — Rua C. Benguela, lote 30. Tel. 311091; **GRUJO** — Rua do Grilo, 25. Tel. 385264; **LARANJEIRA** — Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035; **LOBEL** — Rua Infante, 16, 98-B. Tel. 688807; **MARLUZ** — Calc. Picheleira, 140-B. Tel. 720703-728395; **MODELAR** — Largo Dr. António Macedo, 7-A. Tel. 608896; **NOVA LISBOA** — Rua Guilhermina Suggia, 12. Tel. 727721; **S. NUNES SIMÕES, SUCCR.** — Rua do Quelhas, 1. Tel. 661275; **REMISIO** — Rua Jerónimos, 14-C. Tel. 631699; **ROSA E VIEGAS** — Rua S. Vicente, 31. Tel. 864351; **S. JORGE** — Largo do Leão, 3-A-B. Tel. 634027; **SEPOL** — Calçada da Boa-Hora, 94-A. Tel. 631958; **SILMAR** — Rua S. Lázaro, 128. Tel. 42829; **VIEIRA BORGES** — R. Alexandre Herculano, 28-30. Tel. 405336; **VITEX** — Estrada de Benfca 373-B. Tel. 780548.

Permanente

ALGARVE — Av. de Roma, 7-B. Tel. 801478; **BARRAL** — Rua Augusta, 225. Tel. 361534-361535; **BENFICA** — Estrada de Benfca, 678-E. Tel. 702532; **CENTRAL DO LUMIAR** — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480; **CONFIANÇA** — Av. Almirante Reis, 46-B. Tel. 821653; **CRUZ NUNES** — Praça Duque de Saldanha, 14. Tel. 41845; **S. NUNES SIMÕES, SUCCR.** — R. do Quelhas, 1. Tel. 661275; **REMISIO** — Rua dos Jerónimos, 14-C. Tel. 631699; **LOBEL** — Rua Infante, 16, 98-B. Tel. 688807.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

OUTRA BANDA

ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leitão, 8-B. Tel. 2750242; **COVA DA PIEDADE** — Louro — R. Alexandre Herculano, 6-B. Tel. 2763517; **LARANJEIRO** — Modema — R. dr. António Elvas, 84. Tel. 24990305; **COSTA DA CAPARICA** — Higienica — Av. da República, 23 (T. 2400020); **SESIMBRA** — Leão — Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2234711); **BARRAL** — Mascarenhas Neto — R. Almeida Garrett, 1 (Tel. 2076454); **SEIXAL** — Soro-menho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218550); **MONTUO** — Diogo — R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032); **MOITA** — União Moiteirase — Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS** — Gus-

mão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE** — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Clabel — R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551), Permanente; Amadora — p. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518), Até às 22 horas; **DAMAIA** — D. João V — Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461); **QUELUZ** — Simões Lopes — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123); **CAMARATE** — Nova Cid. Lisboa, 94 (Tel. 2518726); **CACÉM** — Garcia — Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181); **MEM MARTINS** — Miranda Garcia — Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103), Permanente; **MERCES** — Claro Russo — Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** — Riomouro — Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194), Até às 23 horas; **SINTRA** — Misericórdia-Vila — (Tel. 2930391), Permanente; **COLARES** — Abreja — (Tel. 299088).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — Almeida Nifo — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 2112070); **ALCABIDECE** — Camelhão — Até às 21 horas; **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — Até às 21 horas; **CARCAVELOS** — Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS** — Vilar — Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira — Av. S. João, 29-B (Tel. 260085), Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS** — Trindade — R. Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034), Até às 22 horas; **OEIRAS** — Godinho — R. Cândido Reis, 98 (Tel. 2430090), Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS** — Leal — Até às 21 horas; **PAREDE** — Grincho — Av. da República, 87 (Tel. 2471204), Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE** — Junqueiro Mendes — Até às 21 horas; **AMOREIRA** — Amoreira — (Tel. 262313-267314), Até às 22 horas; **MONTES TORRES** — Lopes — R. Hagar, 3 (Tel. 260008), Até às 21 horas; **CASCAIS** — Nova — Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044), Até às 21 horas; **Marginal** — Av. Marginal (Tel. 280078), Até às 24 e das 0 às 9 horas.

PORTO

PASTELEIRA — Rua André de Resende, 92 — Tel. 688011; **ALMEIDA JUNHA** — Rua Formosa, 327 — Tel. 24874; **SAMPAIO** — Rua de Cedofeita, 636 — Tel. 21782; **BIRRA** — Praça da Liberdade, 125 — Tel. 26463; **MONTES CATIVO** — Rua do Monte Cativo, 444 — Tel. 481687; **S. JERONIMO** — Rua dos Santos Pousada, 622 — Tel. 54526; **CARDONA DOS SANTOS** — Rua D. Manuel II, 90 — Tel. 315051; **ORIENTAL** — Rua do Bonjardim, 727 — Tel. 27378.

(De dia e toda a noite)

CONTUMIL — Rua de Contumil, 540 — Tel. 485755; **MARQUES DE MENDONÇA** — Rua do Ameal, 251 — Tel. 487118; **COSTA LIMA** — Av. da Boavista, 855 — Tel. 60606; **VAZ TEIXEIRA** — Rua do Heroísmo, 56 — Tel. 52851.

COMBRA

OLIVAS — Rua Bernardo de Albuquerque, 159 — Tel. 72904; **LOPES RODRIGUES** — Rua Fernandes Tomas, 41 — Tel. 22634.

Cine

CINE

803055

Centro Comercial de Alvalade

Sala A 12.30, 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30

A GAROTA DO GANGSTER

Sala B 13.15, 17.19, 21.30, 23.30 h. (Int. m. 13 anos)

UM CADAVER DE SOBREMESA

N. ac. M/13 anos

ALVALADE 897480

Av. Roma 15.15, 18.15, 21.15

UMA QUESTÃO DE SORTE

c/ Saira Banu, Shashi Kapoor e Romesh Sharma

Int. a M/13 anos

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A 14, 16.30, 19 e 21.30

A MAIS LOUCA AVENTURA DE BEAU GESTE

de Martv Feldman N. ac. M/13 anos

TOPAZIO

de Alfred Hitchcock

AVIS 547163

Av. Duque D'Ávila, 45 15.30, 18.30, 21.30

O REGRESSO DO INSPECTOR MARTELADA

de Steno N. ac. M/13 anos

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar 15.30, 18.30 e 21.30

OUTIMO ASSALTO

c. M. Ulianov e V. Chukchin

N. ac. m. 13 anos

CALEIDOSCOPIO 795093

Campo Grande 14, 16.30, 19 e 21.30 h.

LUZES NA CIDADE

c/ Charles Chaplin

CASTIL 530194

Rua Castilho 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

100 QUARTOS EM BARAFUNDA

de Richard Lester

Int. men. 13 anos

CINE CITY

Rua Tomás Ribeiro, 34 14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 23.45

UMA VEZ NÃO BASTA

N. ac. m. 18 anos

CINEBOLSO

573407

R. Actor Taborda, 27/B

12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.

CAÇA ÀS VIRGENS

Int. a M/18 anos

A ULTRAPASSAGEM

N. ac. m. 13 anos

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2 14, 16.30, 18.45 e 21.30

A DUQUESA E O VILÃO

c/ George Segal e Goldie Hawn

N. ac. m. 13 anos

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 Alges 15.30, 18.00 e 21.30 h.

KING KONG

Int. a M/13 anos

EDEN 320768

P. Restauradores, 21 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

ESPADAS VINGADORAS

c/ Chen Kuan-Tai, David Chiang, Ti Lung

N. ac. m. 18 anos

ESTUDIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35 15.30, 18.30, 21.30

PARAGEM NO BAIRRO BOÊMIO

c/ Lenny Baker, Shelly Winters e Ellen Greene

N. ac. m. 18 anos

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83 15.30, 18.30, 21.30

A LICEAL

c/ Gloria Guida

N. ac. m. 18 anos

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35 15.15 e 21.30

UMA VEZ NÃO BASTA

N. ac. m. 18 anos

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35 15.15, 18.30, 21.30

AMOR A MARGO

de Florestano Vancini

Int. men. 13 anos

LONDRES

801313

Av. Roma, 7-A

13.15, 16.00, 18.45 e 21.30

DO OUTRO LADO A MEIA-NOITE

N. ac. m. 18 anos

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha 15.15, 18.15, 21.30

A GUERRA DAS ESTRELAS

c/ Alec Guinness e Peter Cushing

N. ac. m. 13 anos

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A 15.15, 18.30 e 21.30

O CORPO DO MEU INIMIGO

N. ac. m. 18 anos

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

A HONRA PERDIDA DE KATHARINA BLUM

de Volker Schlöndorff

N. ac. m. 13 anos

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7 15.15 e 21.15 h.

IRMÃO CONTRA IRMÃO

c/ Randhir Kapoor

N. ac. m. 13 anos

ODEON 326283/4

R. Condes, 12 a 20 15.15, 18.15 e 21.15 h.

O PALÁCIO DO AMOR

Int. M/13 anos

OLYMPIA 325309

Rua Condes, 11 a 23

Sessões contínuas a partir das 14.00

CHINA GIRL

Int. a M/18 anos

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122 14.15, 16.30, 18.45, 21.30

ESPADAS VINGADORAS

c/ Chen Kuan-Tai, David Chiang e Ti Lung

N. ac. m. 18 anos

POLITEAMA 326305

Rua Portas de St.º Antão 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

CASSANDRA CROSSING

N. ac. m. 18 anos

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

Sala 1 14.30, 16.45, 19.15 e 23.30

FRANCA SOCIEDADE ANÔNIMA

Int. a M/18 anos

Sala 2 15.17, 19.21, 23

Sala 3 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

Sala 4 14.30, 16.45, 19.21, 21.15 e 23.30

PASQUALINO DAS 7 BELDADES

N. ac. M/18 anos

RESTELO

810375

Av. Torre de Belém

21.30

A ALICE JÁ NÃO MORA AQUI

N. ac. m. 13 anos

ROMA 887778

Av. Roma, Lote JRB 15.30, 18.30 e 21.30

HARRY, O IMPLACÁVEL

c/ Clint Eastwood

N. ac. m. 18 anos

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

SOL VERMELHO

N. ac. m. 18 anos

SÃO JORGE 579144

Av. Liberdade, 175 15.15, 18.30, 21.30

A GAROTA DO GANGSTER

c/ Sofia Loren e Marcello Mastroianni

Int. men. 13 anos

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61 15.17, 19.21, 30

PASQUALINO DAS 7 BELDADES

c/ Giancarlo Giannini

N. ac. M/16 anos

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

A RAPARIGA DA CASA ISOLADA

N. ac. m. 18 anos

TERMINAL (CINE-ESTUDIO) Tel. 371573

Estação do Rossio 11.13, 15.17, 19.21, 30 e 23.30

O AUTOCARRO

c/ Bav Oskar, Björn Gedda e Tuncel Kurtiz

N. ac. m. 18 anos

TIVOLI 570595

Av. Liberdade, 188 15.15, 18.30, 21.30

2001: ODISSEIA NO ESPAÇO

De Stanley Kubrick

N. ac. m. 13 anos

UNIVERSAL Tel. 774402

R. da Beneficência, 175 15.30, 21.30

O HOMEM QUE MATOU O BILLY THE KID

c/ Peter Laurence

Fausto Tozzi, Dianik Zurakowska e Glória Milano

Maiores de 10 anos

VOX 971794

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

A ALCOVA DO BISPO

N. ac. m. 18 anos

D. JOÃO V 367031



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1
TELEFONES 68431/2/3
REDAÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS
TECHNICS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5, 320271/2/3,
320228, 372781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21h)
PORTO: 321154, PUBLICIDADE: 368746
MENSAGENS GRAVADAS 320228
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIMOA, TELEX 12263
LISBOA PORTUGAL

BRIZZOLA

Continuação da pág. 1

que, explicou, «faz parte da nossa realidade». Ainda que os seus quadros não actuem legal ou clandestinamente, porque não o podem fazer, nem por isso são menos importantes.

Segundo Leonel Brizzola, ainda que neste momento não deseje apontar caminhos ou iniciativas, «todos os brasileiros que se opõem há tantos anos à actual situação no nosso país, continuam buscando a normalização da vida brasileira». Os contactos que vai ter em Lisboa e no decurso da sua viagem pela Europa inserem-se, naturalmente — frisou — nesta perspectiva.

HOMENAGEM DE DEMOCRATAS

Exilados e democratas brasileiros e portugueses reuniram-se ontem à noite, num restaurante de Lisboa, para homenagear Leonel Brizzola, no dia do seu aniversário natalício. Leonel Brizzola, que chegara na manhã de ontem a Portugal, fez 56 anos.

O espírito unitário desta reunião foi salientado por diversas vezes no decorrer da noite e em particular nas intervenções de Miguel Arraes, Samento Barata, Carlos Minc e do próprio Leonel Brizzola.

Dos portugueses destacaram-se Frei Bento Domingues, do Comité Pró-Amnistia, tenente-coronel Pedroso Marques, e Piteira Santos, director adjunto do «Diário de Lisboa» e companheiro de exílio na Argélia, uueç ao brindar Brizzola por passar o seu aniversário em terra portuguesa, fez votos para que em breve este encontro se possa repetir no Brasil, festejando o aniversário da liberdade brasileira.

GUARANY JÁ ESTÁ NO BRASIL

"Se proibirem bandarilhas vou tourear com ventosas"

Com o apoio da TV/Globo, nomeadamente do programa «Fantástico» (23 canais: 80 milhões de telespectadores) o novilheiro Fernando Guarany seguiu ontem para o Rio de Janeiro. Depois de Dominguin, em 1950, ele é o segundo a pressionar o governo brasileiro para a realização de touradas no país. «O Brasil tem tudo, menos toureiros. Se o problema é não magoar o bicho, então eu toureio com ventosas».

Recorda-se que a carreira deste novilheiro brasileiro (o primeiro e único!) começou verdadeiramente à porta do Campo Pequeno quando ele se meteu dentro de um calção. Foi a maneira encontrada de chamar a atenção e pedir uma oportunidade. Quando as portas se abriram, Guarany toureou para uma praça à cunha. A crítica foi impiedosa mas chegou a acordo num ponto: o homem não tinha medo, pelo menos não fugiu.

Mais tarde, Régis Cardoso, «o maior» das telenovelas brasileiras, chegou a Lisboa com a capa do «Sete-Ponto-Sete» na mão (Guarany na «última

morada») e pediu: «Ajudem-me a encontrar este louco». Uma equipa do «Fantástico» filmou o novilheiro no Campo Pequeno e na lezíria, para mostrar a milhões no Brasil o que era «a vida de um toureiro». Aumenta a popularidade deste «louco» nascido em Jataizinho, no Paraná. Voltou ontem à sua terra, doze anos depois.

No Campo Pequeno, exigiu que fosse içada a bandeira do meu país. Agora vou pressionar para que haja corridas lá.

Não há no Brasil praças de touros, mas Guarany já pensou na maneira de contornar a dificuldade.

No Rio, posso muito bem tourear no Maracanãzinho.

Mesmo que as autoridades brasileiras venham a autorizar corridas, por que havia de ser o Fernando Guarany a inaugurar? «porque neste momento quem é conhecido no Brasil sou eu! E sou brasileiro».

Refira-se que no Brasil a Protectora dos Animais tem muita força. Fazer um touro sangrar, num espectáculo, nem por hipótese. (Há quem lembre

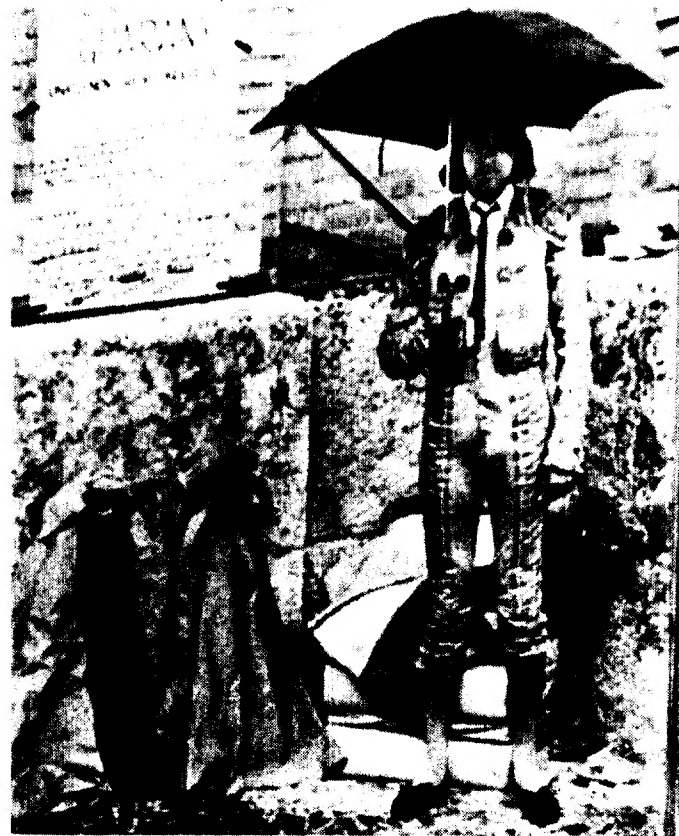
que lá, é «mais fácil» fazer isso a um ser humano).

Se as corridas forem autorizadas, uma no Rio outra em S. Paulo, penso oferecer a receita à Protectora dos Animais. A tourada tem de ser à base de ventosas, como já aconteceu no Canadá. Coloca-se uma espécie de sobrecapa no touro...

Segundo o novilheiro, as corridas seriam a portuguesa: com cavaleiros, forçados e matadores. Apenas com aquela «diferença» do bicho vestido com um colete de antilope...

Acrescente-se que Fernando Guarany não viajou sozinho para o Brasil. Com ele seguiram um crítico tauromáquico e um especialista na organização de corridas de touros. O Rio está «em pé de guerra» à sua espera. Dia 26: conferência de imprensa.

Se as suas intenções forem goradas, o novilheiro poderá, ao menos, acalitar o convite que lhe foi feito para uma nova versão de «Sangue e Arena», que vimos há muitos anos com Tíron Power e Ava Gardner.



Guarany à chuva: subir não foi fácil

Vasco Lourenço não sabia da distribuição das armas

Ao contrário do que divulgaram hoje vários órgãos de comunicação social, não foi emitida qualquer nota interna pelo Quartel General da Região Militar de Lisboa sobre o caso de Edmundo Pedro e, muito especialmente, sobre a posição do general Vasco Lourenço neste caso que continua a provocar controvérsia a todos os níveis. O comandante da Região Militar de Lisboa não sabia, efectivamente, que as referidas armas tinham sido distribuídas por ocasião dos acontecimentos de 25 de Novembro

mas não divulgou qualquer comunicado sobre o assunto nem foi ou está, a ser lida qualquer nota sua nas unidades da Região Militar de Lisboa.

O que de facto aconteceu foi que, no decorrer de uma reunião de rotina que teve lugar no dia 17, o general Vasco Lourenço foi interrogado por vários oficiais que pretendiam saber o que se passara e que, no decorrer da conversa esclareceu os presentes, afirmando não ter tido conhecimento da distribuição das referidas armas.

Rapaz violado num elevador

O pai de um menor de dez anos, capturou o autor de um crime sexual praticado momentos antes no elevador do prédio onde vivia a vítima, na R. Artilharia 1.

O facto passou-se no sábado, pelas 18 horas, quando o menor regressava a casa, e foi agarrado por um indivíduo que

a Polícia apenas identificou por Aguda, de 29 anos, que se diz vendedor de livros, após o que o violou.

Chegado a casa e informado o pai, este imediatamente saiu, conseguindo ainda apanhar o tarado sexual, que entregou à PSP. Aguda será hoje presente ao Juiz de Instrução Criminal.

Operários dos Sabões em greve

Continuação da pág. 1

sa, da comissão central de gestão do grupo.

A nenhuma das reivindicações a administração deu resposta, pelo que os trabalhadores paralisaram quase na totalidade. Dos 1500 trabalhadores do grupo SNS, apenas cerca de 250 dos trabalhadores de escritório não tinham aderido à paralisação esta manhã, em parte por o respectivo sindicato não ter dado o seu acordo a esta forma de luta. Os restantes sindicatos ligados aos trabalhadores do grupo — 20 organizações sindicais — subscreveram a declaração de greve.

Ao fim da manhã, a estrutura representativa dos trabalhadores do grupo propunha-se tentar nova diligência junto da Administração para ultrapassar o

conflito. Dos três sócios administradores da empresa, sabe-se que João e Manuel Rocha dos Santos estão na disposição de receber os trabalhadores, continuando a recusar-se ao diálogo a principal sócia e administradora, Maria Helena Beirão da Veiga. É um irmão desta senhora, o eng. Marques de Sousa, há muitos anos afastado do grupo por má gestão, que desde que foi readmitido em Junho passado, tem cavado o diferendo entre trabalhadores e administração, devido às suas prepotências. Entre outras medidas, pretende aumentar os horários de trabalho com base em interpretação abusiva da PRT do sector e admitir ao serviço do grupo ex-comandos, ignorando todas as pessoas que se encontram na lista de espera para serem admitidas nas empresas da

SNS e violando o acordo com os trabalhadores.

Tratando-se de um dos primeiros grupos de capital privado do nosso País, prevê-se que após dois dias de greve nas empresas do grupo — Sociedade Nacional de Sabões, Vitameal, Sovendal e Fábrica Nacional de Margarinas — produtoras de 35,7 por cento do óleo do País, comece a faltar no mercado o óleo, as margarinas e dentro de muito pouco tempo, as rações para animais.

«Estamos preocupados com essas consequências, mas a nossa luta é justa», declararam os trabalhadores do grupo.

Esta tarde, às 16 horas, os trabalhadores reuniram-se em plenário para analisar a situação e decidir sobre a continuação da luta.

3 tomes

A VINGANÇA

O major Melo Antunes, declarou star bem impressionado com a sua recente viagem a Cuba. Resultado: o diário da manhã «O Dia» ficou muito mal «impressionado» com isto e vai de dar a notícia em estilo mais ou menos raivoso. Chamou a Melo Antunes «conselheiro vitalício da Revolução» e «ditador comunista» a Fidel Castro, e chega mesmo a criticar frontalmente o Presidente da República, a quem acusa de interferir na competência do Ministério dos Negócios Estrangeiros...

AS PALAVRAS TROCADAS

O truque da direita e da extrema-direita é simples, ou melhor, é grosseiramente simplista. Trocam-se as palavras, chama-se preto ao branco e branco ao preto.

Por exemplo, tudo o que seja neofascista, reacçãoário, conservador, de direita ou de extrema-direita, é «democrático». De modo que em certos jornais, as listas «democráticas», os partidos «democráticos», as «forças democráticas» são efectivamente antidemocráticas, reacçãoárias, pró-fascistas, etc...

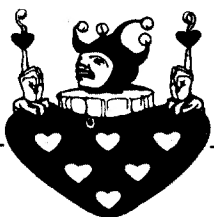
Na tal linguagem trocada, até o MIRN é democrático... Mas a quem pretendem enganar com tais truques de linguagem?

MANEIRAS DE DIZER

Um matutino noticiava o julgamento de Manuel de Portugal nos seguintes termos: «o julgamento do cronista Manuel de Portugal, representado por Henrique Penha Coutinho».

Verificou-se que Henrique Penha Coutinho não era o advogado de Manuel de Portugal, cronista do semanário «Tempo». A representação era muito mais directa. Henrique Penha Coutinho representava-se a ele próprio e por ele próprio respondia. Henrique Penha Coutinho é o nome civil do cronista Manuel de Portugal.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
NO MÊS DE DEZEMBRO
41 280 exemplares
(Hoje 20 páginas)



CANDANCHU
(Pirinéus)
ou ainda
TORREMOLINOS
ACOTEIAS
MONTEGORDO

Capristanos
Viagens e Turismo, S.A.R.L.
Av. Duque de Loulé, 47-A LISBOA
R. 51ª Catarina, 500 PORTO
ou o seu Agente de Viagens



resto de colecções

SALDOS PAIUS

alta sapataria

Rua Garrett, 98-lisboa